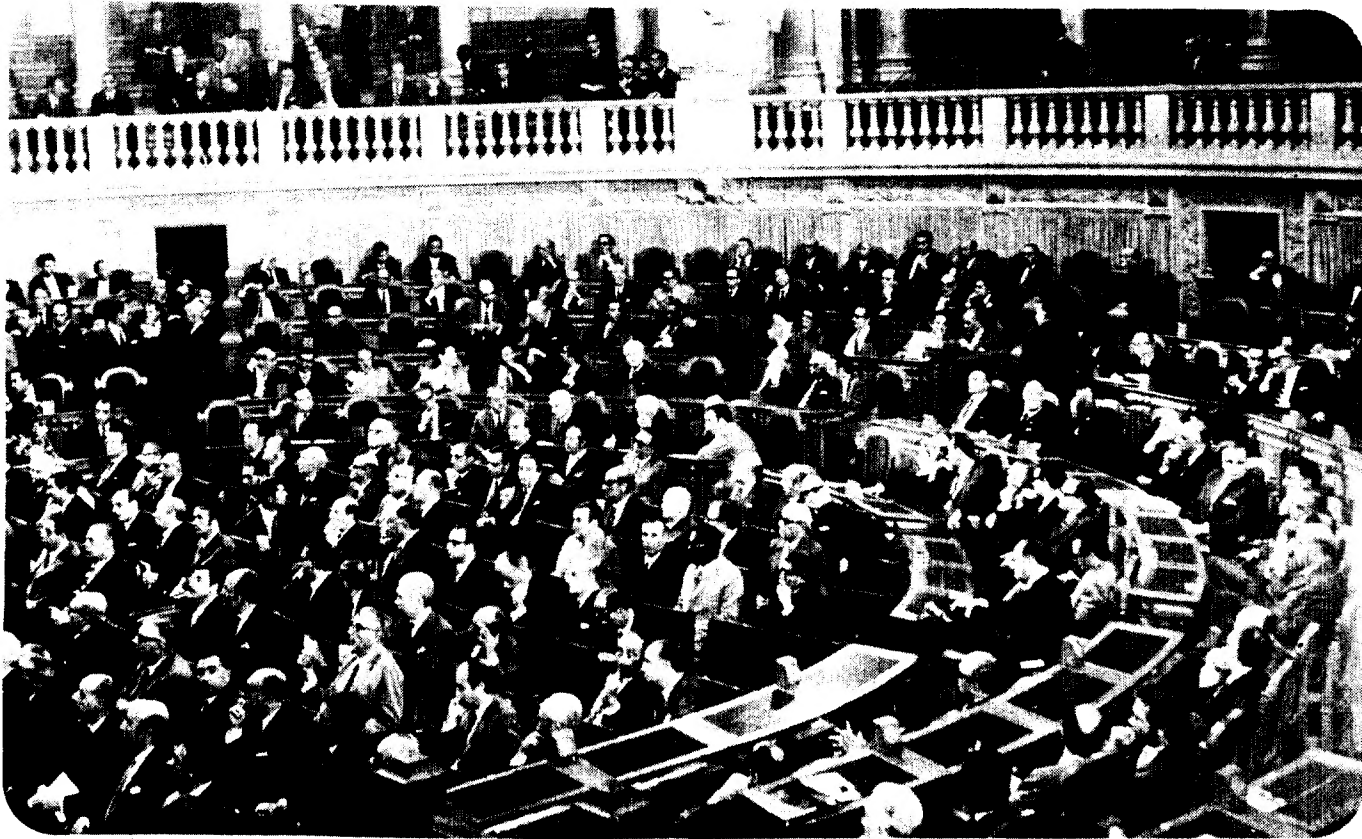




O Colégio Eleitoral reunido hoje em São Bento para a votação

ELEITO O CHEFE DO ESTADO AO PRIMEIRO ESCRUTÍNIO

PERSPECTIVAS

UM RISCO DE APOCALIPSE

A nova série de explosões nucleares francesas na Polinésia ainda está na ordem do dia. Se, em França, a imprensa e a rádio só acidentalmente se referem ao assunto, já o mesmo não acontece no estrangeiro. O Governo francês sabe que, ao prosseguir as experiências, corre graves riscos no plano internacional. Os Governos da Nova Zelândia, da Austrália, do Japão e dos países sul-americanos da orla do Pacífico protestaram oficialmente contra estas experiências e anunciaram medidas de retorsão.

Para dizer a verdade, o principal argumento invocado contra as explosões francesas não convence um cientista. A ilha de Mururoa está situada a mil quilómetros das zonas habitadas da Polinésia e a mais de cinco mil das costas dos países protestantes. A densidade das poeiras radioactivas nestes países será inferior à densidade que infestava o ar da Europa antes do fim das explosões americanas e russas na atmosfera. É inferior à densidade que se registara no continente australiano quando da explosão das bombas nucleares inglesas nas paragens do Oceano Indico. Mas, como me dizia recentemente um colega australiano com certa ironia, o nariz dos seus compatriotas é muito mais

Por
ALFRED KASTLER
Prémio Nobel de Física

sensível ao odor das bombas francesas do que ao das bombas inglesas.

Trazer para primeiro plano o argumento do perigo das poeiras radioactivas tem como consequência fazer esquecer o motivo essencial que deveria fazer, de todos os homens e de todos os povos, militantes resolutos contra o armamento nuclear: o facto de estas armas serem instrumentos de destruição maciça e de cada passo na sua construção nos aproximar do desfecho, a guerra nuclear. Habitua-nos ao equilíbrio do terror porque este

Continua na última página

O almirante Américo Thomaz — candidato único — foi hoje eleito para terceiro mandato na Presidência da República pelo sufrágio restrito de um colégio eleitoral. Patrocinou a candidatura a Acção Nacional Popular. O colégio era composto por 669 individualidades. Presidiu à votação o eng. Amaral Neto, presidente da Assembleia Nacional. Foi a primeira eleição de um Chefe de Estado desde que o prof. Marcello Caetano substituiu Salazar na chefia do Governo.

Apresentaram-se ao Colégio Eleitoral 669 dos seus membros, tendo portanto faltado 24. O almirante Américo Thomaz recebeu 616 votos a favor e 29 votos nulos.

Foi a décima-sexta eleição dum Chefe de Estado desde a proclamação da República, em 1910. O almirante Américo Thomaz fora eleito pela primeira vez em 1958 numa votação em sufrágio universal a que se apresentou como candidato opositorista o general Humberto Delgado. Em 1965 um colégio eleitoral restrito de 582 membros reconduziu-o na Presidência por 556 votos a favor contra 13 votos nulos e a ausência de 16 eleitores. A

eleição desta manhã não foi precedida de debate nem houve campanha eleitoral.

HOJE: 32 PÁGINAS

Morreu em São Paulo Adolfo Casais Monteiro

A morte de Adolfo Casais Monteiro, ontem ocorrida em São Paulo, representa uma grave perda para a literatura nacional, e esta declaração, que pela sua propositada sobriedade poderia levar o leitor menos informado a concluir o acontecimento no rol dos casos comuns, pretende, pelo contrário, ser fiel e imediato reflexo de um profundo desgosto. Ausente de Portugal há longos anos, Casais Monteiro não perdeu nunca, mesmo entre as mais novas gerações, o prestígio que, a partir da sua entrada para a «Presença», em 1930, não fizera mais que crescer e justificar-se. E, quer pela



sua obra, quer pela sua vida de cidadão, Casais Monteiro atingiu um grau de plenitude

e de realização total que só a raros é dado.

Pela sua actividade criadora e crítica, o autor de «Voo sem pássaro dentro» ocupa na literatura portuguesa um lugar da mais extrema importância, e o futuro, que sempre é o juiz a quem não enganam circunstâncias temporais, nada terá a modificar nesta opinião, antes melhor a fundamentará. Já o está anunciando a atenção que a crítica jovem tem vindo, desde há algum tempo, a demonstrar por uma obra que se pluralizou através da poesia, do ensaio, da crítica, do romance.

(Notícia na página 4).

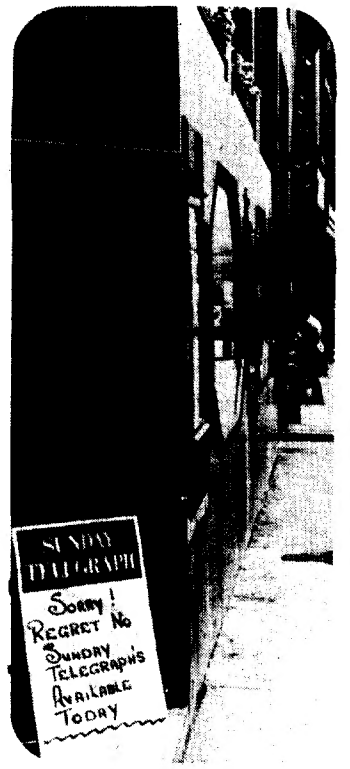
Greves deixam a Inglaterra à beira do caos

O Governo britânico e os sindicatos estavam hoje envolvidos numa violenta disputa que ameaça fazer alastrar o movimento grevista, levando a Inglaterra para o caos. Os trabalhistas consideram que a Grã-Bretanha atravessa a sua maior crise desde a greve geral de 1926. Hoje há um debate de urgência no Parlamento para discutir a actual situação, que começou com a prisão de cinco dirigentes sindicais dos estivadores, acusados de terem violado a controversa legislação sobre as relações de trabalho.

Mineiros, tipógrafos, operários de indústria automóvel e motoristas de camiões haviam já entrado em greve ontem, apoiando os estivadores cuja paralisação impede o funcionamento dos portos ingleses. Hoje, trabalhadores de várias outras indústrias reúnem-se para discutir e decidir se aderem ou não à greve. Há a possibilidade do TUC (Trade Union Congress) tomar a iniciativa de convocar uma greve geral. Entretanto, as importantes negociações tripartidas — com representantes sindicais, do patronato e do Governo — com as quais se tentava solucionar a crise, foram suspensas por decisão dos sindicatos e em resposta à negativa de Heath ao seu pedido de libertação dos cinco militantes estivadores.

Vic Feather, o secretário geral do TUC, disse que não tomaria parte nessas negociações enquanto não fossem libertados os estivadores.

O Governo esperava obter com estas conversações um acordo que evitasse futuras graves perturbações de trabalho.



Os jornais britânicos afixaram cartazes pedindo desculpa por não poderem circular, devido à greve dos tipógrafos. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

DL / VIDA NACIONAL

HÁ QUINHENTOS MIL DEFICIENTES EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS

-REVELOU O PRESIDENTE DA A.P.D.

LOURENÇO MARQUES, 25 (ANI) — «Toda a problemática da integração social dos deficientes, meta a atingir num processo global e contínuo de recuperação, deve forçosamente abranger a educação, reabilitação e integração sócio-económica dos deficientes» — declarou o capitão João Villalobos Vieira, presidente da Associação Portuguesa de Deficientes, que se encontra em Moçambique a convite do Governo, no decorrer de uma conferência de imprensa realizada num dos hotéis de Lourenço Marques.

Depois de dizer que, na Europa Ocidental, há vinte e cinco milhões de deficientes, entre crianças e adultos, o capitão Villalobos declarou que, em Portugal, constituem uma percentagem mínima os diminuídos vítimas da guerra no Ultramar, acrescentando que a grande percentagem foi vitimada por acidentes de trânsito e de trabalho e por doenças.

«Falando em números — disse — posso afirmar que no nosso país estimam-se em mais de 15 por cento da sua população activa o número de deficientes

existentes. Mas, a questão é universal e ainda o ano passado os ministros do Mercado Comum recomendaram como objectivo prioritário a integração profissional dos deficientes. Ora nós, não sendo tão ricos, não podemos ser perdulários e recuso-me a aceitar que necessitemos de lições de calor humano de solidariedade de amor para nos resolvermos a aceitar, a integrar a riqueza humana que mantemos segregada por ser deficiente».

Depois de responder a uma pergunta acerca do que era, exactamente a Associação Portuguesa de Deficientes, o capitão Villalobos disse que as associações económicas e industriais de Moçambique podem fazer muito pelos deficientes motores, acrescentando que estes organismos têm uma palavra a dizer, tendo que ser receptivos na aceitação (mas não por imposição) dos deficientes que queiram trabalhar, que queiram ganhar a sua vida. Ainda nesta linha de pensamento, o capitão Villalobos declarou: «É indispensável que acordem e nos ajudem, pois esta acção de recuperação deve começar tão cedo quanto possível».

Abordado sobre o papel que caberia às associações económicas, nomeadamente no caso de Moçambique, no sentido de tomarem parte activa na recuperação sócio-profissional dos deficientes, o capitão Villalobos evidenciou a urgência daquelas estabelecerem uma programação dos postos de trabalho, programação essa também a ser observada, por outro lado, pelos serviços de Estado.

«Quanto às empresas privadas — disse no final da sua conferência de imprensa o capitão Villalobos — não teriam mais que, partindo das habilitações normalmente exigidas ao trabalhador para a admissão nos seus quadros, vencer o preconceito segundo o qual o deficiente é encarado como o indivíduo a quem se dá o emprego por caridade e não porque realmente satisfaça os quesitos inerentes ao mesmo».

«Como é óbvio, é a criança deficiente, vítima desse preconceito, que irá pesar durante toda a sua vida sobre a sociedade em que se insere, desde que não seja assegurada a sua reabilitação e a respectiva integração».

MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram, em combate, na província de Moçambique, o primeiro-cabo n.º 12926071, Hilário Jorge Pinheiro Rodrigues Filipe, natural de Alenquer, filho de José Rodrigues Filipe e de Gertrudes da Conceição Pinheiro; na província da Guiné, o soldado do recrutamento da província n.º 82022168, Mamadu Samba Djalo, natural de Mançôa, e o soldado milícia n.º 37371 Dicolor, Embalo, natural da Bafatá.

TRIGO AMERICANO PARA OS AÇORES

PONTA DELGADA, 25 (L.) — Oito mil toneladas de trigo, procedente dos Estados Unidos, serão ainda este mês descarregadas em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, destinando-se metade aos celeiros da capital de S. Miguel, 2.500 toneladas à segunda daquelas cidades e 1.500 à última.

ZONAS DE JOGO NO ALGARVE

Segundo as informações correntes, será inaugurado, no ano próximo, no Algarve, na zona da Penina, no Barlavento, o primeiro casino da zona de jogo daquela província e cujas instalações estão já em curso.

A zona de jogo autorizado no Algarve incluirá três casinos: aquele, da Penina; um em Vilamoura e o terceiro em Monte Gordo (Vila Real de Santo António), no Barlavento.




PARA REPRESENTAR
PORTUGAL
NO
VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR
DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

Envie por correio ou entregue pessoalmente no
«Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA
Veja as páginas de espectáculos

SEIS MORTOS NUMA CURVA DE SOURE

Seis mortos foi o balanço trágico de um acidente de viação ocorrido esta madrugada na estrada nacional de Lisboa-Porto, no lugar de Venda Nova (concelho de Soure), entre um automóvel e uma camionete de passageiros. O acidente parece ter-se dado quando o automóvel ao descrever uma curva pretendeu desviar-se de um veículo de carga que saiu da mão para ultrapassar a camioneta de passageiros. O choque foi frontal e de enorme violência, devido à grande velocidade dos veículos, tendo o automóvel sido arrastado à frente da camionete alguns metros.

Chamados ao local, os bombeiros de Soure e Pombal retiraram dos destroços do automóvel seis corpos, já sem vida mais tarde identificados como sendo: António Rodrigues, solteiro, Chapeirão, de 21 anos, natural de Resende, condutor do automóvel; José Rodrigues, pai do condutor, jornalista, de 53 anos, natural de Resende; Manuel Rodrigues, casado, proprietário, de 54 anos, com a alcunha de «O Patarrico»; Maria da Glória de Jesus Rodrigues, solteira, doméstica, de 21 anos, namorada e prima do condutor — todos residentes em Resende; Maria Alice de Jesus Rodrigues, casada, de 51 anos, e seu marido, Manuel Rodrigues, negociante de frutas, de 56 anos, ambos residentes na Musgueira Norte em Lisboa.

UM MORTO E TRÊS FERIDOS PRÓXIMO DA GUARDA

Por o automóvel em que seguia ter embatido violentamente numa camioneta estacionada, no lugar de Pinzio, a 12 quilómetros da Guarda, perdeu a vida Milagros Rebelo Olé Coelho de Oliveira, de 37 anos, natural de Barcelona.

No veículo, que era conduzi-

do por seu marido, Francisco Alfredo Coelho de Oliveira, de 48 anos, comerciante em Covilhã, seguiam também os filhos do casal, Silvina Rebelo de Oliveira, de 11 anos e Alfredo Rebelo de Oliveira, de 1 ano, tendo os três sofrido alguns ferimentos de certa gravidade.

mini jornal

O ministro das Corporações e da Saúde e Assistência, dr. Rebelo de Sousa, visita hoje, a partir das 21 horas, a Casa da M. P. F. em Caparide e a Escola Salesiana do Estoril, nas quais estão a funcionar as colónias de férias para filhos de emigrantes, promovidas pelo Secretariado Nacional de Emigração, com a colaboração do Secretariado para a Juventude e da Mocidade Portuguesa Feminina.

Patrocinada pelo Rotary Clube de Lisboa, efectua-se hoje, pelas 16 e 45, uma reunião dedicada ao «Dia Nacional da Bélgica», ao qual o embaixador daquele país, sr. René Pannis, pronunciará uma palestra subordinada ao tema «A Diplomacia e o Diplomata dos Nossos Dias».

A Sociedade Portuguesa de Otorinolaringologia, Audiologia e Fonologia (Secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa), reúne-se amanhã, pelas 22 horas, com a seguinte ordem da noite: «Alguns apontamentos para a história da audiofonologia em Portugal», pelo prof. Carlos Larroude; e «Epistaxis», pelo dr. V. Ribeiro.

Na Associação de Bombeiros Voluntários de Bucelas começa amanhã, a comemorar o seu 81.º aniversário, prosseguindo os festejos no sábado e no domingo. Amanhã haverá alvorada, com uma salva de morteiros, sendo hasteadas as bandeiras nacional e da associação. No domingo será lançada a primeira pedra para a construção de um edifício anexo ao quartel.

Na Quinta da Graça, à Cruz Quebrada, continuam a decorrer os trabalhos do 21.º Curso de Estudos Ultramarinos, promovido pela Escola Nacional do Círculo de Estudos Ultramarinos, e no qual participam cerca de 120 estudantes, de ambos os sexos, finalistas de liceus e escolas técnicas e do Magistério Primário do continente e ilhas adjacentes. As actividades de ontem incluíam lições de história e etnologia e uma exposição dedicada a Macau e Timor, com a projecção de filmes sobre as duas províncias.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O primeiro grande filme animado para adultos —
as aventuras, a sensualidade, o mistério das «NOITES ÁRABES»

AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS

Produção de KATSUMI FURUKAWA • Realização de EIICHI YAMAMOTO • Director Artístico TAKASHI YANASE

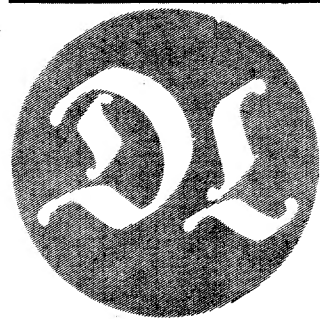
Música de ISAO TOMITA

2.ª SEMANA DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

CINEMASCOPE COLORIDO "A Thousand and One Nights" GRUPO D - 18 anos




ATENÇÃO: Devido à excepcional afluência de público, a partir de amanhã - 4 SESSÕES DIÁRIAS!



Opinião

ONDE NÃO SE FALA APENAS DE POLUIÇÃO

Poluir, isto é, sujar, conspurcar, envenenar, intoxicar, é tão inevitável para o homem como produzir sombra se está ao alcance de um foco luminoso. Em estilo pretensioso, poder-se-ia mesmo dizer que a poluição é a sombra inelutável da existência do homem. Seguindo os caminhos de um idêntico estilo, outras sombras se alinhariam ao lado daquela, mas aos nomes dessas (guerra, fome, racismo, intolerância, e mais, e mais) já todos nos habituámos, e por isso protestamos tão pouco. Porque a verdade é que o homem suporta muito melhor as coisas do que o nome delas, enquanto a ele não se habitua. Depois, suporta tudo.

Em regra, vem a estabelecer-se um equilíbrio que permite ir vivendo entre a ameaça da extinção total e a total erradicação dessa ameaça. Sábiamente, toleram os fabricantes de armas as campanhas a favor da paz, e este é o exemplo mais directo que destes equilíbrios poderíamos dar. Também a poluição não será eliminada. Há-de igualmente estabelecer-se um equilíbrio que permita a venda lucrativa dos processos de a combater até àquele nível que, por um lado, a torne tolerável, e, por outro, não ponha em perigo a prosperidade da indústria que proporcionará os meios para esse combate. Convirá ter sempre presentes esta e outras reflexões, que permitem ver claro em matéria que tudo tende a simplificar: a simplificação excessiva é inimiga de um pensamento lúcido.

Esta visão dos factos, que desejaríamos objectiva, não deve, porém, fazer perder de vista a imediata realidade da poluição e seus mares. Deve-se lutar, simultaneamente, contra certo tipo de mistificação desenvolvida à sombra daquilo a que se chama «nefastas consequências do progresso» e contra a permanente agressão de que somos vítimas por parte dos diversos agentes poluidores.

Veja-se o que se passa na Lagoa de Óbidos. Milhares de peixes mortos, toneladas de tainhas enguias, deram ali à costa. Porquê? São os esgotos, são os resíduos industriais, é tudo o que em casos tais, é veículo de morte, destruição e aridez. O cheiro fétido dos tóxicos paira sobre as águas como um espírito maligno, e não tarda que se instaura um processo de putrefacção que agravará ainda mais o mal-estar ambiente e tornará imediatos os perigos contra a saúde.

Certamente as autoridades competentes vão pôr em prática as medidas de saneamento aconselháveis. Haverá multas, intimações toda uma drástica acção de exemplo e aviso. Admitamos que assim venha a ser, embora a experiência nos dê o direito de manter alguma reserva de cepticismo. Mas, mais do que tudo quanto venha a fazer-se, interessar-nos-ia saber o que fizeram as autoridades antes. Punir delitos é fácil, se há suficiente decisão para isso, mas evitá-los, preveni-los, liquidá-los à nascente, requer outro saber e outra firmeza. Na maior parte dos casos, só quando as infracções ganharam dimensão de escândalo é que, pachorrentamente, a máquina administrativa se põe em movimento.

Ai de quem se atreva a pescar em local proibido! Ai de quem se aventure a dar um tiro em tempo defeso! O pequeno infractor é o alvo predilecto dos justos furores da lei. Entretanto, os peixes morrem envenenados aos milhares, as aves desaparecem dos campos envenenados — por obra dos grandes infractores que dispõem de muito mais do que um simples anzol ou de um banal cartucho de caça. Quando será que aprendemos que a lei não passa de simples papel impresso enquanto não houver a decidida vontade de a cumprir?

Auxílio japonês

O Fundo Japonês de Cooperação Económica com Países Estrangeiros concluiu um acordo com o Governo da Indonésia, nos termos do qual concederá a este país um empréstimo de 1224 milhões de yens destinado à construção de uma estrada no Borneo Oriental.

Por outro lado, o Japão concedeu à Birmânia um crédito de 56 milhões de dólares, que será aplicado na realização de projectos de desenvolvimento, nomeadamente a construção de uma fábrica e de quatro centrais eléctricas, e um outro de 4620 milhões de yens, que o país utilizará para financiar a compra de produtos nipónicos. Este último é reembolsável em 25 anos e vence a taxa de juro anual de 3 por cento.

Indústria nuclear

A Espanha prevê investir brevemente 4,2 mil milhões de pesetas na execução de um projecto de construção de um protótipo de reactor nuclear rápido.

Com a execução deste projecto, integrado no III Plano de Desenvolvimento, pretende-se alcançar, entre outros, os seguintes objectivos:

- Introdução em Espanha da tecnologia dos reactores nucleares rápidos e das técnicas de construção dos vários componentes destes reactores;
- Formação de técnicos especializados;

- Nacionalização do ciclo completo de obtenção do combustível para reactores rápidos.

Mais carne

Com algum atraso sobre as experiências já feitas pelos países vizinhos neste domínio, a Bulgária vai agora começar a realizar um vasto programa de desenvolvimento da criação de suínos e de estruturação da respectiva indústria de abate e de transformação de carnes.

Para o efeito, o organismo estadual agrícola búlgaro Rodop acaba de concluir um contrato, no valor de 850 mil libras, com a Pig Improvement Company (PIC), da Grã-Bretanha, nos termos do qual a firma inglesa se compromete a enviar para a Bulgária, por via aérea e durante dois anos, um total de 6500 porcos de raça, animais que servirão de base ao lançamento da futura indústria. A firma inglesa fornecerá também a necessária assistência técnica, nomeadamente no que respeita a sistemas de alimentação, prevenindo-se a permanência de alguns dos seus funcionários na Bulgária durante um período de pelo menos três anos, bem como a realização de um programa de formação de mão-de-obra especializada, parte no Reino Unido e parte na Bulgária.

O plano de produção organizado pela PIC permitirá à Bulgária, já em 1977, produzir 3 milhões de animais destinados a abate, o que então representará 80 por cento da produção total do país. Ao que se espera, nessa data a Bulgária deverá dispor de uma das mais eficientes indústrias de abate e transformação de carne do mundo.

Esta encomenda de animais de raça suína e de assistência técnica no domínio dos processos de criação pela Bulgária à PIC é considerada como a maior encomenda do género até hoje feita por qualquer país.

ANTÓNIO SANTIAGO



A QUESTÃO DE OKINAWA

Um imponente desfile de forças policiais caracterizou, em Tóquio, a cerimónia da restituição ao Japão (por parte dos Estados Unidos) do arquipélago das ilhas Riukiu, do qual Okinawa é a ilha principal. Os partidos da esquerda tinham, de facto, organizado numerosas manifestações para protestar contra o governo, o qual, no próprio momento em que saudava o regresso de Okinawa à mãe pátria, autorizava os americanos a manterem ali as suas bases militares.

Os acordos nipo-americanos, conseguidos após longas discussões, nas quais esteve particularmente empenhado o ex-primeiro-ministro japonês Sato, prevêem o reconhecimento da plena soberania do Japão sobre as ilhas, após vinte e sete anos de ocupação militar dos Estados Unidos. Mas não prevêem, como se sabe, o abandono das bases militares americanas. As forças dos Estados Unidos permanecerão no território, já não como ocupantes mas como aliadas. A magistratura japonesa terá jurisdição igualmente sobre os soldados americanos. Nenhuma operação militar poderá ser empreendida sem o consentimento do governo de Tóquio.

Também a questão dos armamentos atómicos presentes na ilha foi resolvida «de qualquer modo», dado que os americanos nunca admitiram ter depósitos nucleares nas Riukiu (mas considera-se certo que os tenham). A certeza dada pelos Estados Unidos, nos últimos tempos, de querer respeitar a vontade japonesa sobre o desarmamento atómico faz, todavia, pensar que as frentes serão retiradas. O acordo prevê, finalmente, que a defesa do arquipélago seja confiada, com o tempo, às forças japonesas.

Restituindo as ilhas ao Japão, os americanos satisfazem um desejo nunca oculto pelo governo de Tóquio e por uma larga parte da opinião pública. Mas não era realístico pensar que iriam desmantelar também um sistema defensivo de óptimas bases navais e aéreas que controla praticamente o Sudoeste asiático, próximo como está da Coreia, das costas chinesas, da Formosa, do Vietname, das Filipinas. É, antes, previsível que os japoneses sejam convidados a tomar parte nele, especialmente agora que estão para se rearmar.

Há vinte e sete anos, Okinawa foi teatro de uma das mais sangrentas campanhas da guerra do Pacífico. No dia 1 de Abril de 1945, Domingo de Páscoa, a infantaria americana desembarcava na ilha já revolvida após cinco dias de maciços bombardeamentos navais e aéreos. Os

japoneses haviam retirado das praias porque o seu plano previa uma defesa a todo o transe em posições mais recuadas. Quando ambas as infantarias entraram em contacto, em 10 de Abril, os americanos haviam já desembarcado 160 mil homens. Os combates foram duríssimos: embora atacados por forças superiores, os japoneses resistiram com incrível tenacidade. E quando tiveram que se retirar, fizeram-no reconstituindo imediatamente uma outra linha defensiva. O terreno de Okinawa é contestado, hora a hora, com linhas de combate tão próximas umas das outras que, os navios americanos de onde eram bombardeadas as posições inimigas, se temia atingir a própria infantaria. Nas águas do arquipélago travaram-se, entretanto, incessantes combates aero navais. Os japoneses enviaram uma esquadra composta pelo famoso *Yamato*, o maior couraçado de todos os tempos, por um cruzador e por oito contratorpedeiros. Simultaneamente, puseram em acção a operação *Ten-go*, isto é, um gigantesco ataque de *Kamikaze* contra os navios adversários. Porém, em 7 de Abril, a aviação americana afundou o *Yamato* e destruiu grande parte da esquadra nipónica. Nos dias e semanas seguintes, os aviões japoneses atacaram três mil vezes os navios dos Estados Unidos, afundando uma vintena e danificando mais de sessenta. Só em 21 de Junho Okinawa foi completamente ocupada, e os americanos começaram imediatamente a construir aquelas bases e aqueles aeroportos que hoje são objecto de tantas polémicas.

As recordações de guerra levaram o imperador Hirohito a falar, na cerimónia de 15 de Maio, dos sacrifícios suportados pelos habitantes de Okinawa naquela época e nos anos seguintes, e a augurar a sua prosperidade no futuro. Porém, a gente da ilha parece preocupada. Durante a guerra sofreu muitíssimo: não só devido às operações militares, mas também pela brutalidade com que o exército japonês a enquadrou na resistência à invasão. Depois, as coisas mudaram. Os americanos trouxeram a luz eléctrica, a água, as estradas e aquele bem-estar, em matéria de fomento do consumo, que acompanha a permanência de um exército rico. Por isso, os ilhéus não parecem lá muito felizes de regressar à administração de Tóquio e são os únicos a alegrar-se pelo facto dos americanos permanecerem na ilha: neste momento, sem os quarenta mil militares-clientes das bases, Okinawa estaria ameaçada de uma grave crise económica.

DL / ESPECTACULOS

JÁ ESCREVEU AO SEU VELHINHO, HOJE?

Estou farto, por hoje, de ouvir o Kenneth Clark dizer, a respeito de pormenores nos quadros de Seurat, que «são encantadoramente belos». Vou aproveitar o intervalo para pensar, para ordenar, perdão, olha que coisa! para ordenar a crítica.

Bem. Começo logo por atirar o episódio das terras do Arco-Íris pela borda fora. Agonia. Logo a seguir, cuidadosamente, separo o *Povo que canta*, pois se trata de uma repetição. Fica-me o *Jogo do Galo*, sem grande motivo para crônica. Novidades, nenhuma. Os organizadores do concurso também não aprenderam nem esqueceram nada. Raras são aquelas perguntas que podem contribuir para o enriquecimento cultural (ena, que pala-

vrao!) do telespectador. Algumas são francamente ridículas. E quando o brilhante concorrente sabe quem foi Bellini, e desconhece Vieira da Silva, está a acontecer alguma coisa que transcende o jogo simplório das perguntas e respostas para se penetrar no estranho mundo de uma certa «ficção cultural» baseada na memorização de que o concorrente, como tantos outros, são vítimas.

Não. O *Jogo do Galo* ainda não dá motivo para espanto público, quer dizer, não dá motivo para escândalo. Até que. Um dia, aparece por aí outro anti-herói, outro Serranito que alimpa umas massas, joguete do acaso, e se põe na alheta para o Alvito, a gozar o fardo de mel da celebridade.



Por MARIO CASTRIM

Da maneira que nos fica só a *Porta Aberta*. Mesmo essa, praticamente fechada. A tal discussão sobre a velhice ainda não veio. Sabe Deus quando virá. O tema da velhice será talvez um tema condenado a morrer de velho.

Enquanto não vem a tal discussão, Artur Varatojo entra em monólogo. Pergunta o que mais convirá a um velho: ficar com a família ou fora dela. Aponta as vantagens e as desvantagens de cada modalidade. Pergunta-nos se já pensámos no tormento de alguém «calado, com uma grande vontade de dizer coisas».

Artur Varatojo não se dá conta de estar a levantar um falso problema. O importante não é sermos nós a definir o destino dos velhos: eles é que devem fazê-lo. A sociedade não tem mais do que garantir-lhe a independência, proteger-lhe a capacidade de opção. A sociedade futura, está claro, por-

que a actual tem mais em que pensar.

Outro falso problema levantado por Varatojo consiste na convicção de que os velhos, por definição, são contra a juventude, contra os processos e os ideais da juventude. A verdade é que o acto de estar «velho» pode acontecer perfeitamente aos vinte anos e o gesto de ir com a juventude pode acontecer aos oitenta.

O pendor caritativo da «Porta Aberta» é o seu lado mais fraco. Artur Varatojo deve afastar de nós, rapidamente, esse copo de óleo de ricino.

Ontem, lá veio o rincinho: um jovem oferece-se para trocar correspondência com pessoa idosa, para assim, etc., deste modo, etc., e se todos fizessem assim estão a ver quanto ficavam a lucrar os velhos deste país...

Jovens portugueses! Rapazes e raparigas de tanto e tanto coração! Escrevam a «Porta Aberta», Alameda das Linhas

de Torres», escrevam para se alistarem na grande cruzada sob a bandeira «Um jovem para um velho». Não demorem!

JOSÉ DE CASTRO:
A INTELIGÊNCIA
DAS RETICÊNCIAS

«Um dia com...» não prima geralmente pela qualidade das exposições nem pelo seu poder junto do público. Ouve-se no programa da hora do almoço e minutos depois está esquecido. Reparem que, sem querer, escrevi «ouve-se...». Na realidade, a rubrica tem, agora, um carácter radiofónico. Podemos fechar os olhos. Não faz mal: é só ouvir.

José de Castro, o convidado de ontem, tem de fazer excepção. Porquê? Será difícil explicá-lo. Porque o actor não veio falar-nos da crise do teatro, não carrou argumentos mais ou menos certinhos, aparentemente correctos: não temos dramaturgos, não temos actores, não temos teatros, não temos público e assim por diante...

José de Castro não tirou cartas desse baralho. São cartas viciadas. Porquê? Porque tudo isso são apenas sintomas. De crise. Mas não de teatro. Quando José de Castro nos diz, numa breve autocritica, que talvez a culpa seja dele, e de outros, por não terem sabido lutar, a palavra lutar deve en-

tender-se num sentido amplo que ultrapasse os limites do próprio teatro para se integrar num maior significado cultural e social: lutar pelo teatro não é necessariamente lutar no teatro.

Que foi então José de Castro fazer à televisão? Que foi ele lá dizer?

Foi dizer isso mesmo. Foi não dizer o que não disse. Foi não dizer o que não teria oportunidade de dizer. Foi semear reticências. Foi lá adiantar que a culpa não é do teatro. Foi lá sugerir que o amor pelo teatro deve provir de uma generalidade, deve ter raízes na própria vida.

Evidentemente ninguém vai supor que o desamor pelo teatro é um fruto do tempo presente ou de há algumas décadas a esta parte.

Esta é a verdade. Verdade incluída nas reticências de José de Castro. Um homem que prefere estar vivo num texto vivo de revista, a estar cadáver dourado num texto múmio-dramático. Convidou-nos para viajar com ele nos meandros da inteligência. Perdeu-se alguma coisa? Talvez. A palavra directa possui a força de que ninguém mais pode gabar-se. Mas vamos confiar na inteligência dos telespectadores. Dos leitores. É, mais do que nunca, uma aplicação rendável de confiança.

PAPÉIS DECORATIVOS PARA REVESTIR PAREDES GRANDE BAIXA DE PREÇOS

Rolos para todos

desde **ESC. 60\$00**

Padrões modernos, cores inalteráveis e laváveis.

Av. João Crisóstomo, n.º 10-B
(Lado Casa da Moeda)

CURSOS DE VERÃO

LICEU—2.ª ÉPOCA

Externatos

AV. DA REPÚBLICA, 83-52
TEL. 77 90 47 - 76 96 20

CRISFAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA 1972-73

excursões CP

1 — S. PEDRO DE MUEL e NAZARÉ em 23 de Julho de 1972

- * Partida no comboio rápido às 8.10, em 1.ª classe. Regresso às 23.40.
- * Itinerário de autocarro: Marinha Grande, S. Pedro de Muel, Sítio, Nazaré, Alcobaca, Batalha, Leiria, Pombal.
- * Almoço em S. Pedro de Muel.

PREÇOS (tudo incluído)

Lisboa	270\$00
Evora/Beja	380\$00
Faro/Lagos	470\$00

2 — ALGARVE E AS SUAS BELAS PRAIAS em 22 e 23 de Julho de 1972

- * Partida de Lisboa-T. Paço às 7.35, em 1.ª classe (sábado). Regresso no domingo, às 23.40.
- * Almoço em Albufeira e na Torralta com tempo livre de praia.
- * Alojamento em Hotel de 2 estr.:las em Faro.

PREÇOS (tudo incluído)

Lisboa	590\$00
Santarém	640\$00
Tomar/Abrantes	680\$00
Coimbra	730\$00

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa - Rossio
Estação de Lisboa - Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.ª — Lisboa

Organização Telef. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Voe com vantagem ganhe Madrid na sua viagem à Europa



Algumas companhias podem transportá-lo a partir de Lisboa, a quase todos os pontos da Europa. Mas só a IBÉRIA lhe sugere que, simultaneamente, passe a conhecer outra grande cidade do velho continente.

Oferecemos-lhe Madrid na sua viagem à Europa. Aprecie um dos melhores museus do mundo, o mistério envolvente de um

"tablado" de flamenco, a história de Avila e Toledo contada em pedra. Aprecie, em suma, os dias e as noites de uma cosmopolita e animada cidade. Madrid vale bem uma pequena despesa preliminar à sua viagem à Europa.

Voar com a IBÉRIA dá-lhe vantagem!

Consulte o seu agente de viagens ou a



IBERIA

LINEAS AEREAS INTERNACIONALES DE ESPAÑA

Lisboa: Rua Barata Salgueiro, 28-6.º - Tel. 539571 - Porto: Av. dos Aliados, 9-4.º, Sala V - Tel. 380658

DL / ESPECTÁCULOS

DON MCLEAN: o lugar do mito

Para se compreender a música de Don McLean é necessário conhecer os aspectos essenciais da crise ideológica americana (1960-65, 1965-70) e a sua repercussão nos círculos universitários que progressivamente consciencializados criam organizações como a S.D.S. (Students for Democratic Society), apoiadas desde os primórdios pela maioria dos cantores populares.

Embora esta «pista» só por si não baste para explicar os traços fundamentais da música de Don McLean, serve pelo menos para situá-lo historicamente.

Recordamo-nos que o cantor foi divulgado em Portugal com um disco de formato pequeno, contendo na face A «American Pye», que, durante semanas consecutivas, ocupou o topo das tabelas de vendas nos Estados Unidos. De Don McLean pouco se sabia: as mais importantes publicações musicais inglesas e norte-americanas, uma vez consolidado o êxito, dedicavam-lhe páginas inteiras recheadas de pormenores interessantes. «American Pye» era o tema: uma verdadeira epopeia carregada de referências mitológicas que, no álbum do mesmo nome se encontravam amplamente exploradas através de constantes viagens no terreno da memória. McLean tem, aliás, uma perdileção muito especial pelas imagens da infância e pelas recordações que lhe ficaram da adolescência.

Para o autor de «American Pye» a mitologia é, antes do mais, a América reinventada desde as grandes pradarias até ao pioneirismo que tão bem a caracteriza. Jogando com as palavras, que ganham na maioria dos seus temas uma força significativa apreciável, Don McLean é um dos casos mais interessantes da música popular que conhecemos.

Não tendo embora a intenção de pôr em música de forma programática os conflitos que agitam e desagregam a juventude, Don McLean consegue traduzir ao nível do mito a epopeia amarga de uma América hiperindustrializada que lentamente se auto devora, arrastando na queda o que de melhor em si se construiu.

Ao contrário de Pete Seeger ou de Ton Paxton, Don McLean não se serve da música para condenar frontalmente o sistema. A canção limita-se, no seu caso, a funcionar como testemunho de um estado de espírito partilhado por milhões de jovens. Mesmo assim verifica-

mos que em certos pontos o seu trajecto se cruza com o dos cantores mais seriamente «empenhados». Em meados de 1971 vê-se integrado com Pete Seeger numa campanha contra a poluição organizada por cantores, cientistas e intelectuais na baía de Hudson. Do seu curriculum fazem ainda parte numerosas actuações em campanhas de sufrágio, nomeadamente contra a Guerra do Vietnam. Para além disso, não dei-

Crítica de JOSÉ JORGE LETRIA

xa de ser significativa a amizade que o liga a Arlo Guthrie, filho do malogrado Woodie Guthrie.

Chega, entretanto, a Portugal um single com selo United Artists contendo dois títulos: «Vincent» (Lado A) e «Castles in The Air». Não obstante a sua grande simplicidade (ou talvez até por isso) «Vincent» ocupou, à semelhança de «American Pye», o primeiro lugar das tabelas de vendas nos Estados Unidos durante algum tempo.

Trata-se de um tema intencionalmente «melódico» que, no suave acompanhamento de uma «steel guitar», vê valorizada a sua força simbólica. «Vincent» é mais uma das figuras mitológicas que povoam a obra de Don McLean. Condensando idealisticamente todas as características de «ser-puro», Vincent pouco tem a ver com o real circundante.

Os seus «olhos azul-china» contemplam um mundo que perante a sua imagem lentamente se desagrega.

No lado B «Castles in The Air» mais composto do ponto de vista instrumental e de certo modo servido por uma melhor vocalização é muito menos significativo que «Vincent» apesar de no essencial representar a destruição do que em «Vincent» nos aparece proposto.

Trata-se pois dum disco que recomendamos, para além do sucesso fácil que parece envolvê-lo, já que a sua audição pode contribuir para o melhor conhecimento de um autor importante.

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

PAULO DE CARVALHO NO RIO "quero fazer boa figura!"

Paulo de Carvalho é um dos melhores intérpretes portugueses. Dele dizia Thilo Krasmann, ainda há pouco, numa entrevista concedida ao programa 1-8-0: «O Paulo é o melhor cantor português. Esta é a opinião de um músico. Creio que os outros músicos que o conhecem devem estar de acordo comigo». E evidente que se pode discordar de uma afirmação tão peremptória, mas do que se não pode duvidar é das excelentes qualidades de voz do intérprete. Pois foi a pensar nisso que a organização do F.I.C. (a nacional) não teve dúvidas em indicar o seu nome como um dos representantes portugueses para o Rio de Janeiro: estava assegurada a qualidade. Sobre essa escolha, diz Paulo de Carvalho:

«Para mim foi ótimo ter sido escolhido. O significado dessa escolha está bem à vista; para já, a oportunidade de ir ao Rio, a um festival da importância do F.I.C., é sempre uma coisa a ter em conta!»

Paulo está, pois, «dentro da jogada». Ele sabe o que significa uma presença no maior festival do mundo (a nível competitivo, claro!):

«Por norma não gosto muito de festivais competitivos. Mas acontece que o Festival da Canção do Rio de Janeiro, musicalmente, e isso é que me interessa, é o que tem mais interesse entre todos os festivais que se realizam no mundo inteiro.»

Paulo interessa-se, essencialmente, pela música, embora faça o possível, na sua condição de intérprete, por não descurar as letras. Ele pretende, aliás,



«Para mim foi ótimo ter sido escolhido».

cantar letras boas feitas para músicas boas. Espera que isso passe a ser uma constante, segundo já tem informado a quem

lhe pergunta. Por tudo isso, impunha-se a pergunta: Que tal a música do Pedro Osório?, e (logo a seguir) a letra? Às duas

perguntas, as respostas vieram rápidas e precisas:

«Tive já bastantes contactos com a música do Pedro. É muito boa. Agrada-me sem reservas.»

Quanto à letra: «A letra é do José Niza, e isso diz tudo.»

Sem querer estar a julgar nada nem ninguém, parece-nos que a escolha do José Niza, com um passado musical e poético firme, não deixa margem para dúvidas. Lembremo-nos, para não ir mais longe, da letra de «Festa da Vida», primeiro prémio do último festival TV da Canção Portuguesa. Passemos, entretanto ao Paulo de Carvalho. Com que objectivos se prepara ele para ir ao Rio?

«Não vou com grandes expectativas de ganhar. O que me interessa mesmo é uma boa presença. Vou com toda a vontade de fazer uma boa figura.»

Pedro Osório estava presente. A sua música tem, segundo no apercebemos, um refrão. E diz o Paulo:

«Vai ser utilizado o coro, no refrão.»

Apenas, claro, uma pequena indicação. Em breve, aliás, que não falta tanto tempo assim para o Festival, teremos oportunidade de saber como tudo isso vai resultar. Seja como for, disco com a canção que o Paulo leva ao Rio deve ser, muito possivelmente, o próximo trabalho seu a ser colocado no mercado. Paulo ainda tem outro disco gravado, mas...

«Ainda não sei qual dos dois sairá primeiro.»

Era tudo. Boa viagem, Paulo

Seeger também evoca Guthrie

Woodie Guthrie foi um dos nomes mais representativos da música popular norte-americana. As suas canções marcaram profundamente as gerações seguintes. Conscientes disso os cantores que de algum modo foram beneficiados com a sua música decidiram gravar dois discos a homenageá-lo. Neles colaboraram, Pete Seeger, Arlo Guthrie, Judy Collins e outros. A nossa rádio começou já a dar-lhes o destaque que merecem.



Câmara Municipal de Lisboa Casa da Comédia

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
Voltam a apresentar
Hoje e todas as noites pelas 21.45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE
DE LA MANCHA E DO GORDO
SANCHO PANÇA»
de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo
JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local
Descanso companhia 2.ª feira Grupo B — 10 anos

**Um despertar
feliz
com**

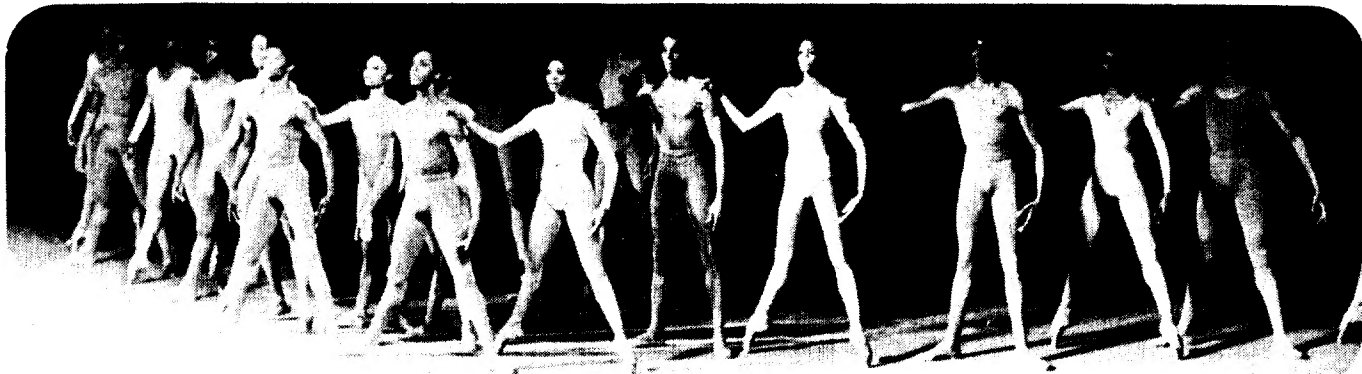
Beech-Nut

**A partir dos
8 meses**

**Alimentos infantis
preparados para uso
imediato**

Beech-Nut
a partir dos 3 meses

DL / ESPECTÁCULOS



BAILADO BRANCO E NEGRO

A comunidade negra que habita Harlem, bairro de Nova Iorque, passou a contar com uma escola de bailado a partir de 1969. A iniciativa partiu dum grupo de profissionais, que assim fundaram **The Dance Theatre of Harlem**. No programa distribuído na Gulbenkian, onde esta Companhia se apresentou agora numa das suas «tournée» pela Europa, lemos entre outras coisas: «realizámos então o que para a maior parte das pessoas se tratava do primeiro contacto com a arte e a disciplina do bailado...», «as inscrições sucederam-se em ritmo acelerado...», «embora a principal função da escola seja servir a comunidade local, temos atraído alunos de todas as partes...», «o currículo baseia-se no bailado clássico, mas também há aulas de etnia, exercícios físicos modernos, jazz...», «os alunos mais débeis e menos preparados recebem a mesma cuidadosa assistência...», «todas as aulas são ministradas por profissionais, apesar de nos propormos oferecer o melhor ensino de bailado à maior quantidade possível de pessoas, com propinas reduzidas ao máximo, está também prevista a concessão de bolsas de estudo e de condições financeiras especiais...», desta escola nasceu o Dance Theatre of Harlem, manifestação pública e até agora inédita do ensino do bailado clássico a pessoas de

cor...», «os jovens bailarinos do Dance Theatre of Harlem têm sido os embaixadores da comunidade de Harlem por todo o Mundo...»

O que é mais evidente em tudo isto é a função pedagógica — a vários níveis — da Companhia. E digamos que é aí que reside ao mesmo tempo toda a sua virtude e toda a sua fraqueza. Em poucos anos conseguiram formar bailarinos de mérito (o facto de todos eles serem negros, pouco adianta, pois, que seja do nosso conhecimento, a Genética não carecia duma prova prática da aptidão dos negros para o bailado clássico) e atingiram, no conjunto, a dignidade artística suficiente para se afirmarem dentro e fora da comunidade a que pertencem. Mas depois há o paternalismo subjacente a esta «obra de caridade cultural» (passe a expressão), a ideia de que abrir aos negros a prática do bailado clássico significa para eles um bem, a promessa de melhores dias, a oportunidade duma realização artística de ordem superior, no fundo, um passo mais no sentido de favorecer o seu acesso à «civilização». Ora toda a gente sabe que a comunidade negra da América do Norte criou uma cultura própria, estreitamente ligada a uma situação de menoridade social e política que lhe foi e é imposta pelos detentores da cultura dominante. Simplesmente, ao contrário do que muita gente ainda tem arreigado na ideia, não há uma relação hierárquica entre as duas culturas, isto é, uma (digamos... a branca) não é superior à outra (digamos... a negra). Existe, sim, uma

relação dialéctica entre elas, uma sucessão de fenómenos de assimilação e de rejeição, que naturalmente, e dado o antagonismo vigente, mais contribui para afirmação da individualidade de cada uma.

O que falta no Dance Theatre of Harlem é precisamente a inserção nesse processo dialéctico. «Os negros vão mostrar a todo o mundo que são capazes de dançar o bailado clássico tão bem como os brancos»: esta tirada programática, que não destoaria no estandarte do Dance Theatre of Harlem, só pode significar, para nós, a aceitação tácita da superioridade da cultura branca em relação a negra, o que, está bem de ver, é a tese dos estratos mais reacçãoários da sociedade norte-americana, mas não é nem nunca foi a dos estratos verdadeiramente representativos da comunidade negro-americana. O «jazz» esclarece todas as dúvidas a este respeito e quase seríamos tentados a cair no idealismo de Arnold Toynbee dizendo que, nesse capítulo, funcionou o «estímulo da adversidade» dado que os negros criaram uma música muito mais rica e com muito mais vitalidade do que toda a que os seus dominadores brancos americanos seriam capazes de produzir, se a ignorassem.

Do contacto de Harlem com o bailado clássico estávamos pois à espera não duma impor-

CRÍTICA DE MARIO VIEIRA DE CARVALHO

tação passiva e acrítica mas duma assimilação criadora, da síntese entre o dado oriundo duma cultura estranha (tese) e os dados duma tradição cultural própria bem vinculada (antítese). Antes mesmo de ver o espectáculo, já a leitura do referido programa fazia desconfiar disso: de salientar, nomeadamente, para além do tal tom pedagógico, a preocupação de não descurar «as lições de etnia» e o «estilo étnico» (como se fosse possível ensinar a alguém a expressão estética de algo com que esse alguém estivesse medularmente identificado). Percebemos depois que a «etnia» e o «estilo étnico» não passavam afinal de pobres arremedados intercalados posticadamente no contexto, que lhes era estranho, do «ballet» clássico.

Claro que Lydia Abarca, Virgínia Johnson, Walter Raines e Derek Williams e outros membros da Companhia são excelentes bailarinos, mas só teriam a ganhar se ingressassem nas companhias dum Alvin Nikols ou dum Merce Cunningham. E teriam a ganhar não apenas no plano estético. Quem sabe se não seriam então mais autenticamente de Harlem. O branco e o negro, nos Estados Unidos, também podem ser cores solidárias («malhas que o império tece...»).

DL show

Maria da Graça regressa em breve ao Brasil.

Gravado há muito tempo já, o disco do «Efe 5» que inclui a canção popular do Alentejo «Baleizão» ainda não foi visto nas montras das discotecas. Que se passa?

Natalina Bizarro, Ana Hortense, Fernanda Pinto e Alcino de Carvalho: um elenco de respeito na Adega Mesquita.

Vai estreiar no Teatro Experimental de Cascais a peça «El Rei Seleuco», na qual Orlando Costa desempenha um importante papel.

A «Nexus», que tem desenvolvido um importante trabalho na divulgação da música «rock» em Portugal, propõe-se realizar um espectáculo com proporções semelhantes às de «Blackground», mas apenas dedicado à música portuguesa. Nele participam actores e cantores conhecidos do grande público.

O jornalista português José Viale Moutinho, que ainda recentemente lançou no mercado a antologia de canções «O Nosso Amargo Cancioneiro», prepara para o fim deste ano ou princípio do próximo dois livros biográficos dedicados respectivamente a José Afonso e Adriano Correia de Oliveira.

Dois Teatros abertos em Lisboa, de férias o grupo Amador de Campolide. Entretanto o Grupo da Madre de Deus não parou. Em breve irá a Setúbal.

ESPECTÁCULOS NO ALGARVE

Para eleição das representantes a



LOCAL	PRAIAS	DIAS
Hotel dos Navegantes	Monte Gordo	25/7
Casino	Armação de Pera	26/7
Esplanada-Avenida	Olhão	27/7
Esplanada S. Luís	Faro	28/7
Esplanada	Conc. de Tavira	29/7
Esplanada	Luz de Tavira	30/7
Teatro Pax	Albufeira	31/7
Fortaleza St.ª Catarina	Praia da Rocha	1/8
Piscina Água Azul	Lagos	2/8

Os espectáculos realizam-se às 21,45 h.

DESFILE DE LINDAS JOVENS UM ESPECTACULAR SHOW E MÚSICA PARA DANÇAR

A atracção internacional O popular «duo» VITTÓRIO SANTOS • ELAS

O EXCEPCIONAL CONJUNTO KAMA SUTRA

Ainda GABRIEL CARDOSO e CRISTÓVÃO (Em Faro)

Cada bilhete será um voto!... O público será o júri UM AUTOMÓVEL HONDA OFERTA DA SANTOMAR, UM TERRENO DURATUR E CENTENAS DE CONTOS EM PRÊMIOS!

LEIA A CAPITAL E... CONCORRA!

ENTREGUE O SEU BOLETIM DE INSCRIÇÃO ATÉ AS 16 HORAS NO LOCAL DOS ESPECTÁCULOS A ELEIÇÃO DE MISS PRAIA 72 TEM O PATROCÍNIO DE



OS BILHETES JÁ ESTÃO A VENDA M/10 anos

O JAZZ VOLTA A CASCAIS

Segundo informações colhidas junto de Luis Villas-Boas, o grande «motor» do I Festival de Jazz de Cascais, a segunda grande série de espectáculos de música de Jazz a realizar naquela vila está a caminho da concretização. As datas previstas são as de 10, 11 e 12 de Novembro. A exemplo do que se passou no ano passado, estarão entre nós alguns dos nomes mais representativos do Jazz de todo o mundo.



VIAGENS RAWES
o seu agente de viagens recomenda-lhe

8 DIAS EM LONDRES
só 3.350\$00
VIAGENS EM GRUPO

Partidas:
17 e 31 de Julho
3, 7, 14, 21 e 28 de Agosto

INSCREVA-SE JÁ
Reservas e informações:

Rua Bernardino Costa, 47 (ao lado do Sodrê)
Tel 3702 31 Lisboa 2



DO DESCANSO ESPECIAL DO PESSOAL DA



BENEFICIA VOCÊ

Nós, pessoal da Dardo, descansamos 2.ª-feira de manhã, durante o Verão. Se V. quiser colaborar connosco, venha no Sábado, até às 19 horas, «castigar-nos» com as suas reclamações e as suas compras.

PROMETEMOS REDOBRADA ATENÇÃO

Admire a nossa espectacular gama de frigoríficos e os nossos preços verdadeiramente sensacionais. Há muito que «abolimos» as fronteiras nos nossos preços: estão ao nível da Comunidade Europeia. Por favor autorize-nos que nesta campanha não ofereçamos nem brindes nem viagens. Simplesmente:

PREÇO JUSTO E QUALIDADE

Lojas Dardo: Avenida da Liberdade, 131
Avenida Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.ª de Maio, 146-A
Rua Gonçalves Crespo, 26-A

DL/NACIONAL

VIÚVA DE ARRAIS PEDE 500 CONTOS DE INDEMNIZAÇÕES

No 4.º juízo correcional da Boa Hora, sob a presidência do juiz dr. José Artur Pessoa Monteiro Marques, começou o julgamento de um importante processo relacionado com o afundamento do batelão «Jomaba» pertencente à firma Auto Sucatas, com sede na Avenida 24 de Julho, de que resultou a morte de quatro tripulantes, facto corrido na tanno de 1970, e a que a imprensa se referiu largamente.

As vítimas foram Davis da Costa e Silva, de 31 anos, casado, arrais, natural de Saltadouro, Pardilhó, concelho de Estarreja; e os marítimos João Ferreira Valente, de 41, casado, da mesma localidade; Manuel Dias da Silva, de 36, casado, do Carregado, e João Francisco Bicho, da mesma idade, casado, do lugar de Tolosa, Nisa, concelho de Portalegre.

A Polícia Marítima teve papel preponderante na organização deste processo. Foram inquiridas numerosas pessoas, fizeram-se exames directos à embarcação, elaboraram-se diversos relatórios para se chegar a uma conclusão. Passou a figurar

como presumível responsável pelo lamentável acidente, o respectivo sócio-gerente Joaquim Eduardo Serqueira, caucionado em 50 000\$00, que tem como patronos os drs. Cassiano Santos e Alfredo Simões Travassos.

Segundo a acusação pública, naquela data, o batelão navegava, da Vela do Carregado para Lisboa, carregado de areia, e governado pelo arrais, afundou-se em frente do Campo de Aviação de Alverca.

O afundamento ocorreu aproximadamente a meio do canal navegável, a cerca de 140 metros para juzante da balisa 12, e a 100 da margem direita do rio, e na confluência das duas calas Norte e Sul. Na altura do naufrágio, havia mau tempo, com chuva e vento forte, o qual arrancou alguns postes de iluminação pública, em Alhandra. Ainda, segundo a acusação pública, a embarcação navegava, com violação, das normas regulamentares, pois não dispunha de certificado de navegabilidade, na ocasião em que se deu o acidente.

Afirma-se, em determinado passo do processo «... que a em-

barcação se encontrava em precárias condições de segurança quando se deu o evento. Navegava com excesso de carga, o que era habitual nos carregamentos efectuados por esta embarcação. Mau estado de conservação, com veios de água, pois as chapas de fundo estavam gastas e ofereciam pouca resistência».

O acusado, por intermédio do seu advogado, pretende demonstrar a inculpação da empresa em relação ao sinistro, apresentando vastíssima documentação oficializada. A certa altura, afirma Joaquim Eduardo Serqueira que em 1966, para motorização e colocação de grua, procedeu-se à reconstrução do barco que demorou nove meses, após o que foi visto-riado, conforme o documento que apresentou. Que o barco estava em condições de navegabilidade para o fim a que se destinava.

Mais adiante, acrescentou: «A tarde do dia da ocorrência foi de inverniza rigorosa, com rajadas de vento a 103 km/h e vagas de altura de metro e meio, tendo estado no rio numerosas

embarcações em perigo. Foi, acrescentou, o mau tempo a causa do desastre, já depois de iniciada a viagem. O sinistro apenas pode ter sido devido a um caso de força maior. O batelão foi construído em 1931, reconstruído em 1965, e modificado em 1966.

As famílias das vítimas pedem as seguintes indemnizações: a viúva do arrais, Maria Rosa Nunes Amador, e dois filhos menores, pedem 500 000\$00 por danos materiais, e 16 260\$00 relativos aos haveres perdidos e despesas do funeral. E patrono da parte civil dr. Evaristo Gonçalves.

Os dois causídicos, em consequência de não prescindirem de recurso, tanto as declarações do acusado, como os depoimentos, dos declarantes, peritos, testemunhas de acusação e de defesa, são reduzidas a escrito, o que provocará a demora da conclusão do julgamento.

Com o interrogatório de Joaquim Eduardo Serqueira, e alguns declarantes os trabalhos ficaram interrompidos para continuarem, após as férias judiciais, em 10 de Outubro à tarde.

DESTAQUES

Hoje na

TV

I PROGRAMA

21.00 — CASEI COM UMA FEITICEIRA — «O Donativo» — Sam faz parte da comissão da UNICEF E E ENCARREGADA DE TENTAR REAVER UMA PROMESSA DE 4 MIL DOLARES DUM MILIONARIO QUE VOLTOU COM A PALAVRA ATRAS INDUZIDO PELA NOIVA:

Sam tanto o persegue que ele a interpreta como a sua própria consciência e resolve dar o dinheiro para a acamar.

22.00 — NOITE DE CINEMA — «Aventuras de D. Juan» — O último filme do ciclo dedicado à obra de Sir Alexander Korda será exibido hoje e tem como título original «The Private Life of Don Juan».

Recém-chegado da América e tendo já realizado «A Vida Privada de Henrique VIII», que lhe granjeou merecida fama, Korda voltou-se para outra figura do passado e a sorte caiu em Don Juan. Um Don Juan trazido da idade de ouro espanhola, envelhecido, cínico e conhecedor do mundo, infeliz apesar da fama amorosa.

Rodado em 1934 com um aparato espectacular que não escondia certa dignidade artística, «Aventuras de Don Juan» é outra vitória cinematográfica da London Film. De resto, Sir Alexander Korda declarava nessa altura a um jornalista: «Os melhores filmes nacionais são nor-

malmente realizados por cineastas estrangeiros, porque não se prendem com pormenores excessivos e retóricos, tornando o passado mais histórico do que foi».

Neste filme, por outro lado, não existe a preocupação de uma verdade histórica, mas apenas a de tornar verosímil a lenda. Um ritmo lento, um diálogo próximo da literatura, um décor significativo uma fotografia de recorte plástico ajudam a evocação.

Sir Alexander Korda foi buscar para interpretar a figura de Don Juan o famoso Douglas Fairbanks pai, vedeta n.º 1 de Hollywood (ele também sedutor galã de fama mundial). Já divorciado de Mary Pickford e casado com Lady Sylvia Ashley, Douglas Fairbanks dá ao filme o tom da memória, da evocação, tornando-o até auto-biográfico. A seu lado, a jovem Merle Oberon não desequilibra o elenco.

Para os que têm seguido o Museu do Cinema, em que António Lopes Ribeiro está a comentar as actuações de Douglas Fairbanks em filmes mudos famosos, tem interesse vê-lo nesta obra. Não só por se tratar de um filme que veio rodar a Inglaterra, mas sobretudo por ser o último que inter pretou. Havia de suceder-lhe, também pelas mãos de Korda, o seu filho Douglas, que vimos há quatro semanas em «Catarina a Grande».

II PROGRAMA

22.15 — PAUL TEMPLE — Kevin Travers procura Paul Temple para lhe mostrar um livro sobre Batu, e quando Temple lhe folheia uma revista sobre esse país africano cuja capa é uma flor, símbolo do novo Governo, Travers ataca-o ferozmente. Temple procura-o no dia seguinte, mas Travers não se recorda de nada. Temple resolve investigar e descobre que Viljoen, director de uma compa-

nhia mineira prejudicada pelo novo Governo do presidente Ykabu, com a ajuda do psiquiatra dr. Kurmann, estão preparando Travers, através de lavagens ao cérebro, para que ele mate Ykabu na sua próxima viagem a Londres. Temple tenta evitar o atentado preparado para o trajecto entre o aeroporto e o hotel, mas já não chega a tempo.



Temple não chega a tempo

UNIVERSIDADE CATÓLICA TEM NOVA ESTRUTURAÇÃO

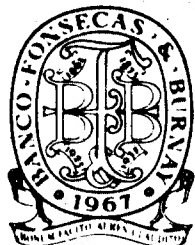
Com a recente criação da Faculdade de Ciências Humanas a Universidade Católica Portuguesa entra agora numa nova fase, ficando deste modo constituída pelas seguintes instituições:

1. — Faculdade de Filosofia, com sede em Braga. Terá cursos filosóficos e filosófico-humanísticos, com bacharelato e licenciatura.

2. — Faculdade de Teologia, com sede em Lisboa. Curso predeutico (biental filosófico), ge-

ral (triental teológico), complementar (biental teológico de orientação especializada), de preparação para o bacharelato (5 anos) e licenciatura (7 anos) em Ciências Teológicas.

3. — Faculdade de Ciências Humanas, com sede também em Lisboa. Curso de Ciências Empresariais de licenciatura, e que será servido, entre outros, pelos Departamentos de Economia, Administração de Empresas e Sociologia.



BANCO FONSECAS & BURNAY

TEM O PRAZER DE PARTICIPAR
A INAUGURAÇÃO
(EM INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS)
DA SUA NOVA AGÊNCIA DE

VAGOS

AV. LÚCIO VIDAL

FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente





PREPARE O SEU FUTURO!

APLIQUE O DINHEIRO QUE JUNTOU NAQUILO ONDE ELE NÃO SE DESVALORIZA!

NA CIDADE, NA VILA, NA ALDEIA, NO CAMPO OU NA PRAIA COMPRE TERRENO E INSTALE AÍ O SEU LAR OU A SUA CASA DE FÉRIAS.

CONSULTE OS SERVIÇOS TÉCNICOS E DE PROMOÇÃO
ATENDE TAMBÉM AOS SÁBADOS E DOMINGOS

LISBOA — Rua dos Sapateiros, 128-3.º — Telefone 30071 ★ COVA DA PIEDADE — Av. D. Filipa de Lencastre, 2-A, 1.º (serviço permanente) — Telefone 27 28 32 - 27 27 77 ★ ALGARVE — VILA DO BISPO — Telefone 40 e 42 ★ MINHO — VALENÇA — Telefone 2445 ★ ALEMANHA — MUNIQUE — Rogério Gonçalves Mandim Vieira — Drachenfelstr — 14 — Munchen — Allach



PROPRIEDADES

VIRGÍLIO C. SILVA

CONSTRUÇÕES CIVIS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

RUA TENENTE VALADIM, 5-7

PRAÇA DO BOCAGE, 57-1.º

TELEF. 24516 (2 LINHAS) 26754

SETÚBAL



medidor oficial
FUNDADA EM 1951

laranjo, alegre & garcia, lda.

Gerência de JOSÉ FERRINHO

COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

P. da Alegria, 58, 2.º — Sala E — Telef. 328567 - 327803
-326718 — LISBOA-2

J. ALVAREZ, LDA.

CONSTRUÇÕES CIVIS

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
LOTEAMENTO DENOMINADO VISTA AZUL

(AREIAS DE TRÓIA — CHARNECA DE CAPARICA)
a 1.500 metros da PRAIA DO REI

OUTROS LOTEAMENTOS:

ALMADA, SEIXAL E MOITA DO RIBATEJO

PRÉDIOS E ANDARES SITUADOS NA
QUINTA DO PATRIMÓNIO

URBANIZAÇÃO BELSUL — CRUZ DE PAU
AMORA

Sede: Quinta Maria do Carmo — CHARNECA DE CAPARICA
Telef. 2457 - 713

IMÓVEIS

A. SANT'ANA D'ARAÚJO

ADMINISTRAÇÃO, COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES
PRÉDIOS — ANDARES — LOTES PARA VIVENDAS NOS BAIRROS
RESIDENCIAIS «Bela Vista» E CONJUNTO TURÍSTICO DE «Vale Rosal»

Praça da Renovação, 7-1.º

Telef. 27 11 42

ALMADA

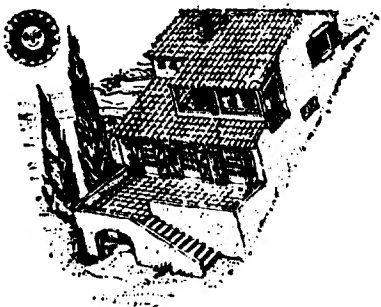


(MEDIADORES
AUTORIZADOS)

NA COMPRA, VENDA
E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

Av. Almirante Reis, 104-2.º — Telef. 823231-2-3

PROPRIEDADES



Aldeamento Turístico PRAIA DO REI — Em urbanização para um hotel, torres e moradias. Vista panorâmica sobre o mar, Costa de Caprica e Cascais.

ANDARES DE LUXO

ALMADA — Junto ao Supermercado Pão de Açúcar

SETÚBAL — Junto ao Campo do Bonfim

PRÉDIOS — em Almada, Cova da Piedade, Laranjeiro e Setúbal

MORADIAS — em Santana (Sesimbra), Charneca e Cruz de Pau

LOTES DE TERRENO, para prédios e moradias, bem situados em Almada, Feijó, Setúbal, Sesimbra, etc.

CONSTRUÇÕES

CIPRIANO & PEREIRA, LDA.

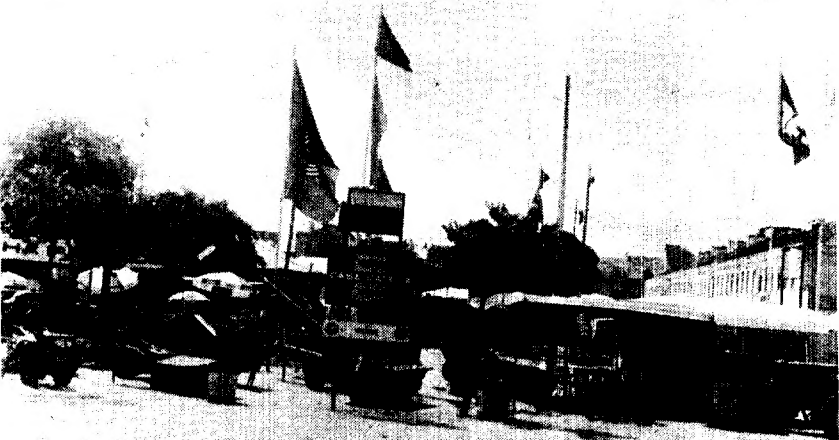
ESCRITÓRIOS:

Sede: Estrada Nacional n.º 10, 4, 1.º-Esq.º — COVA DA PIEDADE

Filial: Praça do Brasil, 20, 1.º-Frente — SETÚBAL — Tel. 0015-265 60

Telefones: 27 36 53 e 27 36 88 — Domingos e dias úteis

B. A. CATELA, LDA.



A Nossa Presença no distrito de Setúbal, para apoio ao LAVRADOR
AV. D. CARLOS I, 42-7.º — LISBOA-2

SANT'AGO É NOME DE FEIRA

Setúbal conhece a Feira de Sant'Iago desde 1581, com todas as cambiantes possíveis através dos séculos. De qualquer modo foi na feira que as populações sempre transacionaram o essencial para o seu dia a dia. Nos tempos que correm as feiras em geral adquiriram um novo cariz, já por se ter imposto um outro tipo de economia, já porque as necessidades mudaram ao sabor dos tempos.

Setúbal tem uma feira onde, à margem dos recintos de diversões, assumem uma especial importância as exposições de veículos automóveis, dada a concentração de linhas de montagem que se verifica na zona. No resto é uma feira como tantas outras, embora tradicionalmente proporcione bons negócios aos ambulantes crónicos.

Este ano a feira começou no sábado, e prolongar-se-á até 8 de Agosto. No seu âmbito estão previstas diversas manifestações, entre as quais corridas de automóveis e de pericia automóvel e um campeonato nacional de Karting. Também a eleição da rainha do Sado se fará durante este período, muito embora se prolongue para além dos prazos desta. Provas de natação, exibição de ranchos folclóricos, torneio de «snipes», corridas de touros, são outras das aliantes desta conhecida feira.

NEGÓCIO E SERENATA

Neste momento, em Setúbal, podem ser vistos e comprados objectos de quase todos os pontos do país: louça de Barcelos, sacos de palha algarvios, ou cobres de Elvas aglomeram-se no recinto que se estende por grande parte da avenida Luísa Toddi e Parque das Escolas. Aqui o visitante pode comprar os ferros-forjados fabricados em S. Mamede de Infesta, e apreciar, como já dissemos, os produtos da indústria que mais têm contribuído para o desenvolvimento económico da região: a montagem de veículos automóveis.

No que respeita a ferro-forjado quem for a Setúbal pode comprar uma cama por dois mil e setecentos escudos, ou uma mobília de quarto no mesmo material, branca, por oito mil. De Barcelos pode comprar mesmo louça que não encontrará vulgarmente na região, já que este negociante, Mário da Silva Duarte, se desloca até aqui com uma grande quantidade, o que lhe permite mostrar o que geralmente não vale a pena.

Os livros também tiveram dois cantinhos na feira. Negócio que corre bastante mal, já que segundo nos diz o vendedor de uma delas «as pessoas preferem comer». Para isto se alinham

barcos que normalmente fazem o percurso Setúbal-Troia. Objectivo: uma serenata a bordo, com as estrelas por testemunhas.

Por volta das onze da noite de ontem o «Rio Azul» largou de facto. Desceu o rio, molhou-se no Oceano, passou pela Figueirinha e depois o mestre apontou para Troia. Aí fundeu e com as luzes da praia ali à mão a serenata decorreu no melhor ambiente e alegria. Do outro lado, em Setúbal, a feira continuava. Fado foi o de Coimbra e o de Lisboa. Ouviu-se desde o Fado Gingão até ao do Choupal.

Cantaram, por Lisboa, fadis-



«Eu sou a mulher que faz neve doce»

metódicamente várias barracas de cachorros à boa maneira americana, assim como várias barracas de comes e bebes, com sardinha assada sempre pronta. Enfim, uma feira como a gente gosta.

Este ano, pela primeira vez, a Comissão de Festas promoveu uma viagem pelo rio num dos

tas idos do Montijo. Os de Coimbra foram os estudantes

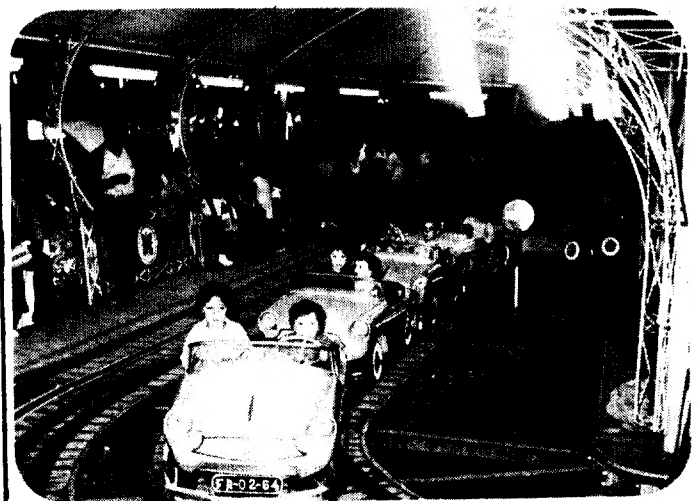
que assim contribuíram para uma festa da sua terra. Quando por volta de uma da manhã o barco voltou ao cais de Setúbal a Feira de Sant'Iago continuava a manter um hábito que vem de longe.

HONORATA BARROS

FALECEU

Suas irmãs, sobrinhas e cunhado e mais família cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza no dia 26 pelas 10 horas da Capela da Senhora dos Remédios (à Rua dos Remédios) para o cemitério do Alto de S. João.

Agência Silva
Telef. 865387



As crianças, como os adultos, têm os seus divertimentos



Lourenço & Freire Costa, Lda.

MEDIADORA OFICIAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 13-2.º, DT.º

SALA 35 e 36 — Telef.: 32.0040 - 32.8143

LISBOA

FEIRA DE SANT'AGO EM SETÚBAL



**Sociedade de Novos Produtos
de Argila e Betão, S. A. R. L.**



Aspecto do «Stand» da ARGIBETÃO, com demonstrações de aplicação dos Blocos LECA e Telhas de cimento coloridos.

FÁBRICAS EM AZEITÃO — OVAR — CARTAXO

SEDE—Av. António Augusto de Aguiar, 150-F-1.º-Dt.—LISBOA-1—Teles.: 45182-44347

COSEL

COMBUSTÍVEIS DE SETÚBAL, LDA.



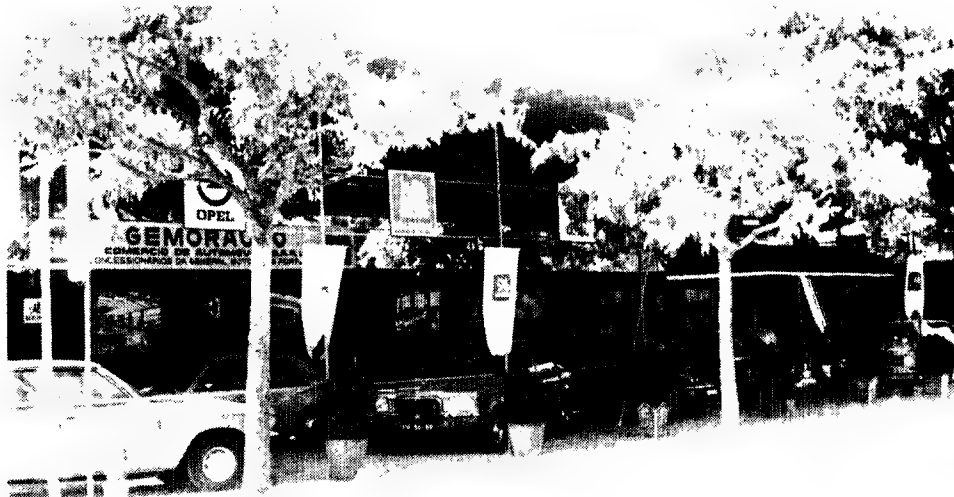
Aspecto do «Stand» da COSEL na Feira de Sant'ago em Setúbal



GEMORAUTO

COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, S. A. R. L.

**LAND -
- ROVER**



Concessionário GM em Setúbal das Três Marcas
OPEL VAUXHALL BEDFORD



LAND-ROVER
O veículo mais versátil do Mundo

DATSUN

TECNISADO

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

DATSUN

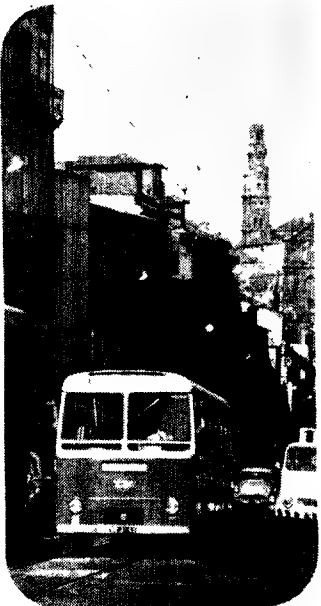


CONCESSIONÁRIO DATSUN NO DISTRITO DE SETÚBAL
QUALIDADE DATSUN—SEGURANÇA—ECONOMIA—PERFORMANCE

DL/GERAL

O ALARME VEM DO PORTO

A VIDA MODERNA MATA LENTAMENTE OS TRANSPORTES COLECTIVOS



A vida moderna está a matar lentamente os transportes colectivos, pelo menos tal como os conhecemos hoje, segundo se conclui do relatório recentemente divulgado dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto.

A crise daqueles serviços parece ter começado em 1969 mas os seus dirigentes afirmam que o problema não é só do Porto, mas de todo o mundo ocidental, pelo que a estrutura das empresas que exploram os transportes colectivos deve ser rapidamente revista. A questão está na impossibilidade de se trabalhar em termos genuinamente capitalistas pensando em lucros e perdas. Os directores dos referidos serviços pensam que uma empresa de serviço público deve sobretudo cuidar e melhorar os transportes sem se preocupar quanto vai ganhar mas, para isso, é indispensável a intervenção do Estado.

Em 1971 os prejuízos do Serviço de Transportes Colectivos do Porto atingiram quase 14 mil contos, exactamente 13.869.978\$70.

TODOS ESTÃO DOENTES

A nível internacional a moléstia começou nos anos 60. O aparecimento do automóvel e a transformação dos hábitos das populações foram, de acordo com o relatório, os grandes responsáveis.

Afirma-se naquele documento:

«A indagação das razões desta crise que atinge o sector da actividade transportadora colectiva de passageiros, questão tantas vezes posta e respondida, conduz a uma enumeração naturalmente complexa, cujos principais elementos se poderão esquematizar nos pontos a seguir referidos.

A difusão extremamente rápida do automóvel conduziu a que os transportes públicos perdessem, em muito ampla medida, a sua posição de actividade monopolista ou quase-monopolista e, por conseguinte, a possibilidade de compensar com as vantagens auferidas os naturais riscos da actuação dum sistema de transportes em serviço colectivo. Mesmo que os transportes públicos beneficiassem, segundo legislação apropriada, de uma certa protecção territorial e que, em consequência de disposições jurídicas, estivessem protegidos contra a concorrência profissional, o certo é que aquela posição de monopólio foi e é gravemente comprometida ou mesmo aniquilada pela «concorrência de substituição» que lhe moveu e move o veículo privado. Somente uma parte da população — e em cada vez menor percentagem — está sujeita a recorrer aos meios de transporte público, de onde resulta, para eles, um crescente decréscimo na sua utilização.

Além disso, importa conside-

rar a transformação profunda dos hábitos e da maneira de viver das populações a que o progresso social geral deu lugar em quase todos os países e que teve como consequência, entre outros aspectos: Em virtude da introdução generalizada da semana de cinco dias, os transportes ao sábado diminuíram largamente o seu coeficiente de utilização relativamente aos «dias de trabalho» (segunda a sexta), passando esse dia, sob o ponto de vista da procura de transporte reduzidos e de fraca utilização; O volume de transportes no fim-de-semana (sábado, domingo) diminuiu progressivamente, verificando-se que as deslocações para excursões ou visitas passaram a ser efectuadas predominantemente de automóvel; a utilização dos transportes fora das horas de ponta profissional e, em particular à noite, diminuiu na medida em que a frequência dos cinemas foi substituída pela televisão em casa, enquanto que as necessidades de transporte que subsistem são preponderantemente satisfeitas pela circulação privada.»

O QUE FEZ AUMENTAR AS DESPESAS

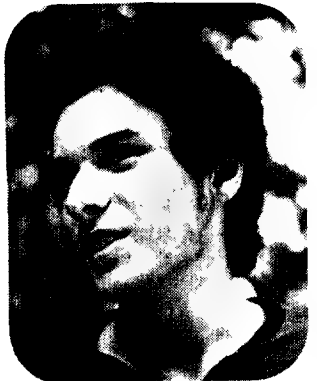
Mas não foram só os factores já descritos que exerceram uma influência negativa. Outras de acordo com os termos do documento citado, ocasionaram «um acréscimo de despesas impossível de travar». São elas: a desordem nos circuitos de transporte que afecta a pontualidade, a regularidade e a rapidez; a redução da velocidade comercial; a utilização média mais reduzida do parque de viaturas das empresas e dos efectivos necessários para assegurar os transportes nas horas de ponta; a expansão constante dos aglomerados urbanos, ligadas à realização de novas concepções em matéria de urbanismo que exige uma expansão contínua da rede de transportes e a criação de novas carreiras.

ORA DIGA-NOS ...

QUE MAIS O PREOCUPA?

Passou o tempo em que as pessoas viviam despreocupadas, hoje a vida é uma corrente de preocupações. Daí a pergunta de hoje.

Para António de Jesus Sousa, comerciante em Vila Nova de Gaia, de passagem por Lisboa, a grande preocupação é um filho que está internado no hospital da Parede. «Tem sete anos e ainda não anda. Para mim têm sido sete anos de preocupações. Tem uma paralisia cerebral e não sei o que vai ser dele. Os médicos garantem que chegará a andar mas ao certo não sei nada.»



A sorte dos filhos é o problema número um de Maria José, empregada doméstica, natural de Cabo Verde, há cinco anos a viver em Lisboa. «Eles todos trabalham mas ganham muito pouquinho. A nossa vida é muito difícil mas o que mais me preocupa é o seu futuro.»



A incompreensão entre os homens é a grande preocupação de Luis Manuel, estudante. «É essa incompreensão, afirma, que provoca as guerras. Esse problema afecta toda a gente, penso eu.»

PRÉMIOS

"COSTA DO SOL"

A Junta de Turismo da Costa do Sol instituiu os prémios «Costa do Sol», destinados aos melhores artigos publicados sobre aquela região turística e aos quais podem concorrer todos os colaboradores da Imprensa portuguesa e estrangeira.

Serão atribuídos prémios, no valor de cinco mil escudos cada aos melhores artigos publicados em jornais e revistas nacionais e estrangeiras.

EXCURSÕES ABREU

EM AUTOPULLMAN DE LUXO

Europa maravilhosa
ESPAÑA, FRANÇA, ITALIA, AUSTRIA, SUÍÇA, ALEMANHA, HOLANDA, BELGICA E INGLATERRA.
33 dias de viagem. Partidas: todos os sábados, de Abril a Outubro.

Europa com grécia e países do leste
ITALIA, GRECIA, JUGOSLAVIA, HUNGRIA, AUSTRIA, CHECOSLOVACIA, ALEMANHA, SUÍÇA, FRANÇA E ESPANHA.
33 dias de viagem. Partidas: 5/6 e 18/9.

ocidente europeu
ESPAÑA, FRANÇA, ITALIA E SUÍÇA.
22 dias de viagem. Partidas: 29/7 e 2/9.

grande circuito europeu
ESPAÑA, FRANÇA, ITALIA, AUSTRIA, SUÍÇA, ALEMANHA, HOLANDA, BELGICA E INGLATERRA.
51 dias de viagem. Partidas quinzenais de Abril a Setembro.

saga escandinava
ESPAÑA, FRANÇA, INGLATERRA, BELGICA, HOLANDA, ALEMANHA, DINAMARCA, SUÉCIA, NORUEGA, ALEMANHA DE LESTE E BERLIM.
36 dias de viagem. Partidas: 27/6; 1 e 25/7 e 1/8.

circuito inesquecível
ESPAÑA, FRANÇA, ITALIA, AUSTRIA, SUÍÇA, ALEMANHA, LUXEMBURGO, INGLATERRA, BELGICA, HOLANDA, DINAMARCA, SUÉCIA, NORUEGA, ALEMANHA DE LESTE E BERLIM.
54 dias de viagem. Partidas: 9/6 e 7/7.

rússia, europa de leste e escandinávia
FRANÇA, BELGICA, ALEMANHA OCIDENTAL, ALEMANHA ORIENTAL, BERLIM, POLONIA, RUSSIA, FINLANDIA, SUÉCIA, DINAMARCA E HOLANDA.
27 dias de viagem. Partidas: 15/7 e 12/8.

espanha e frança
ESPAÑA E FRANÇA.
15 dias de viagem. Partidas: 23/7; 13 e 27/8.

andaluzia
10 dias de viagem. Partidas: 13/5; 2 e 14/9.

primavera e verão ameno
ESPAÑA, FRANÇA, LUXEMBURGO, ALEMANHA, HOLANDA, BELGICA E INGLATERRA.
23 dias de viagem. Partidas: 7/5 e 3/9.

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES:

abreu

LISBOA — Av. Liberdade, 160 - Telef. 320021
PORTO — Av. Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA — Rua do Sol, 2 - Telef. 27011

132 ANOS DE EXPERIÊNCIA

Outras viagens: EXCURSÕES EM AVIÃO A JACTO — EXCURSÕES ECONÓMICAS NA PRAIA — CRUZEIROS

ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA

Alunas que, tendo apenas a 4.ª classe primária, se inscreverem no

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

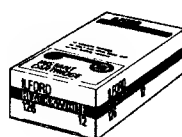
cumprem legalmente aquela obrigatoriedade com a frequência dos dois primeiros anos, iniciam-se desde logo em duas línguas estrangeiras e concluem o curso com economia dum ano

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

R. DONA ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila)
Tels. 44730 e 553575



FAÇA MELHORES FOTOS COM



ILFORD
A PELÍCULA SUPREMA
À VENDA EM TODAS AS CASAS DE ESPECIALIDADE

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luís Eduardo Marques da Glória Freitas. SABUGO

1001 viagens

Férias Económicas na Praia

(TORREMOLINOS E PALMA DE MAIORCA)

Férias Económicas Madeira Tânger

Cruzeiros Económicos

N/T Funchal

Para programas detalhados

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Avenida da Liberdade, 160 — Telefone: 320021
PORTO — Avenida dos Aliados, 207 — Telefone: 37921
COIMBRA — Rua do Sol, 2 — Telefone: 27011

VALORIZAÇÃO DE ESPINHO

A inauguração do hotel Praiagolfe

Espinho viveu no passado domingo horas verdadeiramente inolvidáveis com a inauguração de um novo melhoramento — o Hotel **Praiagolfe** — que se ergue no «coração» da futura cidade, debruçando-se sobre a imensa toalha líquida do Atlântico como que enamorado da graciosidade das suas linhas arquitectónicas.

Assim, mercê da iniciativa privada (o novo hotel é propriedade da Sociedade Turismo de Espinho, S.A.R.L., de que é principal accionista o conhecido banqueiro Afonso Pinto de Magalhães e que tem como presidente do conselho de administração o sr. Rodrigo de Barros), a Costa Verde vê-se valorizada com mais este empreendimento que, (como o governador civil de Aveiro, salientou no seu discurso) «é um hotel que honraria a própria capital do País».

De facto com um total de 199 quartos, 95 com duas camas e 24 com cama de casal, que se estendem por seis andares, o harmonioso imóvel eleva-se até à altura do oitavo andar com um terraço panorâmico que domina a vila.

No rés-do-chão fica a recepção (porta, telefones, tabacaria e discoteca); no 1.º andar, sala de televisão, biblioteca, bar, restaurante e sala de banquetes; nos 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º e 7.º pisos, situam-se como já disse-mos os quartos. No 2.º andar há ainda um solário com bar. De referir que todos os quartos e zonas públicas têm música ambiente (cinco canais). O hotel tem garagem privativa com capacidade para 60 automóveis. O restaurante tem capacidade para 180 pessoas (clientes) e para 240 pessoas (banquetes). No que diz respeito à sala de banquetes e conferências, a sua capacidade é respectivamente para 130 e 220 pessoas. Está apetrechada com instalação sonora própria, com três microfones e material de projecção.

A INAUGURAÇÃO OFICIAL

Para presidir à inauguração

Colaborador do "DL" em julgamento

Começou esta manhã no Tribunal da Comarca de Portalegre o julgamento do nosso correspondente em Marvão Jeremias da Conceição Dias, acusado de abuso de liberdade de Imprensa nos termos da nova lei de Imprensa. O processo foi-lhe movido pelo presidente da Câmara Municipal de Portalegre a partir de uma notícia da autoria do nosso correspondente, a qual foi publicada no jornal «Distrito de Portalegre». O referido julgamento chegou a estar marcado para o passado dia 6.

do hotel **Praiagolfe**, deslocou-se propositadamente a Espinho o secretário de Estado da Informação e Turismo, sr. dr. César Moreira Batista, que se fez acompanhar pelos directores-gerais do Turismo, eng. Alvaro Roquete da Cultura Popular e Espectáculos, dr. Caetano de Carvalho, e das Alfândegas, dr. Teles Fraga. Presentes ainda, individualidades do maior relevo na vida social e económica do País, entre os quais, o eng. Vasco Leônidas, secretário de Estado da Agricultura, governadores civis de Aveiro, Porto e Guarda, deputados, e o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes.

No decorrer de um jantar-volante, servido com o maior requinte, usaram da palavra, em primeiro lugar, o arquitecto Jerónimo Reis, em nome da Sociedade Turística de Espinho, que disse dos objectivos da empresa; o sr. Luis Augusto Ribeiro da Silva, em nome da **Exturl, Lda**, (empresa concessionária do hotel) e do seu sócio sr. Alexandre Solheiro, agradeceu a presença do secretário de estado da Informação e Turismo e das restantes individualidades.

Depois, adiantou que alguns dos responsáveis pelo funcionamento do hotel são jovens recentemente formados pelo ensino hoteleiro oficial e disse fazê-lo por saber que o secretário de Estado «se tem preocupado desde sempre com o serviço hoteleiro em Portugal».

Pôs em foco o nome de Afonso Pinto de Magalhães de quem, declarou, «não me compete fazer o elogio porque a sua obra fala por si». De qualquer maneira, sublinhou, «queria, como ho-

teleiro que vive do turismo e para o turismo, dar os parabéns ao sr. Afonso Pinto de Magalhães como expoente da empresa proprietária deste hotel pelo magnífico edifício que construiu nesta magnífica «cidade» de Espinho...

Falaram, ainda, os srs. drs. Amadeu Moraes, pela **SOI-VERDE**, Nunes dos Santos, presidente da edilidade espinhense, este para referir a obra ali erguida pelo sr. Afonso Pinto de Magalhães e para pedir ao secretário de Estado da Informação e Turismo que entregasse ao conhecido banqueiro a medalha de ouro de Espinho, como reconhecimento pelos serviços prestados, acto que foi sublinhado por quentes aplausos.

No uso da palavra, o sr. dr. Valle Guimarães, governador civil de Aveiro, após considerações várias, salientou a figura do sr. Pinto de Magalhães, «um homem que não sendo desta terra fez um investimento de muitas dezenas de milhares de contos e que foi mais longe: caprichou em dotar Espinho de um hotel que honraria a própria capital do país».

Seguidamente, o sr. Afonso Pinto de Magalhães, saudou o dr. César Moreira Batista que ao «turismo nacional tem dado -disse- o melhor da sua inteligência». Depois de saudar, também o secretário de Estado da Agricultura, os governadores civis presentes, o presidente da Câmara, o bispo do Porto e restantes individualidades, o orador declarou: «A partir deste momento Espinho tem uma unidade hoteleira fundamental para as aspirações de uma vila que



Vista geral do Hotel Praiagolfe

pretende transformar-se em cidade».

Após outras considerações do maior interesse, o orador adiantou: «Apesar de não ser de Espinho também me sinto deveras entusiasmado e deveras satisfeito por ter dado o meu contributo. O facto de não ser da terra, há mais de trinta anos que a frequento e tenho-lhe mais amor do que, talvez, muitos da própria terra».

A concluir, agradeceu ao presidente da Câmara o alto galar-

dão com que o município o quis distinguir.

Finalmente, o dr. César Moreira Batista encerrou a série de discursos, afirmando que o galardão entregue ao sr. Pinto de Magalhães constituía um acto da mais elementar justiça.

A terminar, aquele membro do governo declarou: «Eu sou espinhense ao vosso lado, para juntar a minha vontade à vossa, para irmos de mãos dadas fazer de Espinho a nossa cidade».

As últimas palavras do dr. Moreira Batista foram abafadas por prolongados aplausos.

Verão quente... mas abaixo do normal

O Verão parece ter assentado arraiais definitivamente, para gáudio e benefício de todos nós. Tardou mas arrecadou, diria a sabedoria popular, secundando a informação do Serviço Meteorológico Nacional, que prevê, no seu boletim para a agricultura e até ao dia 5 do próximo mês, temperatura média do ar, no Continente, próxima dos valores normais da época.

No entanto, não se pode afirmar que Julho tenha sido até aqui um mês quente por excelência. Na década de 11 a 20 do corrente, em quinze localidades do Continente, apenas Montalegre e Viseu registaram temperaturas médias acima do normal. A primeira, 16,7° C (+0,3); a segunda, 20° C (+0,4). Tavira registou a temperatura média mais longe da normal: 21,4° C (+2,7), facto comum a todo o Algarve.

O estado do tempo, naquele período, foi de uma maneira geral favorável às culturas — excepto nas regiões do Noroeste, onde ocorreram condições favo-

ráveis ao aparecimento de mildio nas vinhas — e à boa execução das culturas.

Junho não foi excepção. A temperatura média (do mês) em 36 localidades do Continente foi, em todas elas, inferior à normal. A média mais alta verificou-se em Castelo Branco e Elvas: 19,4° C (-2° C e -2,4° C, respectivamente). Por outro lado, a média das máximas mais elevada verificou-se em Elvas, 27,7° C (-2° C), em Amareleja, 27,4° C (idêntica à normal).

Mirandela, 26,6° C (-1,4° C), Castelo Branco, 26,4° C (-1° C), Beja, 26,3° C (-2° C), Régua, 25,7° C (-2,5° C) e Alvalade, 25,6° C (-2,8° C). As diferenças mais sensíveis verificaram-se em Dois Portos, 19,4° C (-5° C), Portalegre, 23,4° C (-4,4° C), Santarém, 23,1° C (-4,4° C), e Coimbra, 21,3° C (-4,1° C).

A média das temperaturas mínimas, em todas as 36 localidades observadas, foi também inferior à normal.

RUA RODRIGUES
SAMPÃO, 69 1.º D.º
TELS. 53 65 69 - 4 46 02
L I S B O A

PREDIAL
ROBREL, L.DA
MEDIADORA OFICIAL DEC. LEI 43.767

P R O P R I E D A D E S
COMPRAS • VENDAS • HIPOTECAS
HIPOTECAS SOBRE AUTOMÓVEIS

XVI FESTIVAL DE SINTRA

8 a 30 de Agosto de 1972

21,45 horas
PROGRAMA

- | | |
|---|---|
| <p>8 - CONCERTO SINFONICO
Teatro Carlos Manuel — Sintra
Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional
Maestro: Victor Alessandro
Solistas: Regis Pasquier (violonista)
Obras de: Beethoven, Brahms e Tchaikovsky</p> <p>10 - RECITAL DE VIOLINO
I. PIANO
Palácio Nacional de Queluz
Regis Pasquier (violonista)
Tania Achot (pianista)
Obras de: Tartini, Beethoven e Cesar Frank</p> <p>12 - RECITAL DE PIANO
Quinta da Piedade — Colares
(18 h.)
André Tchaikovsky
Obras de: Bartok, Schubert e Schuman</p> <p>14 - RECITAL DE PIANO
Palácio Nacional de Queluz
Maria João Pires
Obras de: Mozart e Chopin</p> <p>16 - CONCERTO SINFONICO
Teatro Carlos Manuel — Sintra
Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional
Maestro: Silva Pereira
Solistas: Maria José Falcão (violoncelista)
Obras de: Joly Braga Santos, Lopes Graca e Dvorak</p> <p>19 - CONCERTO DE MUSICA LISBURITUAL
Igreja de Santa Maria — Sintra
Coro Gulbenkian
Direcção: Pierre Salzman
Obras de: Carissimi, Manuel Tavares, F. A. de Almeida, Schutz e Bach</p> <p>23 - CONCERTO SINFONICO
Teatro Carlos Manuel — Sintra
Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional</p> | <p>25 - CONCERTO DE MUSICA DE CAMARA
Quinta do Vinagre — Colares
(18 h.)
Ensemble Instrumental de France
Obras de: Vivaldi</p> <p>26 - CONCERTO DE MUSICA DE CAMARA
Palácio Nacional de Queluz
Ensemble Instrumental de France
Obras de: Boismortier, Rameau, Aubert, Leclair e Gossec</p> <p>28 - CONCERTO DE MUSICA VOCAL
Palácio Nacional de Sintra
Quarteto de Madrigalistas de Madrid
Direcção: Lola Rodriguez de Aragon
Obras de: Cancioneiro de Upsala, Juan del Encina, Escobar, Salinas-Pla, R. Rivera, Juan Vasquez e Cancioneiro de Sablonara</p> <p>30 - TEATRO
Parque Municipal Valenças — Sintra
Teatro Experimental de Cascais
Direcção: Carlos Avilez
Camões: Auto Del-Rei S. Leuco e Auto dos Infantes</p> |
|---|---|
- Os bilhetes e assinaturas para estes espectáculos encontram-se à venda nos seguintes locais:
- Turismo de Sintra — Largo Rainha D. Amélia — T. Ief. 98 11 57**
S. E. I. T. — Praça dos Restauradores — Lisboa
Junta de Turismo da Costa do Sol — Estoril
- Preços: Assinaturas 250\$00 Bilhetes entre 15\$00 e 80\$00.

DL/ESTRANGEIRO

GRÃ-BRETANHA

Ameaça de greve geral

LONDRES, 25 (R) — O Governo britânico e os sindicatos estavam hoje envolvidos em

áspera disputa que ameaça mergulhar-se em crise toda a indústria nacional.

Essa crise, que já paralisou os portos, agravou-se ontem à noite quando o primeiro-minis-

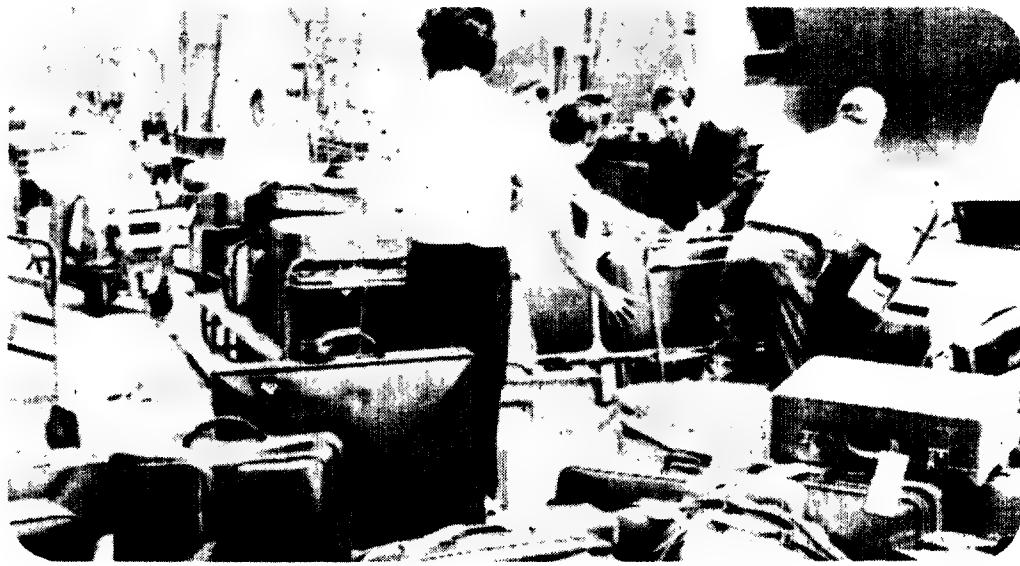
tro Edward Heath rejeitou um apelo dos dirigentes sindicais para que fossem postos em liberdade os cinco estivadores militantes que se encontram presos à ordem do tribunal de trabalho por terem violado a nova e controversa legislação sobre relações de trabalho.

Mineiros, tipógrafos, operários da indústria automóvel e motoristas de camiões entraram já ontem em greve apoiando assim os estivadores que abandonaram o trabalho em grande número na 6.ª feira passada.

GREVE GERAL

Os trabalhadores de várias outras indústrias efectuam hoje reuniões durante as quais decidirão se aderem ou não à greve. Há ainda a possibilidade do conselho geral do T.U.C., que se reúne amanhã, tomar a iniciativa de convocar uma greve geral.

Hoje, haverá um debate de



Bagagens esperam em Southampton que alguém as embarque. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



Vic Feather, o secretário-geral do TUC, quando ontem entrava na Downing Street n.º 10. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

emergência da Câmara dos Comuns sobre a situação que a oposição trabalhista considera a maior crise que a Grã-Bretanha atravessa desde a greve geral de 1926.

Durante a reunião de ontem à noite com o primeiro-ministro, os dirigentes do T.U.C. pediram a Heath que revogue ou pelo menos modifique a legislação do trabalho nos termos da qual os cinco estivadores foram presos.

O primeiro-ministro respondeu que nenhuma alteração poderá ser introduzida na legislação, enquanto não houver oportunidade para a aplicar.

Maurice MacMillan, ministro do Trabalho, disse que o T.U.C. pediu ao primeiro-ministro para não fazer caso da lei e retirar os homens da prisão através de uma medida administrativa.

«O primeiro-ministro foi forçado a responder que nenhum Governo pode fazer tal coisa nem a população no seu conjunto desejaria que o Governo tivesse poderes para tal».

Durante a entrevista com os dirigentes sindicais, o primeiro-ministro perguntou em determinada altura: «A lei é para ser cumprida ou não? Os senhores querem que o país seja governado pela lei ou pela anarquia?»

BOICOTE

Por outro lado, os sindicalistas reagiram à atitude dura do Governo boicotando as importantes negociações tripartidas previstas para hoje entre representantes do Governo, dos trabalhadores e do patronato sobre o futuro económico da Grã-Bretanha.

Feather disse que o T.U.C. não tomara parte nessas conversações enquanto os estivadores não fossem postos em liberdade. O Governo esperava obter com essas conversações um acordo entre os sindicatos e o patronato que evitasse futuras graves perturbações do trabalho.

ESTADO DE ALERTA NO EGITO APÓS O DISCURSO DE SADAT

CAIRO, 25 — (R) — Forças egípcias encontram-se hoje em estado de alerta para qualquer possível represália por parte de Israel, a seguir às críticas feitas pelo presidente Sadat aos Estados Unidos e à política soviética no Médio Oriente e ao abatimento de um jacto israelita.

O presidente Sadat, num discurso-maratona de quatro horas, proferido ontem perante 3 000 dirigentes políticos, comandantes das Forças Armadas, parlamentares e membros da União Socialista Árabe na Universidade do Cairo, atacou os americanos por não terem mantido promessas de exercer pressão sobre Israel para retirar de territórios árabes ocupados.

Atribuiu, também, parte da culpa da crise aos russos, que tinham contribuído para o dilema do Egito devido à relutância de lhe fornecerem certos tipos de armas para defrontarem o arsenal sofisticado enviado para Israel pelos Estados Unidos.

Apenas 45 minutos depois do presidente ter falado, um oficial das Forças Armadas anunciou no Cairo que um de quatro aviões «Phantom» israelita ti-

nha sido abatido pela DCA egípcia quando tentava penetrar no espaço aéreo, sobre a região central do Canal de Suez.

O informador não revelou que género de arma fora empregada, mas os israelitas afirmam que mísseis terra-ar foram disparados, acrescentando que nenhum dos seus aviões fora atingido.

O Egito anunciou, porém, que o «Phantom» fora visto a despenhar-se no lado israelita do Canal.

O incidente terminou uma pausa na frente do Canal que se manteve desde 13 de Junho, quando o Egito asseverou que abatera dois aviões israelitas.

No seu discurso de ontem, o presidente Sadat pouco esclareceu acerca das diferenças com a União Soviética, que fizeram com que ele acabasse, na terça-feira passada, com a presença militar russa no Egito.

«Os nossos inimigos beneficiam com isso e capitalizam com esse acontecimento» — comentou Sadat.

Segundo ele, a situação exigia agora que os árabes unissem as suas forças e, se fosse necessário, o Egito lutaria sozinho

— notou o presidente Sadat.

«É melhor derramar o nosso sangue no campo de batalha do que viver no meio da decepção de uma situação em que não há paz nem guerra e que suga, gota a gota, o nosso sangue» — acrescentou.

O presidente pediu, também, uma sessão de emergência do parlamento, a realizar em Agosto, para preparar a legislação necessária.

COMENTÁRIO DO NEW YORK TIMES

NOVA IORQUE, 25 — (FP) — Num editorial, o «New York Times» refere-se hoje ao discurso do presidente Sadat e aos disparos de mísseis contra aviões israelitas no Sinai, como «uma viragem contra o racionalismo e a paz do Médio Oriente». O velho jornal afirma que Sadat apelou novamente para a velha «retórica incendiária de confrontação com Israel» e «atacou e deformou os esforços de paz americanos, de maneira calculada, para desencorajar quaisquer tentativas no sentido de entabular negociações, sensatas».

O «New York Times» acha que «a inquietante combinação egípcia de discurso e acções, logo após a declaração de independência de Sadat em face da pressão soviética, sugere que o Kremlin deu provas de uma apreciação extraordinariamente correcta ao abandonar a situação insustentável».

COMPROMETIDA A MISSÃO DE JARRING

NOVA IORQUE, 25 — (ANI) — O secretário geral da ONU, Kurt Waldheim, manifestou reservas sobre a possibilidade de o embaixador Gunnar Jarring conseguir retomar a sua missão de mediador entre Israel e o Egito, que está suspensa desde há um ano.

«Será melhor — sublinhou — para não sofrer novas decepções, esperar que as coisas se modifiquem».

«Contudo — prosseguiu — as Nações Unidas irão para diante nos seus esforços para restabelecer a paz na região, com base na resolução do Conselho de Segurança de Novembro de 1967.

A CHINA COMPROU DOIS CONCORDE

PARIS, 25 (R.) — A China encomendou dois aviões supersónicos Concorde, anunciaram os construtores franceses do aparelho.

Um acordo preliminar de compra foi assinado em Paris por Wang Hia Tsiang, em nome da corporação chinesa de importação e exportação de maquinaria, e por Henri Ziegler, presidente da companhia francesa construtora do avião, a Aerospatiale.

Tsiang deslocou-se a Paris à frente de uma delegação de oito membros, a qual regressou a Pequim após ter passado dois meses em Paris em negociações para a compra dos aviões.

Durante a visita, a delegação chinesa inspecionou o protótipo francês do Concorde em Toulouse, no sueste da França.

Deste modo, a China tornou-se o segundo país a adquirir o gigantesco aparelho supersónico, após a companhia inglesa BOAC, que encomendou recentemente cinco desses aviões, por cada um dos quais pagará cerca de 23 milhões de libras.

O Xá da Pérsia prometeu também comprar três aviões Concorde mas o contrato ainda não foi assinado.

A Air France, que se esperava viesse a encomendar os aviões ao mesmo tempo que a BOAC, ainda não o fez. A companhia francesa pretende comprar cinco aparelhos, mas poderá ver-se forçada a adquirir apenas três ou quatro, consoante os créditos que lhe forem concedidos pelo Governo.

Ao todo, 15 companhias de transportes aéreos estão interessadas num total de 70 aviões Concorde. No entanto, no princípio deste mês a Air Canadá desistiu da compra dos quatro que tencionava comprar.

DERROTA DA ADMINISTRAÇÃO NIXON

O SENADO AMERICANO REJEITA O AUXÍLIO MILITAR AO ESTRANGEIRO

WASHINGTON, 25 — Após um dia de debates confusos e votações contraditórias, o Senado rejeitou ontem à noite a lei de auxílio ao estrangeiro. Anteriormente, tinha aprovado uma emenda exigindo a retirada quatro meses depois da libertação dos prisioneiros de guerra americanos pelo Governo de Hanói.

A emenda, que suprime todos os créditos às forças americanas, terrestres, navais e aéreas, no Vietname, Laos e Camboja, é o texto mais enérgico até agora provado pelo Senado, manifestando a vontade de pôr termo à guerra na Indochina. Com efeito, é a primeira vez que os senadores decidem utilizar os seus poderes em matéria orçamental para contrariar a política do presidente Nixon no sueste asiático. Paradoxalmente, a emenda, aprovada por 50 votos contra 45, foi proposta pelo senador republicano do Kentucky, John Cooper, com um complemento do senador Edward Brooke do Massachusetts, também republicano, acrescentando a cláusula sobre a libertação dos prisioneiros de guerra.

O senador George McGovern, candidato democrático às eleições presidenciais de Novembro, que fez da luta pelo fim da guerra na Indochina um dos pontos essenciais do seu programa, não achou necessário interromper as férias no Dakota do Sul para tomar parte, pessoalmente, no debate de ontem.

DERROTA DA ADMINISTRAÇÃO

Em face dessa derrota sem precedentes, os partidários da administração contra-atacaram, desta vez com o apoio de alguns democratas e rejeitaram, por 48 votos contra 42, o conjunto da lei de auxílio ao estrangeiro (um bilião e oitocentos milhões de dólares) submetida ao Senado há cinco semanas.

O resultado mais notório da jornada é a circunstância de partidários do presidente Nixon e adversários da guerra da Indochina ficarem agora em campos mais definidos. A administração vai tentar, sem dúvida nenhuma, fazer passar uma nova versão da lei de ajuda ao estrangeiro, o que não deixará de reabrir uma vez mais o debate sobre a guerra.

O senador George McGovern, candidato democrático às eleições presidenciais de Novembro, que fez da luta pelo fim da guerra na Indochina um dos pontos essenciais do seu programa, não achou necessário interromper as férias no Dakota do Sul para tomar parte, pessoalmente, no debate de ontem.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av: 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

DESCAPOTÁVEL

TRIUMPH TR 6 PI de 1971

Estado Novo — Vendo
Telefone 650508 das 14 às 18 horas

SENHORES CAPITALISTAS!!!

Coloquem o vosso capital nas melhores condições com garantia hipotecária, ao juro da Lei.

A CONFIDENTE

R. do Ouro, 292, 1.º (esq. Rossio)
Telefs. 369384 5 6 — LISBOA

DL/ESTRANGEIRO

OS ESTADOS UNIDOS BLOQUEIAM O CHILE

-ACUSA ALLENDE

SANTIAGO DO CHILE, 25 — (R) — O presidente Salvador Allende acusou os Estados Unidos de imporem praticamente um bloqueio econômico ao Chile e disse que isso era a principal causa dos problemas econômicos do país.

«Ao mesmo tempo previniu os chilenos de que são necessários mais sacrifícios para que possam continuar a ser «defendidos os interesses dos trabalhadores».

O dr. Allende, falando à população através do rádio e televisão, ocupou-se do elevado custo de vida, da falta de sivasas fortes e da inflação galopante, dizendo que o seu Governo de Unidade Popular vai procurar encorajar a poupança privada através dos bancos controlados pelo Estado.

Prometeu ainda que a partir de 1 de Outubro os preços serão

reajustados de tal forma que «os sectores de rendimentos, mais elevados contribuirão mais para o desenvolvimento do país», mas não deu pormenores.

Referindo-se ao bloqueio econômico americano, salientou que os créditos concedidos ao Chile pelos Estados Unidos antes do novo regime popular subiram ao Poder totalizavam 220 milhões de dólares tendo baixado para 32 milhões em Junho deste ano.

PRESSÕES DO CAPITAL ESTRANGEIRO

Allende acrescentou que o Chile também tem tido dificuldade em obter créditos de organizações internacionais apesar de ter direito a isso por ser membro dessas organizações.

Segundo afirmou, os créditos são recusados e as propostas rejeitadas mesmo sem que existam objecções de carácter técnico.

As dificuldades que o Chile atravessa têm sido em parte compensadas pelo auxílio que recebe dos países socialistas.

«As pressões do capital estrangeiro estão a pôr à prova a coesão interna do nosso povo e a nossa capacidade de reagir com dignidade e honra».

As dificuldades serão enfrentadas com realismo mas sem «esconder o facto de que serão necessários sacrifícios para defender acima de tudo os interesses dos trabalhadores».

Os observadores pensam que o discurso de Allende foi até agora aquele em que admitiu

mais francamente que as suas tentativas para transformar o Chile num país socialista por meios democráticos têm deparado com graves problemas económicos.

A inflação no Chile foi calculada oficialmente em 27,5 por cento nos primeiros seis meses deste ano e as exportações sofreram uma quebra de 26,5 por cento nos primeiros três meses em relação ao mesmo período do ano passado.

O presidente chileno declarou ainda que agências multilaterais de empréstimos recusaram ajuda financeira ao Chile devido à composição política do seu Governo.

«Estas dificuldades são parte de um virtual bloqueio ao Chile», — declarou Allende, repetindo uma acusação feita por várias vezes.

WALDHEIM ACUSA A AVIAÇÃO AMERICANA DE "EFEITO DEVASTADOR" NO RIO VERMELHO

NAÇÕES UNIDAS, 25 (F.P. e R.) — O secretário-geral das Nações Unidas Kurt Waldheim acha-se com o dever de se pronunciar publicamente sobre o efeito devastador causado pela aviação americana sobre a bacia do rio Vermelho, declarou ontem à noite o porta-voz do secretário-geral.

Esta declaração pretende responder à do secretário de Estado americano William Rogers referindo-se à conferência de Imprensa dada ontem de manhã por Waldheim e foi feita no momento em que o representante dos Estados Unidos da ONU, Georges Bush, apresentava um protesto ao secretário-geral das Nações Unidas em nome do seu país, pelas suas afirmações.

Na sua conferência de Imprensa o secretário-geral das Nações Unidas afirmou ter recebido informações particulares sobre os bombardeamentos contra ou nas proximidades dos diques do rio Vermelho acrescentando no entanto não ter podido verificar a exactidão destas informações.

O porta-voz insistiu na profunda inquietação do secretário-geral das Nações Unidas perante os bombardeamentos intensos da aviação americana

contra o Vietname do Norte, especialmente tendo em conta as suas possíveis consequências do ponto de vista humanitário.

Nos meios da ONU afirmou-se que esta declaração é uma reprodução da resposta que Kurt Waldheim teria dado ao representante americano nas Nações Unidas Georges Bush, quando este lhe foi apresentar o protesto em nome do seu país.

O ATAQUE DE ROGERS

O secretário de Estado americano William Rogers acusou ontem o secretário-geral das Nações Unidas Kurt Waldheim de estar a ser instrumento duma campanha «mentirosa» a favor do Vietname do Norte e contra os Estados Unidos.

Numa declaração publicada ontem à tarde William Rogers anunciou que iria pedir ao embaixador americano nas Nações Unidas Georges Bush para comunicar ao secretário-geral daquela organização que as infor-

mações de que fizera uso relativas a ataques deliberados dos Estados Unidos contra os diques do Vietname do Norte, eram «falsas», e faziam parte «duma campanha orquestrada pelo Vietname do Norte e seus partidários para dar publicidade às suas mentiras».

Numa conferência de Imprensa dada durante a manhã em Nova Iorque o secretário-geral das Nações Unidas, referiu-se ao problema norte-vietnamita tendo-se mostrado desejoso de recorrer a uma «diplomacia discreta» para resolver o problema.

O porta-voz do departamento de Estado por outro lado fez notar que enquanto as informações norte-vietnamitas destinadas ao estrangeiro anunciam a destruição de diques, as destinadas à população declaram que os diques têm resistido à guerra.

RAMSEY CLARK VAI A HANOÍ

Ramsey Clark, antigo ministro da Justiça no Governo do presidente Lyndon Johnson, parte hoje para Hanoi com um grupo de personalidades de vários países especialmente convidadas pelo Governo norte-vietnamita.

O grupo pretende inteirar-se dos danos causados à população civil pela aviação americana.

QUANG TRI

Pára-quedistas sul-vietnamitas entraram esta manhã na cidade de Quang Tri, em poder dos comunistas, segundo revelou um informador militar.

Tropas governamentais reocuparam parte da fortaleza, mas a bandeira sul-vietnamita não foi ainda hasteada no local comunicando que toda a cidadela fora tomada completamente.

Um informador disse que cerca de 400 pára-quedistas entraram no centro da cidade às 10 e 20 horas locais da manhã de hoje (3 e 20 de Lisboa) e depararam, ao princípio, apenas com ligeira resistência norte-vietnamita.

Ataques aéreos e de artilharia martelaram as posições nor-

te-vietnamitas antes da entrada dos pára-quedistas na cidadela.

Aviões e canhões de campanha americanos e sul-vietnamitas têm aberto fendas na muralha da cidade, a fim de ajudar as tropas a penetrarem nela.

«Esperamos que a bandeira será hasteada muito em breve», — observou o informador.

ATAQUE NOCTURNO

Bombardeada várias vezes há mais de um mês, a capital norte-vietnamita sofreu o primeiro ataque aéreo nocturno, desde que o presidente Nixon decidiu reiniciar os bombardeamentos, em Abril findo.

Assim, na noite de ontem para hoje, durante um «raid» que durou vinte minutos, os jornalistas puderam ver pela primeira vez há quatro meses foguetes iluminantes lançados por aparelhos americanos na periferia norte da cidade, enquanto se ouvia distintamente os aviões a sobrevoar a capital. Cinco minutos depois do alerta, cerca das 23 h. 30 m., um nutrido fogo da DCA constelava o céu. Via-se depois a queda dos estilhaços nas ruas e nos terraços das casas. Além das perdas humanas e dos prejuízos o ritmo acelerado dos alertas e pré-alertas paralizam a vida normal da cidade.

Entretanto, rádio Hanoi anunciou que cinco aviões americanos foram abatidos ontem sobre o Vietname do Norte, elevando para 3.783 o total de aparelhos dos Estados Unidos derribados sobre aquele país durante a guerra.

O "RITA" AFASTOU-SE DAS FILIPINAS

MANILA, 25 — (FP) — As autoridades filipinas publicaram hoje um novo balanço provisório das inundações que se seguiram à passagem dos tufões «Susan» e «Rita». O número de mortos recenseados, que no sábado era de 162, eleva-se agora a 175.

O centro de meteorologia de Manila anunciou que o tufão «Rita» encontrava-se agora a 750 quilómetros a nordeste das filipinas, nas proximidades da ilha de Okinawa.



«El Lute», o último bandido das montanhas

A POLÍCIA ESPANHOLA À CAÇA DE "EL LUTE"

SEVILHA, 25 (A.N.I.)

A Polícia espanhola estendeu uma rede à volta da cidade andaluza de Alcala de Guadaira, de 20 mil habitantes, situada a 15 quilómetros de Sevilha, onde no sábado foi visto, gravemente ferido, o cigano «El Lute», conhecido por o último dos bandidos das montanhas.

Espera-se que sejam trazidos de Madrid cães da Polícia para ajudar nas buscas por Eleuterio «El Lute» Sanchez e dois companheiros.

«E verificada a identidade de todas as pessoas que entram ou saem da cidade, onde os três fugitivos abandonaram um automóvel manchado de sangue e contendo uma pistola, alimentos e — de acordo com o diário de Madrid «Informaciones» equipamento muito completo de primeiros socorros, que permite até fazer transfusões de sangue».

«El Lute», de 26 anos, condenado por assassinio e exímio em fugir das cadeias, foi perseguido através das ruas semi-desertas da cidade,

no sábado, quando fugia num automóvel roubado.

Uma testemunha afirmou ter visto três homens abandonarem o veículo. Um deles tinha o peito ligado, julgando-se que se trate de «El Lute», o criminoso espanhol mais procurado, que foi atingido nas costas durante tiroteio com a Guardia Civil, perto de Málaga, há uma semana. E acompanhado por dois homens que se julga serem os seus irmãos «El Lolo» e «Toto». Este último foi também atingido.

Foi a última vez que a Polícia pôs os olhos em cima de «El Lute», que tem conseguido escapar à prisão desde que fugiu da penitenciária de máxima segurança de Puerto de Santa Maria, na véspera de Ano Novo de 1970, depois de ter cumprido cinco de uma pena de 30 anos de prisão.

Ontem, a Polícia recebeu uma chamada anónima afirmando ter sido visto um homem ferido num palheiro, tendo sido também efectuadas buscas nos arredores da cidade.

AS ELEIÇÕES NA ARGENTINA ESTÃO POR UM FIO

BUENOS AIRES, 25 — (F.P.) — As eleições prometidas pelo regime militar para Março próximo estão por um fio, dizem os comentadores.

Os acontecimentos precipitaram-se quando o presidente Alejandro Lanusse decidiu a 7 deste mês intimar o antigo presidente Juan Perón a regressar à Argentina antes de 25 de Agosto para poder ser candidato à presidência da República.

Numa reportagem publicada em Espanha, Perón acaba de anunciar que não regressará nessa data por razões de estratégia e também por motivos de segurança pessoal.

Anteriormente, Perón já dissera não ao convite ao diálogo feito pelo Governo de Buenos Aires aos partidos que formam a Frente Cívica de Libertação Nacional, numa coligação

pré-eleitoral criada com o patrocínio dos «justicialistas». Na Frente figuram partidos do antigo presidente Arturo Frondisi, os radicais intransigentes, o Partido Popular Cristiano, a União do Povo, fundada pelo antigo presidente Pedro Aramburu assassinado há dois anos, os Conservadores Populares e o movimento Revolucionário Nacional.

Dois outros partidos que não aderiram à Frente Peronista, o Radical do Povo (segunda força política do país) e o Demócrata Progressista, avisaram por seu turno o Governo de que só mandarão ao diálogo dirigentes de segunda categoria.

Enfim é o insucesso do «grande acordo nacional» proposto pelo general Lanusse e pelas forças armadas que protegem o Poder.

JOSÉ DE OLIVEIRA CONSTRUTOR

Informa os Bancos e o Comércio em geral que mudou a sua residência da Rua Diogo Bernardes, 21-r/c-Dt.º Lisboa para:

Rua Sacadura Cabral, n.º 15-2.º, Carcavelos
Telef. 2470726

Para onde deve ser enviada a partir desta data, toda a correspondência.

DL/ESTRANGEIRO

E.U.A.

A CAMPANHA ELEITORAL ATINGIU O CONGRESSO

A campanha presidencial atingiu a colina do Capitólio, com o recomeço das sessões do Senado e da Câmara dos Representantes, depois da Convenção Nacional Democrática. Aguarda-se uma série de rudes batalhas entre o presidente Nixon e os democráticos do Congresso. Efectivamente, no decurso das cinco semanas que faltam até 21 de Agosto, data da Convenção Nacional Republicana, um amontoado de projectos em instância deverá provocar con-

flitos abertos, porque se trata de questões fundamentais que serão exploradas durante a campanha eleitoral para a presidência.

O senador George McGovern, candidato democrático às eleições, não procurará, muito provavelmente, encabeçar as forças democráticas do Congresso, durante a batalha contra o presidente Nixon. Isso seria-lhe pouco benéfico e poderia até causar-lhe prejuízos. Numa instituição onde cada senador guarda ciosamente os seus poderes, onde a antiguidade e os processos tradicionais comandam todos os assuntos e onde os republicanos e os democráticos do Sul formam uma coligação maioritária, em numerosas questões, contra os democráticos do Norte, McGovern reconhece que não poderia ter mão nos acontecimentos. Acabaria por se alienar de outros senadores, ao revelar a sua impotência em tornar obediente esta caduca instituição, mal lubrificada. Por tal razão, provavelmente, aparecerá apenas para os votos importantes e alguns debates dramáticos, cedendo lugar aos dirigentes legislativos que devem criar uma publicidade favorável ao duo democrático que defrontará Nixon em Novembro.

Os conflitos no interior do Congresso contribuirão para tornar públicos os diferendos entre os partidos e terão grande repercussão, tanto sobre a campanha presidencial, como sobre a renovação do Congresso. Os chefes democráticos tentarão dar projecção a questões que não só deverão aumentar as possibilidades de McGovern, como ainda ajudarão a preservar as suas maiorias na Câmara (actualmente, 278 contra 155) e no Senado (55 contra 45). Os republicanos manobrarão para situar as questões na melhor perspectiva para o presidente Nixon e



Aplausos para McGovern. É o começo da verdadeira campanha

ra um dos temas principais da sua campanha, o que significa que a batalha senatorial assume um significado muito especial.

A emenda Mansfield, ligada

chamam «a recusa do presidente Nixon em pôr fim à guerra». Os republicanos responderão que esta emenda poderia provocar uma retirada precipitada e irresponsável que iria enfraquecer a posição dos Estados Unidos nas negociações de Paris e poderia pôr em perigo os prisioneiros americanos.

Embora os democráticos do Senado, em peso, sejam a favor da emenda e a massa dos republicanos seja contra, cada partido conta com desidências no seu interior. Apesar da importância partidária que a emenda tomou, é pouco provável que as posições mudem neste momento. No entanto, o escrutínio terá uma importância simbólica para clarificar as posições dos partidos sobre a maneira de pôr fim à guerra, trazendo as divergências aos olhos do público.

A mesma confrontação será provocada pelas medidas do programa democrático tendentes a reduzir o orçamento da Defesa e a pôr de parte alguns sistemas de armamentos preconizados pelo presidente Nixon.

Mesmo os projectos de lei a favor da infância e sobre o «busing» irão provocar vivas confrontações entre os dois partidos. O novo presidente do comité para a reeleição do presidente Nixon, Clark McGregor, já advertiu que o presidente tem a intenção de atacar os democráticos do Congresso por não terem dado conta de uma grande parte do seu programa legislativo. Os democráticos, por outro lado, tentarão demonstrar que o programa de Nixon é mesquinho, pouco favorável aos não-privilegiados e favorável aos meios militares e industriais.

POR SPENCER RICH

Exclusivo «The Washington Post» «DL»

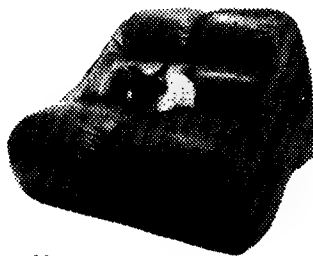
para melhorar a sua representação no Congresso.

Um dos primeiros testes poderia ser a emenda para pôr fim à guerra, de autoria do «leader» da maioria no Senado, Mike Mansfield, à qual a Administração se opõe vigorosamente. O programa democrático pede uma retirada imediata das forças americanas da Indochina e McGovern fez do fim da guer-

ra ao projecto de lei que autoriza a ajuda militar ao estrangeiro, pede a retirada incondicional de todas as tropas americanas do Vietname antes de 30 de Agosto. Espera-se o voto há semanas, mas agora ele poderá aparecer inesperadamente.

Os democráticos utilizarão o debate Mansfield para intensificar as suas críticas àquilo a que

BONACINA
DESIGN ITALIANO



sofás
maples

DECOMUR
decoração

AVENIDA DEFEITORES DE CHAVES 33C • TEL 50036 • LISBOA

COMUNICADO

Jorge Rodrigues Alvarez, industrial, casado, residente na Quinta Maria do Carmo, Charneca de Caparica, Concelho de Almada, acusado várias vezes, num órgão semanal da nossa Imprensa Metropolitana, de aldrabão, vigarista e de outros vocábulos atentórios à sua dignidade, o qual fez eco em grandes parangonas, de que o signatário vendia propriedades rústicas e urbanas, umas hipotecadas e outras que nem sequer existiam, vem mais uma vez reforçar os seus comunicados publicados nos jornais a seguir indicados:

- Revista «Notícia» de Luanda, n.º 656 de 1 de Julho de 1972;
- Jornal «Província de Angola» n.º 15053 de 30 de Junho de 1972;
- «Diário de Luanda», n.º 13481 de 29 de Junho de 1972;
- «Época», n.º 508 de 2 de Julho de 1972;
- «Diário de Notícias» n.º 38196 de 10 de Julho de 1972;
- «Diário Popular» n.º 10687 de 12 de Julho de 1972;

para rebater todas as calúnias que aquele órgão de informação publicou contra si, causando-lhe prejuízos fáceis de adivinhar, na medida em que tais notícias podem ter reflexos em pessoas menos eludidas e desconhecidas da forma pouco escrupulosa em que o mesmo órgão se baseia para tirar proveito e angariar publicidade.

Têm sido numerosas as cartas e telefonemas recebidos na sua residência, de apoio aos seus comunicados, testemunhando assim a sua indignação contra aquele periódico, apontando factos em que se reconhece a campanha feita contra certos indivíduos ou Empresas das mais variadas actividades, para depois dar o dito por não dito, seguindo-se depois a publicidade do anteriormente atingido. Forma pouco edificante, para não dizer vergonhosa, de angariar fundos.

1 — Como já foi dito nos anteriores comunicados, rebeteu todas as calúnias de que era alvo em cartas dirigidas àquele periódico em 21 de Fevereiro, 24 de Maio, 19 de Junho e ainda, ultimamente duas, datadas de 3 de Julho, todas do corrente ano, pedindo a sua publicação de acordo com a Lei de Imprensa em vigor.

2 — Não se dignou o caluniador a cumprir o estipulado pela Lei, obrigando o signatário a proceder judicialmente pedindo aos Poderes Jurídicos a intimação da publicação das referidas cartas, correndo o respectivo processo seus termos no 4.º Juízo Correccional de Lisboa.

3 — Em face das ofensas proferidas por aquele órgão contra a sua dignidade, encontram-se em curso os respectivos processos de instrução, instaurados pela competente Polícia Judiciária.

4 — O signatário, para provar a sua honestidade e a forma legal e lícita como desenvolve a sua actividade, forneceu àquele órgão, a título devolutivo, uma relação completa com nomes e residências de cerca de quinhentas pessoas com quem efectuou transacções, quer de propriedades rústicas quer de urbanas, além de algumas dezenas de identidades a quem o signatário comprou propriedades.

5 — O mesmo jornal, através de uma das suas mais directas colaboradoras, tentou vários contactos com o signatário no intuito de lhe apresentar a venda de uma propriedade.

Não compreendendo a repentina mudança de actividade daquele jornal, fez-se interessado na aquisição da dita propriedade, para assim conseguir saber os seus fins.

Então a colaboradora recebeu o signatário no gabinete, certamente destinado aos grandes daquele jornal, onde directamente lhe

foram fornecidos os projectos, cálculos, memória descritiva, etc., conservando presentemente em seu poder todos estes elementos, para os fins julgados convenientes. Será bom frisar que a dita propriedade lhe foi oferecida como se fosse pertença daquele jornal.

Combinou-se a ida ao local e, no dia 8 do corrente mês, acompanhado de sua filha e de uma pequena sua amiga, deslocou-se no seu «MINI» aos escritórios daquele jornal para se fazer acompanhar da representante do mesmo, tendo chegado ao local da dita propriedade, no Algueirão cerca das 15 e 30 horas. Encontravam-se nesse local cinco negociantes para fazerem prova do que se iria passar. Depois das algumas trocas de impressões e de várias fotografias tiradas nesse local, foi perguntado à digna representante do mencionado jornal, qual o preço mínimo e condições de pagamento da dita propriedade.

Feito o preço mínimo, 2 000 000\$00, cujo pagamento seria efectuado no mais curto prazo possível. Regressados novamente à sede do jornal ficou o signatário de dar uma resposta definitiva.

6 — Ao contrário do que lhe foi afirmado — que a propriedade pertencia àquele jornal — verificou pela memória descritiva o nome e residência do verdadeiro proprietário. Contactado este, informou o signatário ser de 1 500 000\$00 o preço total da propriedade, a qual poderia ser paga até 24 meses após a transacção.

7 — Pergunta o signatário:

— Estará o Jornal colectado para vender propriedades que não possui?

— Se está colectado poderá cobrar comissões da ordem dos 25 %?

8 — Claro está, que não estava nem está interessado em negociar com tal gente. A referida colaboradora daquele órgão tentou várias vezes contactar telefonicamente com o signatário, alegando urgência na transacção, pois tinha de partir para férias no Algarve, no dia 12.

9 — Como já não lhe interessava aprofundar mais o assunto, respondeu à dita senhora de que o preço pedido pela propriedade excedia em muito o seu real valor. De pasmar a sua resposta:

— Sabe, em vez de dar dinheiro ao jornal, isto é uma forma airosa de ficar bem com o jornal.

Sim senhor, depois de intitulado de vigarista, aldrabão, cow-boy, Jorginho, etc., é-lhe proposto ainda um resgate.

Fique sabendo o senhor director do referido periódico que o Jorge Alvarez não se vende e que pelo contrário, está disposto a ir até onde as suas forças o possam levar. A chantagem é ignóbil e como tal necessita de ser desmascarada.

10 — Em face do acima exposto, convida todas as pessoas que com ele tenham negociado que se pronunciem a quem de direito se, dentro dos prazos estipulados, não foram efectuadas as escrituras e os respectivos registos nas Conservatórias, provando a legalidade das transacções.

11 — Há indivíduos que nos prazos estipulados não cumprem. Também os há que depois de se apanharem com as escrituras devidamente registadas, fazendo as confissões de dívida, se furtam ao seu pagamento. Talvez, quem sabe se, influenciados pelas notícias caluniosas de tão sensacionalista órgão de Imprensa.

Seguidamente vêm as consequências. O procedimento Judicial,

que é o caso que vem acontecendo com um comprador de Luanda, que não efectuou o pagamento de um cheque no montante de 333 000\$00, provando-se que foi influenciado pelas notícias tendenciosas daquele jornal.

Este assunto faz parte das declarações prestadas a uma revista de Luanda de 1 de Julho de 1972, assim como da carta enviada ao caluniador em 24 de Maio de 1972.

Tal influência se fez sentir noutro cliente, radicado na África do Sul, através do recorte do jornal, daqui enviado por um seu cunhado. Este indivíduo tem feito grande campanha negativa a respeito do signatário, deslocando-se propositadamente aos vários centros de convívio, tais como Associação Nacional dos Portugueses, Clubes, etc., mostrando a toda a gente os exemplares do jornal caluniador, alegando ter comprado um terreno ao signatário, que não lhe pertencia.

Na realidade, o terreno era meu e no contrato promessa compra venda, foi estipulado o prazo para a escritura até ao dia 30 do corrente mês. Certamente esse comprador não se deixará influenciar pelo jornal, deixando de cumprir o contrato.

Este terreno está inscrito na matriz com o art.º rústico n.º 405 da freguesia de Caparica, e registado na Conservatória do Registo Predial de Almada, sob n.º 305 a folhas 197-V, do livro B-3. «Julga» que o mesmo só tem um proprietário.

Não se deixe pois influenciar e pense que as suas economias são ganhas com muitos sacrifícios e longe da Mãe-Pátria.

12 — É ou não verdade que se deslocou a Lisboa uma senhora vinda de Luanda, a convite do signatário, para averiguar da veracidade das suas transacções, contra a voz caluniadora e infame de tal órgão de Imprensa?

Essa senhora foi à sede do dito jornal contestar as infames notícias.

Escreveu depois uma carta àquele periódico, com pedido de publicação.

Qual a atitude daquele órgão perante estes factos, sabendo para mais, que aquela senhora representava um grupo de clientes?

O mesmo mutismo de sempre. Violação sobre violação da Lei, que tão apregoadamente arma em defensor.

13 — São grandes e fáceis de adivinhar os prejuízos causados ao signatário, por isso, aconselha todos os seus clientes, colaboradores e amigos, sempre que lhes surja qualquer dúvida, a certifi- carem-se por consulta directa nas competentes Repartições e não se deixarem levar por notícias publicadas em regime de «chantagem».

14 — O signatário está sempre disposto a fornecer todos os elementos que se julguem necessários e efectuar todos os comunicados precisos, pedindo ao público em geral a atenção de que, se mais não faz, é porque de momento, lhe é vedado pela Lei de Imprensa, acusar directamente o órgão caluniador, sujeitando-se como tal às limitações que lhe são impostas.

Charneca de Caparica, 18 de Julho de 1972.

O Signatário
Jorge Rodrigues Alvarez
Segue reconhecimento

DL/NACIONAL

AGRICULTURA IMPRESCINDÍVEL

CHEFE DO ESTADO

O Chefe do Estado, almirante Américo Thomaz, recebeu ontem, ao fim da tarde, no Palácio de Belém, alguns atletas e dirigentes desportivos das delegações portuguesa e brasileira aos V Jogos Desportivos Luso-Brasileiros. Entre outras altas individualidades e membros do Governo estiveram presentes os ministros dos Negócios Estrangeiros, Ultramar e Educação Nacional. O Presidente da República recebeu ontem também o bispo da diocese norte-americana de Fall River, D. Daniel Cronin, que se encontra em Portugal a convite do bispo de Madarsumá. Foram ainda re-

cebidos pelo Chefe do Estado os directores do Clube Radiofónico de Portugal e o adjunto da direcção que ali foram oferecer uma medalha comemorativa do 40.º aniversário daquela estação emissora.

PRESIDENTE DO CONSELHO

O prof. dr. Marcello Caetano trabalhou ontem com os ministros de Estado do Planeamento Económico e da Educação Nacional e ainda com o secretário de Estado da Aeronáutica.

«Não ignoramos que a agricultura constitui uma força e uma força muito grande, que deriva do facto de ter sido essencial no passado, fundamental no presente e imprescindível no futuro», afirmou ontem o eng.º Vasco Leônidas em Vale de Cambra, durante a visita à Unagri. O secretário de Estado da Agricultura louvou a União das Cooperativas do Noroeste Português (trinta cooperativas) dizendo que «tudo isto poderia parecer um sonho ainda há pouco tempo, mas verifica-se ser já hoje uma consoladora realidade». E declarou: «Não há desenvolvimento económico possível sem uma agricultura capaz, dinâmica e progressiva.»

IMPRENSA

«Comércio de Portimão»

Entrou no 47.º ano de publicação o nosso prezado colega «O Comércio de Portimão», a cujo director, sr. Pedro Octávio da C. Leal e aos colaboradores apresentamos cordiais saudações.

LAGOA DE ÓBIDOS

PEIXE MORTO: RETIRADA LENTA

A falta de pessoal torna lenta a retirada das milhares de tainhas mortas e que, desde sexta-feira passada, inundam o braço da Barrosa, na Lagoa de Óbidos, provocando um cheiro extremamente desagradável e fazendo perigar a saúde das populações vizinhas.

Apenas três batateiras estão a ser utilizadas, carregando o peixe para a margem, que depois é transportado em camionetas para uma fábrica de adubos em Amoreira, Óbidos. A este ritmo torna-se evidente que a tarefa levará vários dias, indo afectar ainda mais o ambiente

e determinado provavelmente a morte do peixe ainda vivo — na generalidade peixe miúdo.

Estiveram ontem no local o comandante do porto de Peniche, o subdelegado de Saúde, dr. Azevedo e Castro e outras individualidades com o objectivo de averiguar as causas que provocaram a morte de cerca de cinquenta toneladas de peixe. Pensa-se que a falta de comunicação do braço da Barrosa com a lagoa, além dos esgotos da cidade e dos resíduos industriais, terá provocado um elevado aumento da temperatura das águas que em alguns locais terá atingido os 26 graus.

MANHÃ NA PRAÇA

SALADA CARA EM PRAÇA DESERTA

As 7 e 30 da manhã ainda a praça de Campo de Ourique se encontrava deserta. Bancas cobertas que a pouco e pouco se iam destapando, escassos géneros, vendedores nos últimos preparos de apresentação da mercadoria ao público, e de frequentes nem o mais leve indício.

Nós donos da praça — verificamos à vontade, os preços. A carne de vaca mantém-se estacionária. Assim: lombo a 90\$00, assém a 70\$00, rosbife a 80\$00 e bife a 62\$00. Quanto ao borrego depois de ter baixado um pouco não apresenta nenhuma mudança na tabela. Custam as costeletas a 57\$80, a perna a 51\$70, a mão a 48\$60 e o peito a 34\$20. O lombo de porco está a 75\$00, as costeletas a 59\$80 e a carne limpa a 63\$00.

Na secção do peixe vimos as mais variadas espécies para preços também variados: desde a sardinha a 14\$00, o capapau branco a 28\$00, a pescadinha a 29\$70, o safio a 28\$50, o goraz a 27\$00, as lulas a 36\$00, os chocos a 38\$00, a pescada a 41\$70, o robalinho a 57\$00 e o salmone a 98\$00.

Os condimentos para a salada tão necessária e apreciada no Verão continuam a registar um preço elevado. Vimos os pepinos marcados a 6\$00, o tomate a 4\$00, o feijão verde a 5\$00 e os pimentos a 18\$00.

No que diz respeito à fruta nada de novo: As uvas estão a 10\$00, as bananas entre 10\$00 e 12\$00, os peros a 6\$50, a laranja a 7\$00 e 10\$00, os pêssegos a 7\$00, as peras a 8\$00 e as ameixas a 8\$00.

EMIGRAÇÃO

O ministro das Corporações e da Saúde e Assistência e o sub-secretário da Juventude e Desportos visitam hoje os cursos de férias para filhos de emigrantes, que estão a decorrer em Caparide e no Estoril, no âmbito das actividades das colónias de férias promovidas pelo Secretariado Nacional da Emigração.

MEIO-AMBIENTE

A possibilidade ou impossibilidade de conciliação entre o desenvolvimento económico e a defesa necessária do meio-ambiente é o tema da «mesa-redonda» da CED (Cooperativa de Estudos e Documentação), depois de amanhã às 21 horas. Alguns dos participantes: dr. José Ribeiro dos Santos, prof. Henrique de Barros, dr. Maia Cadete, prof. F. Magalhães Colação, eng.º Gonçalo Ribeiro Telles, eng.º Aquilino Ribeiro, dr. J.C. Ferreira de Almeida, dr. Egídio Namorado, José Manuel Nunes.



CAUNY

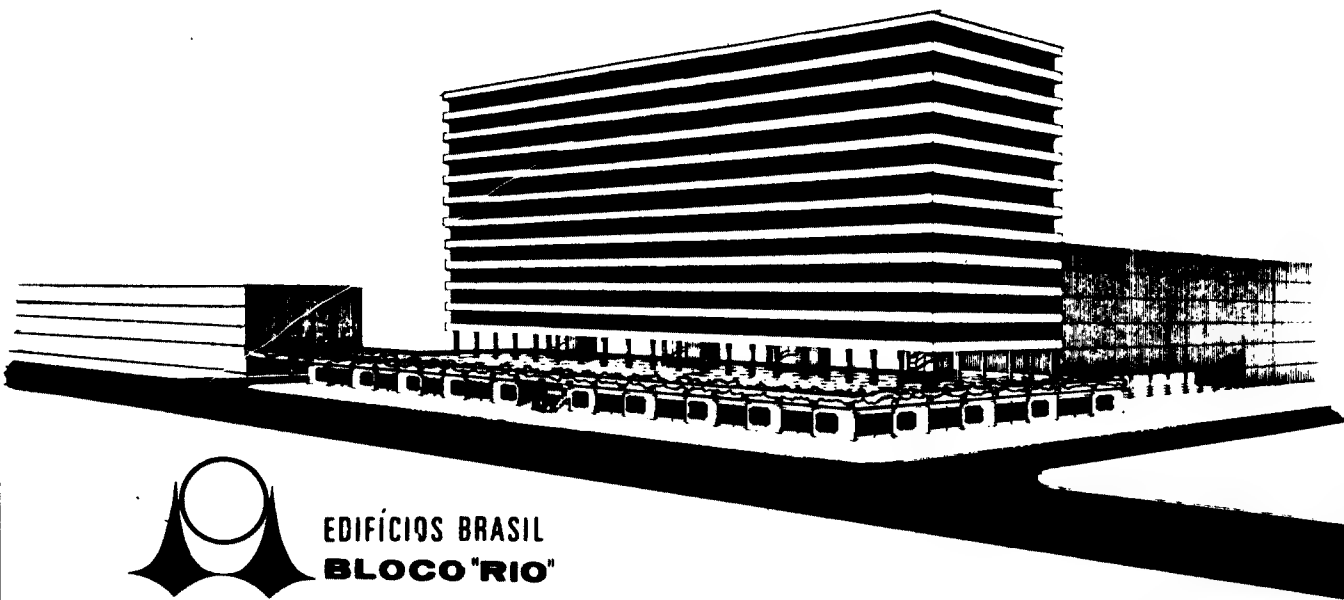
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

CRONOGRÁFO

Exactitud
Precisión
Seguridad

Garantido 1 ano

O prestígio constrói-se com qualidade

EDIFÍCIOS BRASIL
BLOCO "RIO"

Setúbal

Um bom investimento
A satisfação dum anseio
Um património valorizávelHABITAÇÕES DE 2 A 7 ASSOALHADAS
UM CATEGORIZADO NÚCLEO RESIDENCIAL

Peço que me sejam enviadas plantas e detalhes de andares com casas assoalhadas

Nome
Morada
Telefone

COMPAR S.A.R.L.

D. L. Av. Defensores de Chaves, 31-4.º
Lisboa

- * Carpintarias, armários roupeiros em madeiras exóticas
- * Cozinha tipo Italiano Fabrico Esquadria
- * Estruturas em betão armado anti-sísmica
- * Carpintarias de madeiras exóticas
- * Azulejos decorativos
- * Gás canalizado
- * Loiças sanitárias e torneiras de luxo
- * Pavimentos revestidos a alcatifa de lã
- * Armários roupeiros
- * Paredes pintadas a tinta plástica
- * Armários de cozinha «tipo italiano» revestidos a termo-laminado
- * Lava-loiças em aço inox
- * Ascensores rápidos
- * Antenas colectivas de T.S.F.-TV
- * Telefones internos
- * Condutas de lixo

LISBOA—Av. Defensores de Chaves, 31-4.º—Ts. 40687-532057 * SETÚBAL—Av. de Góia, 18 - Ts. 23183-25533
(MOSTRA-SE TAMBÉM AOS DOMINGOS)

DL/GERAL

Dizem os leitores PORTUGAL E A EUROPA

O recente acordo entre Portugal e o Mercado Comum mereceu do sr. Daniel Mota de Lisboa, a carta que transcrevemos: «Como o «Diário de Lisboa»

fez um inquérito de rua sobre o assunto acho que também posso dar a minha opinião, apesar de não ser especialista. Penso que este acordo está certo embo-

ra a maioria das pessoas se não aperceba do seu valor. No entanto eu acho que se devia ir mais longe. Portugal devia pura e simplesmente pedir para entrar com todos os direitos e deveres, na Europa em formação. Bem sei que nós estamos menos desenvolvidos que a França, a Alemanha e os outros parceiros da CEE, mas certamente eles teriam em conta esta situação. Bem sei que as coisas não são tão fáceis como parecem mas

tenho para mim que, a longo prazo, o povo português viria a beneficiar. Daqui a alguns dias ficarei a saber melhor o alcance do acordo celebrado com Portugal através da exposição do sr. ministro dos Negócios Estrangeiros mas por aquilo que já li, parece-me que facilidades na troca de produtos industriais é muito pouco. Ou isto é apenas o primeiro passo para a integração na Europa? É preciso ver que humanamente essa integração já se vem fazendo através dos grandes contingentes de emigrantes que foram trabalhar para a França e Alemanha. Porque não completá-la?

Não sou um especialista, repito, mas penso que estes problemas interessam a todos e se fossem convenientemente explicados nas suas causas e consequências, em palavras que todos entendessem, penso que um maior número de pessoas teria uma opinião formada porque, afinal, todos somos cidadãos.»

Este espaço é inteiramente seu. Envie-nos uma carta ou telefone-nos para 655233. A sua opinião será devidamente considerada.

em 3 linhas

Foi concedido ao dr. José Francisco da Rosa Taborda o título de agregado (Matemática Aplicada) pela Universidade de Lourenço Marques.

///

Foram autorizadas transferências de verbas dentro do orçamento do Ministério da Educação Nacional, que atinge o montante de 19 931 200\$00.

///

A Presidência do Conselho esclarece, por despacho inserto na folha oficial (1.ª série) o sentido do termo «unidades» usado nos artigos 6.º, 17.º e 24.º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 566/71, de 20 de Dezembro.

///

Marciano Baptista Rodrigues foi nomeado arquitecto de primeira classe da Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas.

///

Foi estabelecido definitivamente o perímetro de protecção da Capela de Nossa Senhora da Lapa e Pelourinho da Lapa, no concelho de Sernancelha, já classificados por lei.

///

Está aberto concurso público para a adjudicação da empreitada da Estrada Municipal, de Fráguas, da Estrada Nacional a Outeiro da Cortiçada; primeira fase (expropriações, terraplenagens e obras de arte corrente na extensão total de 61 118 m). Base de licitação: 533 173\$00.

LIMPOPO SEM ÁGUA

LOURENÇO MARQUES, 25 - (ANI) Desde o princípio de Maio que a povoação de São Jorge de Limpopo, no distrito moçambicano de Gaza, se encontra privada do abastecimento de água, devido às cheias do rio Limpopo terem atulhado o poço de serviços.

Os caminhos de ferro de Moçambique têm procurado assegurar a água necessária ao consumo dos habitantes, rebocando até àquela estação um vagão-tanque.

INFORMAÇÃO ECONÓMICA

Petróleo russo para a América

O petróleo preocupa mais do que nunca os norte americanos. Diminuídas as suas fontes de obtenção, devido à crise do Médio Oriente e à saturação dos poços da América do Sul, (estes não dispõem de capacidade para aumentar a sua produção) levanta-se o problema de ampliar urgentemente a sua rede fornecedora.

Os Estados Unidos, que tinham há dez anos dez por cento das reservas mundiais de petróleo, contam actualmente com apenas 6,4 por cento, correndo o risco de as ver diminuir ainda mais.

Por cada quatro barris extraídos no ano passado, os E.U.A. importaram um. Isso significou que as importações correspondessem a 26,6 por cento do seu consumo, percentagem que pode subir, segundo o Instituto Norte-Americano de Petróleo, para 50 por cento em 1985.

Estas importações provêm, na maioria, do Médio Oriente e do Norte de África. «O impacto de tal dependência sobre a nossa balança de pagamentos (frisa aquele Instituto) faz-nos pensar seriamente noutras alternativas».

Uma dessas alternativas será a de comprar petróleo à União Soviética, que é um dos maiores produtores do precioso e pretendido líquido.

Assim, não causou surpresas a assinatura de um acordo quinquenal de cooperação técnica feito entre a Ocidental Petroleum Corp. de Los Angeles com a URSS. Este acordo prevê, na opinião de alguns peritos, a cedência à Ocidental de petróleo e gás natural russo em troca de ajuda técnica e económica americana.

BALANÇO

CARNE — Os ministros da Agricultura dos países membros do Mercado Comum não chegaram a acordo (pelo menos por agora) quanto à fixação de preços para a carne de gado bovino. As divergências surgiram quando a Comissão Executiva propôs um aumento de 3,5 por cento para Setembro. A Alemanha e a Bélgica, exigem, porém uma subida muito maior, enquanto a França, por exemplo, não deseja que o acréscimo ultrapasse os três por cento.

COBRE — O Chile vai vender 130 mil toneladas métricas de cobre à União Soviética, e produtos manufacturados do mesmo metal no valor de 87 milhões de dólares. A notícia foi dada pelo gerente da Corporação Estatal do Cobre, Orlando Caputo, que informou ter sido assinado um vasto plano de assistência técnica por parte da URSS.

CAFÉ — O preço do café continua a subir em todo o mundo devido às desvalorizações das moedas e à quebra de produção registada ultimamente. Só no Brasil esta cifra chegou-se em mais de quatro milhões de sacas. O consumo mundial de café ronda os 50 milhões de sacas.

AÇO — Na produção do aço dos cinco primeiros meses deste ano (que, no conjun-

to dos países da CEE, atingiu 46,36 milhões de toneladas, registando um incremento de 4,8 por cento em relação ao idêntico período de 1971), a Itália evidenciou-se, particularmente, pelo seu ritmo de incremento muito mais elevado. De facto, a produção italiana dos ditos 5 meses que em 1971 atingira 7,11 milhões de toneladas, subiu este ano para 8,24 milhões de toneladas, registando um aumento de 16 por cento.

CIMENTO — Da estatística da Associação Europeia do respectivo sector, depreende-se que a Itália alcançou o 5.º lugar no mundo, entre as nações produtoras de cimento, sendo superada na Europa só pela Alemanha Federal que ocupa o 4.º lugar. Os primeiros três lugares pertencem à União Soviética, aos Estados Unidos da América e ao Japão, isto é, aos três mercados internacionais que, pela sua extensão e especial posição no mundo, estão obviamente colocados acima do consumo e confronto com as outras nações europeias.

Entretanto, merece lembrar o extraordinário progresso registado pela indústria italiana do ramo cuja produção subiu nos últimos dez anos de 15,3 milhões de toneladas em 1962, para 31,8 milhões de toneladas em 1971.

NÃO DEIXE FUGIR A OPORTUNIDADE

47

Último concurso da 11.ª Época DO TOTOBOLA

ESTA SEMANA COM JOGOS DA TAÇA INTERNACIONAL



DESTINOS	DEPARTAMENTOS
Linha de África	
«LUANDA» a sair em 24 de Julho	Com escala prevista por Lisboa vindo dos portos de Luanda, Lobito, Moçimbo, Cabinda, D. João, D. Maria, Lourenço Marques, Beira e Nacala. Chegada a 23 de Julho
«BAIUNDO» a sair em 1 de Agosto	Com escala prevista por Lisboa vindo do Cabo Verde para LUANDA, LOBITO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. Chegada a 31 de Julho
«PÁTRIA» a sair em 5 de Agosto às 18 horas	Com escala prevista por Lisboa vindo de LUANDA, LOBITO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. Chegada a 4 de Agosto
«GANDA» a sair em 24 de Agosto	Vindo dos portos do Mediterrâneo e com escala prevista por Lisboa para LUANDA, LOBITO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. Chegada a 11 a 22 de Agosto
Linha da América Central	
«SANTA MARIA» a sair em 24 de Agosto, 25 de Setembro, 26 de Outubro e 26 de Novembro às 18 horas	Com escala por Vigo e Laredo para LISBOA, LA GRACIA, CARACAS e PORTO LAURENÇO MARQUES. Chegada a 26 de Agosto

(*) SE NECESSÁRIO.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 65 — Tel. 369621 * PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

Mundial de hóquei Relvas já está com a selecção

LA CORUNHA — Problema resolvido: não obstante o treinador da selecção portuguesa não ter viajado com a equipa no domingo, fazendo nascer um «caso», ele já chegou ao Colégio La Paz, nesta cidade, e está pronto a continuar o seu trabalho juntamente com Guilhermino Rodrigues. No final de contas, problema resolvido da melhor maneira. Que se passou? Apenas isto: logo no início dos trabalhos da nossa selecção, Joaquim Relvas colocou ao presidente da Federação e ao seleccionador nacional um problema

de bom para a revalidação do título mundial.

Entretanto, mais satisfeitos e bem dispostos com a chegada do treinador, os hoqueístas portugueses treinam numa adaptação ao rink. Tudo decorrer normalmente, e até Chana está completamente recuperado da lesão acontecida num dos últimos treinos de Lisboa. No meio de tanta coisa a correr bem, apenas uma contrariedade: as camisas. Realmente, todos os jogadores se queixam das camisas que lhes destinaram, dizendo que

**ORLANDO
DIAS AGUDO
no «Mundial»
da Corunha**



com razão de ser: possivelmente não poderia deslocar-se à Corunha, pois terá mais tarde de viajar novamente até Barcelona, por causa do campeonato da Europa de juniores. E não poderia deslocar-se agora porque os seus afazeres profissionais não o permitiriam. O «segredo» ficou apenas nas pessoas atrás indicadas, pelo que foi com algum espanto que os jogadores (e demais componentes da comitiva) estranharam a ausência do treinador no «autocarro da esperança».

No entanto, sentindo que a sua falta poderia ocasionar falsas interpretações, ontem mesmo fez um esforço no sentido de ser dispensado no local onde exerce a sua actividade profissional e conseguiu resolver o problema: e ontem ainda embarcou para a Corunha, utilizando o comboio como meio de transporte. A esta hora, Joaquim Relvas está já junto dos seus rapazes, pronto a tudo quanto seja

são cómodas demais. Os responsáveis pela comitiva portuguesa já usaram o problema a quem de direito e espera-se que, antes de quarta-feira, tudo fique em condições. «Camisas moles — dizem eles — não se prestam à recuperação do esforço a que naturalmente seremos chamados».

O próximo adversário será a Alemanha. Exactamente o adversário que nos bateu no último campeonato da Europa. Embora haja quem pense o contrário, o seleccionador nacional acha que é o melhor que nos poderia acontecer: logo no primeiro jogo terminam os complexos, se é que algum jogador tem (ou tinha) conceitos recalçados por essa derrota.

Boa disposição e alegria saudável em cada jogador da selecção nacional. Porque o campeonato só começa amanhã: e não há motivos para apreensões. O título está perfeitamente ao nosso alcance. Vamos a isto!

Ninguém esperava os portugueses na chegada à Corunha.

A equipa fez o primeiro treino: Livramento e Chana (apoiados) por Rendeiro, actuaram excelentemente.

Garrancho continua sem treinar: natural que possa recuperar (da lesão num pulso) até amanhã à noite.

Dois árbitros portugueses no campeonato: Cardoso e Carlos Bica.

Equipamento para o embate contra a Alemanha: calções brancos e camisa grená.

Prosseguiram os jogos Luso-Brasileiros

Mais uma jornada destes inexpressivos «Jogos Luso-Brasileiros». Resultados de ontem:

Vela — Teixeira da Fonseca e Sena Rodrigues foram os primeiros das duas regatas de «finns» que se realizaram na Baía de Cascais. Em Lourenço Marques, terminaram os «Jogos» (no que se refere a Moçambique) com atletismo e ginás-

ca. Das quinze modalidades disputadas apenas duas foram vencidas por atletas portugueses. Em Quelimane, a equipa brasileira venceu a de Moçambique, em basquetebol, por 92-62. Em hóquei patinado, a selecção de S. Paulo venceu em Nampula, a da Beira, por 3-1. Na inauguração da piscina da Beira, os brasileiros obtiveram as melhores classificações.

talvez porque em tempo de inflação já se desistiu de travar a alta de preços dos bens e serviços, os sócios do Sporting, reunidos em Assembleia, aprovaram um aumento geral do montante das suas quotas e ainda discutiram durante largo tempo... por acharem o aumento insuficiente e estarem dispostos a pagar mais. Este facto, e uma campanha intensamente agressiva contra a Imprensa, Rádio e Televisão, preencheram a maior parte das três horas de conversa leonina, em que se inclui também a afirmação de que os contratos com os jogadores profissionais seriam este ano objecto de particular dureza e que «os craques da selecção o não tinham sido durante o ano do Sporting». O resto foi um florilégio de retórica: e de várias afirmações insólitas a que nem o próprio presidente da Direcção se furtou.

Assim, presidida pelo dr. Amado Aguiar, formalidades da praxe idênticas às de outras reuniões do género e a entrada na discussão do relatório na especialidade, 30 minutos gastos em piropos: alguns deles de tão baixa categoria apenas merecem uma pedra por cima. E, a certeza de que o clima de hostilidade em relação à Imprensa está longe de acabar: antes promete intensificar-se, como tem acontecido nas Assembleias Gerais de outros importantes clubes quando as equipas de futebol não ganham campeonatos e não satisfazem os desejos recalçados de uns tantos. Entre assobios, gritaria e exclamações de «rua» e «fora», o presidente do clube lá conseguiu explicar a posição do Sporting em relação aos jornais, garantindo que o voto de agradecimento que tanta polémica gerara dizia respeito a todos os órgãos da Informação, exceptuando o «Mundo Desportivo» (com quem o Sporting está de relações cortadas).

Ao fim daquela conversa toda, que motivou até a análise rápida da situação pelos profissionais de Imprensa presentes que só não provocou um abandono maciço da sala (onde parece que não os queriam) pela consideração que o clube merece e pelo facto de as vezes partem de associados anónimos ou sem representatividade, o voto de agradecimento foi aprovado apenas com sete «contras». Mas, ficaram no ar umas suspeições que não seria mal o dr. Brás Medeiros esclarecer, como aquela do «não acredito que os críticos honestos recebam dinheiro para prejudicar o Sporting...» A quem querará referir-se o ilustre presidente dos «leões»?

TERRENOS, QUOTAS E JOGADORES

O aumento das quotas, como arranque para as obras de fecho

Boavista em fase de trabalho: é necessário arranjar dinheiro para pagar as obras no Estádio do Bessa e, assim, nada melhor que organizar um torneio internacional de futebol. Uma selecção de Berlim figura na competição prevista para se iniciar a 26 de Agosto.

O clube tem, actualmente, um «déficit» de 4000 contos — saíam-se ontem, em assembleia geral dos seus associados. Os dirigentes estão tolhidos,

do estádio, com os fundamentos enumerados pela Direcção («Volume dos empreendimento a necessidade do seu financiamento», a descrição das prioridades a seguir na construção da «Cidade Desportiva» e a referência ao andamento das negociações com dois «internacionais» (Peres e Dinis) ocuparam o resto da noite: ou seja as duas últimas horas da reunião. Do discurso do dr. Brás Medeiros, eis a súmula mais importante: «Quando entrei para a Direcção do clube, em 1965, o Sporting mantinha já nego-



Peres, no domingo, contra o Benfica: uma despedida ou (apenas) uma repetição de arrufo antigo?

ciações para a cedência de terrenos que hoje são nossos e que na altura apenas nos pertenciam em parte do estádio e mais duas parcelas anexas de 81 metros situadas no topo norte. Neste momento, tratamos de preparar os terrenos: e a Câmara faz as necessárias «démarches» para expropriar as parcelas que ainda faltam e resolver o problema social dos habitantes das barracas instaladas nos terrenos que são nossa pretensão, também. A ordem das prioridades a seguir na construção é: 1.º o fecho do estádio, com o ganho consequente de pavilhões, campos, ginásios e salas que proporcionem receitas ao Sporting e terminem de vez com as digressões por aí à procura de terrenos para as nossas equipas treinarem. Além disso, a bancada terá mais 16000 lugares. 2.º Uma piscina aquecida onde o Sporting possa praticar competitivamente duas modalidades de largas tradições no clube, a Natação e o Water-Polo. 3.º Campos de jogos ao ar livre, nomeadamente «courts» de ténis. Isto sem falar na pista de «tartan» em que o Sporting continua a pensar, apesar de não ter banqueiros que lhe ofereçam».

Já no fim das três horas de discussão, foram eleitos novos membros do Conselho Leonino (um cropo consultivo da Direcção do Sporting), numa lista encabeçada pelo dr. Afonso

Marchueta e fechada pelo general Venâncio Deslandes.

Das outras propostas aprovadas na Assembleia, e contidas no Relatório da Direcção, destaca-se a concessão do diploma de sócio de mérito ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Eng. Santos e Castro e a expressão de um voto de profundo pesar pela morte do major Lobo da Costa, seguido de um minuto de silêncio, religiosamente respeitado por todos os presentes.

De acordo com a proposta vo-

Sócios Correspondentes (residindo a mais de 100 quilómetros de Lisboa) passam a pagar 75\$00 anuais, contra os 55\$00 anteriores.

Este aumento, se se mantiver o número de associados (40 000) dará um acréscimo de receitas de 1500 contos.

PERES E DINIS

Como se sabe, o Sporting tem ainda para renovar os contratos de Peres e Dinis, um problema que se arrasta e que já se sabia obrigar a muitas cautelas, uma vez que qualquer dos visados futebolistas jogou no Brasil em grande estilo e agora viria pedir dinheiro de acordo. Sobre isso, mas sem referir os nomes (ainda que as indicações não permitissem interpretações erradas) disse o dr. Brás Medeiros:

Vai ser critério da minha Direcção não discutir nunca remunerações de jogadores de futebol como se discute o preço da sardinha. Um deles jovem de vinte e dois anos (Dinis) pediu 45 contos mensais e o Sporting apenas lhe pagará 24, que é remuneração superior à do presidente de República. Quanto ao outro, o Sporting não tem de pagar a valorização do jogador na selecção pois isso é com a Federação. Um desses jogadores (Peres) já afirmou que era um «craque» na selecção e devia ser pago de acordo. Pois eu digo-lhe que se é «craque» na selecção não o vi actuar como tal durante o ano, no Sporting. Vamos empregar justiça e dureza na renovação dos contratos desta época, pois o Sporting já era Sporting antes da existência destes jogadores. Não podemos ter cá é maricas».

DANIEL REIS

Para Munique: Rússia escolhe equipa

Resultados dos campeonatos russos de atletismo, segundo os quais a Rússia escolhe a sua equipa olímpica:

HOMENS, MARTELO: 1.º, Anatoly Bondarchuk, 75,45 metros; 2.º, Valentin Dmitrenko, 73,82m.; 3.º, Vasily Khmelovsky, 72,82 m.

400 METROS BARREIRAS: 1.º, Yevgeny Gavrilenko, 49,2s.; 2.º, Viktor Savchenko, 49,3 s e 3.º, Yuri Zorin, 49,6 s.

110 METROS BARREIRAS: 1.º, Viktor Myasnikov, 13,7s 2.º, A. Moshiasvili, 14,0 s; 3.º, E. Pereverzev, 14,0 s.

3000 METROS OBSTACULOS: 1.º, Romualdas Bitte, 8 m 30,0 s; 2.º, Sergei Skripka, 8 m 31,0s e 3.º, Viktor Kudinsky, 8 m 32,2 s.

SALTA À VARA: 1.º, Genady Bliznetsvo, 5,20 metros; 2.º, Yuri Isakov, 5,20 m e 3.º, Vladimir Kishkun, 5,10 m.

5000 METROS: Nikolai Puk-

lakov, 13 m 48,6 s. (Os outros resultados desta prova foram tão fracos que nem sequer são anunciados oficialmente)

A estafeta 4 vezes 100 metros foi ganha pela equipa do exército em 39,6 segundos e a 4 por 400 ganha pela equipa Burevestnik em 3,48 segundos.

800 METROS: 1.º, Nicole Sabaitte, 2m 01,1s (Record da Rússia); 2.º, Nina Morgunova, 2m 01,5 s e 3.º, Raisa Ruus, 2m 02,1 s.

DISCO: 1.ª, Faina Melnik, 62,38 metros e 2.ª, Ludmilla Muravyev, 59,54.

1500 METROS: 1.ª, Ludmilla Bragina, 4 m 0,98 s; 2.ª, Pangelova, 4 m 11,3 s e 3.ª, Kazachova, 4 m 11,6 s.

100 METROS BARREIRAS: 1.ª, Liya Kf Anisimova, 13,6 m.

A estafeta feminina 4 por 100 foi ganha, também pela equipa do exército, em 44,8 s, e a 4 por 400 pela equipa Burevestnik, em 4 m 33,0 segundos.

Domingo, em Sá da Bandeira (Angola) Sporting e Belenenses jogam para o «Torneio Intercontinental». Por seu lado, na Beira (Moçambique) actuam Porto e Vitória de Setúbal.

Graça, guarda-redes junior que o Sporting recrutou em Angola e que não chegou a alinhar em Alvalade por decisão do Centro de Medicina Desportiva, está (afinal) a jogar à bola oficialmente, representando o Ferrovias de Nova Lisboa.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL ALEMAÃS NO BESSA

pessoais, por um mundo de problemas financeiros». Tarefa dura, portanto, espera os «axadrezados».

Torres, guarda-redes do Vi-

tória de Setúbal, não acordou ainda a prorrogação dos seus serviços com os sadinos. E, segundo anuncia, está interessado em partir para a Académica de Coimbra, para prosseguir os estudos.

BELENENSES: ÁFRICA É O RUMO

Com a bancada do lado Nascente em fase (adiantada) de cobertura nova e a relva (muito verdinha e carregada de pequenas flores) a receber água com fartura, 26 atletas cuidavam da preparação na anacrónica (agora é assim, estamos na era do «tartan») pista de cinza do Estádio do Restelo. No comando: Peres Bandeira. Exercícios físicos (em profusão) viriam a terminar na rampa de acesso ao parque de automóveis. Bola, nem vê-la. Suores em bica. Tudo para o duche. Massagens para alguns. Scopelli (que observa, que aconselha, que está em todas) é o cérebro que faz andar a máquina.

Ao contrário do que foi anunciado, Pena ainda não decidiu o rumo a tomar e continua a treinar no clube que lhe assegura o cumprimento de um contrato que está por rescindir. No Restelo (também com rumo incerto), Amaral e o brasileiro Teles não descuram a condição física indispensável a um profissional do chuto. Entretanto, só ontem ao fim da tarde é que os novos contratos foram assinados: Luís Carlos, Laurindo, Godinho, Quinito e Parreira passaram pela secretaria do Restelo a legalizar o compromisso. Para o ano há mais: o «capitão» Quaresma, os viajados Murça e Mourinho, o cada vez mais possante Ernesto (entre os outros todos que não serão poucos) de novo Ferro, Gonzalez e Laurindo.

Na lista dos 17 que partem para o Ultramar, só haverá alterações caso surja algum problema de força maior. Assim, farão a viagem os seguintes jogadores: Mourinho, Ruas, Murça, Quaresma, Freitas, Pietra, Parreira, Gomes, Calado, Ernesto, Godinho, Júlio, Quinito, Laurindo, Luís Carlos, Gonzalez e Leandro.

O lateral João Cardoso continua impedido de se preparar, dados os seus afazeres militares numa unidade distante da capital. O melhor marcador da última época «azul», o brasileiro Luís Carlos, acabou de renovar o seu compromisso com o Belenenses por uma verba muito inferior aos mil contos anunciados: segundo consta, o valor global do seu contrato (válido por dois anos) ronda o meio milhão de escudos.

Após o regresso da «campanha africana» que se deve verificar lá para meio do mês de Agosto, a turma do Restelo voltará as suas atenções para os dois encontros com a equipa espanhola do Las Palmas: na noite de 20, jogo em Lisboa (já com o novo sistema de iluminação pronto a funcionar) e a 23 retribuição da visita com um passeio até às Canárias.

Para terminar, anotemos os nomes dos jogadores que não se deslocam ao Ultramar e que completam o quadro para a próxima época: Ramalho, Ferro, Canena, Silva, João Cardoso e Carlos Serafim (ainda um tanto atrasado na recuperação depois de anulada a fractura da perna direita). Temos, portanto (e até ver) um lote de 23 futebolistas com a situação definida mas, ou muito nos enganamos, ou o grosso da coluna ainda será aumentado...



Laurindo, que assinou contrato por uma temporada, vai mesmo regressar a Angola: está incluído na comitiva que vai entrar na luta pela posse do IV «Troféu TAP». Alma nova tem o angolano.

REGISTO

MINI-BASQUETE: Decorreu no ginásio do Futebol Clube Barreirense a primeira jornada do Torneio organizado por esta colectividade. Os resultados: **Série A** — Montijo - Seixal: 32 - 38; Benfica - Luso, 64 - 13. **Série B** — Galitos - Barreirense: 24 - 28; Barreirense A - Franceses, 103 - 18.

HIPISMO: No Vale do Jamar realizou-se mais uma jornada de corridas de cavalos. Os vencedores das cinco provas realizadas foram: **Sociedade Hípica Portuguesa**, «Galrito», de António Costa Félix, **Dr. Luís Vêga Pinto**, «Allain-la-Fou-

dre, de José Manuel Bordalo, **Comissão Trote Atrelado**, «Golpeado», do tenente Leite Rodrigues, **Grão Pará**, «Sally Sun Shine», de Luís Lupi e **Dr. Luís Gallego**, «Ric Williams», de Mário Rodrigues.

TENIS DE MESA: Disputaram-se encontros referentes à «Taça de Portugal». Desfechos: **Juniors**, Orfeão de Over-Naval 1.º de Maio, f.c. - v., Belenenses - U. Tomar, 3-0; **Infantis**, C.D.U.P. - Albergaria, 3-0; U.Santarém - Rec. Apolo, 0-3; **Senhoras**, U. Santarém - Sporting, 0-3.

FUTEBOL DE SALÃO: Disputaram-se os jogos da 21.ª jornada do torneio do Palmense. Na **Série A**: Ídolos da Baixa A - Botafogo, 5-3. **Série B**: Combatentes - Bombeiros, 1-3. Alinharam e marcaram: Ídolos da Baixa A — Pacheco, Coelho, Correia, Santana (5), Vasco, Eugénio, José Manuel e Calixto. Botafogo — Mário, Matos, Rendas (1), Bento, Jorge (2), Pinto, Gonçalves e Loutinho. Combatentes — Alexandre, Marques, Paixão, Cantoneiro, Santos (1) e Condinho. Bombeiros — Silva, Coedro, Hilário, Adão, Flávio (1), Carapinha (2), Lopes e Cruz.

FUTEBOL JUVENIL: Com os jogos de apuramento para o 3.º e 4.º lugares e a «final», terminou o «3.º Torneio do Sei-

xal. No primeiro jogo, o Desportivo do Foguetreiro venceu o Vitória dos Paivas, por 2-0. O apuramento para o primeiro lugar do torneio foi decidido por «cantos», acabando a vitória por pender para o Bairro Novo, por 8-6. As equipas alinharam e marcaram: **D. FOGUETEIRO** — Augusto; Barroso (raul), José António, Torrados e Cravo; Porto e Iderlino, Adelino (1) e Armindo. **V. PAIVA** — Vieira, Jacob, Simões, Soares e Alves; Carlos e Fiambo; João, José António, Toni e Chona. **BAIRRO NOVO** — Cuca (um gol no próprio baliza); Carlos Gonçalves, Inácio, Ofório e Inglês; David, Francisco e Tô-Zé; João, Carlos Manuel e Joel (1). **DESP.** **CASAQUINHOS** — Mia, Palma, Toninho, Olímpio e Cardoso; Redondo I, Aniceto e Abílio (Redondo II); Américo, Rui e Helder. A equipa do Bairro Novo vence o torneio pela segunda vez.

VELA: A equipa setubalense, composta por Carlos Ribeiro Ferreira e Gonçalo Arnoso, foi vencedora do 32.º Campeonato Nacional da classe de «stars», disputado na baía de Cascais.

TIRO A CHUMBO: Armandinho Marques ganhou o título de campeão nacional do «fosso olímpico» que se disputou no

«stand» do Monte das Perdizes. Eduardo Ramos e João José Brito venceram outras provas.

TÊNIS: Nos campos do Estádio Nacional disputou-se o encontro entre o Benfica e o Estoril a contar para o «Nacional» da 1.ª categoria. Os estorilistas venceram por 4-1.

BAIRRO DA LIBERDADE: Começou a funcionar, no campo de basquetebol do Liberdade Atlético Clube, um núcleo de difusão de minibasquetebol. As crianças dos 8 aos 12 anos podem comparecer naquelas instalações todos os dias das 18 às 20 horas.

«TAÇA DAVIS»: A Roménia venceu a Rússia (por 3-2) na final da zona europeia desta competição de ténis. A Roménia defrontará a Austrália, nas meias finais da interzona.

Ajuda a suprimir a preocupação das folgas dos Dentes Postiços

Não se preocupe mais nem se apoque com a dentadura postiça solta. DENTOFIX um pó especial para polvilhar as suas placas. Fixa as mesmas firmemente de modo que lhe proporciona maior conforto. Acalma e refresca as gengivas causticadas pelo ácido excessivo da boca. Evite aborrecimentos acasados pelas placas folgadas. Peça hoje mesmo DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

CIMEIRA DE XADREZ

EM PERIGO SUPREMACIA SOVIÉTICA

O americano Bobby Fischer é agora o grande favorito para acabar com o monopólio de 24 anos da União Soviética, no Campeonato Mundial de Xadrez, após vencer Boris Spassky no sexto jogo e comandar pela primeira vez a classificação.

Na sua actual forma nenhum xadrezista do mundo parece capaz de defrontar o temperamental Fischer. Spassky, que foi vencido por duas vezes consecutivas, poderá muito bem cair em face dos ataques do mestre americano tal como aconteceu em Buenos Aires, no ano passado, a Tigran Petrosian, o seu professor como campeão mundial.

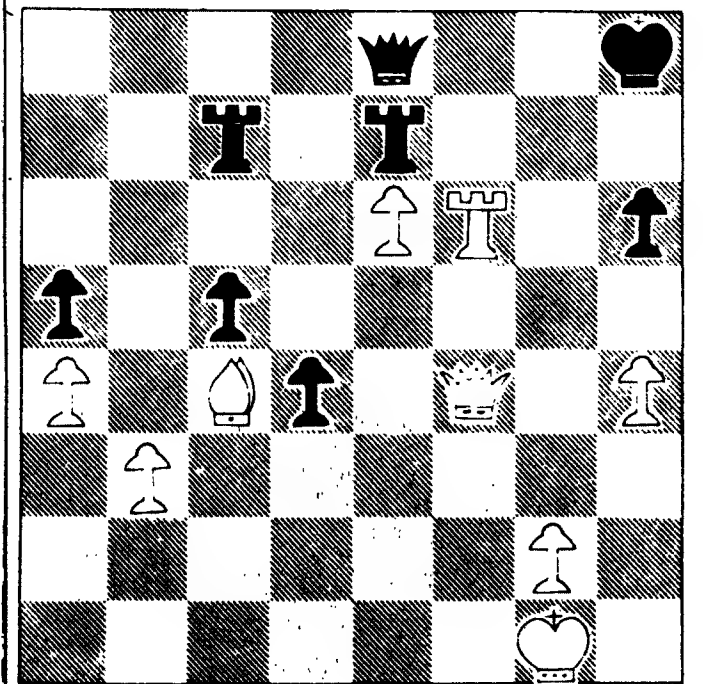
Fischer, após a última vitória comanda a classificação dos 24 jogos do campeonato por 3,5 contra 2,5 pontos. Contudo, na verdade, apenas perdeu uma partida jogada em frente de Spassky, sendo outros pontos do russo de um jogo a que Fischer

não compareceu. O quarto, ficou empatado.

A propósito da derrota de Spassky na 6.ª partida do campeonato mundial e do actual resultado do match, o comentador da Agência Tass em Reykjavik, Ermakov, presta homenagem ao campeão americano que «Não cometeu um único erro». Quanto a Spassky, critica-o pela sua «Prudência» e «Passividade».

Fazendo notar que logo nos primeiros lances Fischer «Desenvolveu um ataque irresistível», Ermakov admite que o campeão mundial se encontra ainda deprimido com a jogada irreflectida que ditou a sua derrota na partida anterior.

O enviado especial da Tass cita, por fim, a opinião do grande mestre argentino Miguel Najdorf que ao terminar a 6.ª partida declarou: «Spassky jogou mal... Nem parecia o mesmo». (F. P. R. e D/L).



A disposição das figuras no tabuleiro, quando Spassky (figuras negras) se retirou, vencido, ao 41.º lance da sexta partida do Mundial.

O TRACO DE PARGANA



Merckx, o maior do ciclismo

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Sr. Artur dos Santos Quintino PERO PI-NEIRO

AGÊNCIA ABREL
PASSAPORTES
Av. Liberdade 160

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Nitra - Innsbruck	1	1
Norrköping-Winterthur	1	1
Atvidabergs - Cracóvia	1	1
Young Boys - St. Etienne	1	1
Slavia Praga - Malmö	1	1
Aachen - Nice	1	1
First Viena - Bratislava	1	1
Djurgårdens - Zurigo	1	1
Vejle - Zilina	1	1
Landskrona - Braunsch.	1	1
MieJec-Hannover	1	1
Frem Copenhagen-Linz	1	1
Oberhausen-Odra	1	1

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes Calçada da Ajuda, 222. (Tel. 638256); Tapada Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721)

ALCANTARA
Ester Nogueira Rua de Alcantara, 5-A (Tel. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta Largo Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 886126)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton Avenida Mouzinhos de Albuquerque a (Praça Paiva Couceiro), 7-A (Tel. 643571)

ALVALADE
Libia Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); Celta R. Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)

AMOREIRAS
Amoreiras P. das Águas Livres, 8-D. (Tel. 681515)

ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Tel. 44173); Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D. (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324)

AREIRO
Marbel, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235); Lusitânia, Av. de Roma, 18-A (Tel. 725443); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B. (Tel. 710331); Celta, R. Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)

BAIRRO ALTO
Gonçalves Rua da Rosa, 176. (Tel. 262687)

BAIRRA DA ENCARNACÃO
Zira Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, R. A. 182 (Tel. 651840)

BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18. (Tel. 30927); Normal, Rua da Prata, 220. (Tel. 321342-325553)

BELEM
Botânica Rua da Junqueira 38. (Tel. 638132)

BENFICA
Macêdo Est. do Peço do Chão, 69-C. (Tel. 703697); Benfite Est. de Benfite, 444-A. (Tel. 782606); Canto Est. das Laranjeiras 202-B (Tel. 780841)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475); Ronil R. Rodrigo da Fonseca, 153. (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Findor R. Maria Pia, 514. (Tel. 687949)

CAMPO DE SANTANA
Peninsular Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel. 553308)

CASTELO
Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (Tel. 869831)

CONDE BARÃO
Açoriana L. do Conde Barão, 2 (Tel. 661330)

ESTEFÂNIA
Delfo R. Açores, 32 (Tel. 52388)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso Est. Damaia, 64-C (Tel. 702226)

ESTRELA
Linalde, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955); Neves R. da Bela Vista, 35 (Tel. 661251)

LUMIAR
Patuleia Rua do Lumiar, 122. (Tel. 790332); Douro Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 91131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grijó) (Tel. 382470)

OLIVAS
Simão Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581)

PEDROUÇOS

Higilux Rua de Pedrouços, 50. (Tel. 610280)

PENHA DE FRANÇA
Europa Av. General Rocaças, 27-A (Tel. 343880); Higienica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A. (Tel. 844361); Zemba Rua General Justinao Padrel, 21 à Calçada dos Barbadinhos (Tel. 832580)

PICHELEIRA
Mariuz Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)

S. BENTO
Micael R. de S. Bento, 380 (Tel. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berna Av. de Berna, 44-A (Tel. 773563); Sa da Bandeira Rua Marques Sa da Bandeira, 36-42. (Tel. 41961-54672); Oliveira Viegas R. do Viriato 29-A (Tel. 48966-558601)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PARADEI
Alair, B. das Caixas de Previdência, Bloco A (Tel. 2472948)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 280008)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gamerio, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leão, 8-A (Tel. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Central, Av. Alferdo da Silva, 48 (Tel. 2273207)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL
Lisboa, R. dr. Paulo Borba (Tel. 22248); São João, Av. Portela (Tel. 22709)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, R. D. João I-Lote 146-B.º Janeiro (tel. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, Loja X-1-Rebolerira (Tel. 938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 9725306)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES
Colares, Abreja, (Tel. 299088)

PORTO

SUB-TURNO A
Alfio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240; Central, Rua Santo António, 203; Gomes Carneiro, Rua Cedofeita, 348; Magalhães, Rua Serralves, 566; Nova de Monsanto, Rua Monsanto, 148; Ribeiro Júnior, Suca, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B
Correia, P. M. de Albuquerque, 50; Correia (da), R. S. Roque Lameira, 1473; Couto, L. S. Domingos, 106; Lapa (da), Rua Antero Quental, 211; Lusofrancesa, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (tel. 26046); Silva Marques, Rua da Sofia, 129-133 (tel. 23067); Santa Cruz, Rua das Padeiras, 94 (tel. 23569)

cinemas

cinemas

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 - 21.30
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana Uma espirituosa sátira aos filmes de gangsters OS SETE LADROES DA CIDADE com Frank Sinatra, Dean Martin e Peter Falk.

SATÉLITE (Tel. 562632)

15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D (18 anos) 2.ª Semana AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS Uma realização de Elchi Yammamoto

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos) «A TRANSPLANTACAO» com Carlo Ginfre e Graziella Granatá e «O SAMBA DA MORTE»

EDEN (Tel. 320768)

15.30-18.30-21.45
Grupo C (14 anos) «4 NO TEXAS» com Frank Sinatra, Dean Martin, Anita Ekler e Charles Bronson

ROMA (Tel. 727778)

15.30-21.45
Grupo D (18 anos) Um homem astuciado entre duas mulheres «UM MARIDO EM APuros» com Maurice Ronet Lucienne Hamou e Nedda Arneric Eastmancolor

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) Color-Ana Geal e Alan L. Bolt em «UM JOVEM CASAL» (Metro-Alameda)

LYS (Tel. 48560)

15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos) A malandrice do ano «CURVAS NA ZONA E O HOMEM DE LAS VEGAS»

LONDRES (Tel. 731313)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos) 5.ª semana MELODY Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wild e Tracy Hyde

AVIZ (Tel. 47163)

15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos) Color-Scope Meio ano 26.ª Semana. O filme do ano TRINITY (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill

APOLLO 70

15, 18.15 e 21.45
Grupo B (10 anos) JERRY 8 3/4. A obra-prima da comédia americana. Argumento, produção, realização e interpretação de Jerry Lewis (Ar condicionado)

ODEON (Tel. 326283)

15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos) 23.ª Semana de êxito NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garcês.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos) 4.ª Semana O MUNDO A SEUS PÉS. O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.

TIVOLI (Tel. 717480)

15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B (10 anos) 70 m/m. Eastmancolor um filme de Jacques Tati PLAY TIME VIDA MODERNA (Ar condicionado)

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana Toni Cortis, Vira Lisi e George Scott em COM A MINHA MULHER NAO. Uma comédia deliciosa.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30, 18.30 e 21.45
Adultos 4.ª Semana Um filme de Damiano Damiani A MULHER MAIS BELA com Ornella Muti e Alessio Orano. Technicolor - Techniscope.

BERNA (Tel. 776098)

Hoje às 21.45 Estreia Lyndmila Save - Lyena em «A GRANDE FUGA» de Alexandre Alou e Vladimir Naoumon

VOX (Tel. 720808)

15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana AMOR E MORTE, um filme de Robert Bresson, com Nadine e Jean Vinveue

CASINO ESTORIL

17.00 - 21.30
(Grupo C (14 anos) «Ivan o terrível»

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15-18.30-21.45
Scope-Technicolor Grupo D (18 anos) Um dos melhores filmes do Oeste O REGRESSO DE RINGO c/ Montgomery Wood (Ar condicionado)

ROYAL (Tel. 855037)

15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos) «UM CASO DE CONSCIENCIA» Color com Lando Buzzanca e Antonella Lualdi. «UMA FORÇA NO SEU DESTINO»

CONDES (Tel. 32523-326710)

15.15 - 21.15
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

POLITEIA

15.15, 18.15-21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana Brutal e implacável ferocidade. «A MAFIA MANDA MATAR»

EUROPA (Tel. 661016)

As 15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos) «CAMELOT» com Richard Harris, Vanessa Redgrave e Franco Nero

S. JORGE (Tel. 54153/4)

15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) Em 2.ª semana um filme extraordinário «DROGA, LOU CURA, MORTE»

CAMINHO DE FERRO
...uma porta aberta a exportação
Caminhos de Ferro Portugueses

cinemas de facilidades

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos) «P ra frente Lisboa»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos) «Os Contestatários»

TRINDADE
21.15 (14 anos) Opera - «Lakmé»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos) «Uma cama para toda a gente»

LISBOA Cinemas

RESTELO
21.00 (18 anos) «As curvas na zona»

CINEARTE
21.00 (14 anos) «Vida Nova»

PARIS
21.00 (14 anos) «Bolivar o libertador»

ESPLANADA - CASTANHEIRA
21.45 (18 anos) «Essa mulher»

MAYER

21.00 (17 anos) «Seduzida e abandonada»

OLÍMPIA
21.00 (17 anos) «Shango» e «Assassinos»

JARDIM

21.00 (10 anos) «Nunca foram vencidos»

PROMOTORA
21.00 (18 anos) «Jogo na escuridão»

LINHA DE CASCAIS

PARADEI
Royal-cine 21.15 (10 anos) «O Monge da Máscara negra»

ESTORIL

Casino 17 e 21.30 (14 anos) «Ivan o terrível»

Esplanada
21.30 (14 anos) «Diamantes ao pequeno almoço»

ESTORIL

Palácio 21.30 (17 anos) «A vida íntima de 4 mulheres»

ALGÉS

Stadium 21.30 (18 anos) «A Máscara da morte vermelha»

OEIRAS

Oeiras-Cine 21.00 (18 anos) «Vidas cruzadas»

CASCAIS

S. JOSE 21.30 (18 anos) «A regra do jogo»

OUTRA BANDA

LARANJEIRO
Instrução e Recreio 21.45 (18 anos) «Paredes de escândalo»

ALMADA

Incrível 21.15 (18 anos) «O Homem e a orquestra»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos 21.15 (18 anos) «O Baile do Conde de Orgel»

QUELUZ

Queluz Cinema 21.15 (18 anos) «Humor negro e violência» e «Estes turistas americanos»

PORTO Cinemas

RIVOLI
21.30 (14 anos) «A Vigésima 5.ª Hora»

ÁGUA DE OURO
21.30 (10 anos) «Trinity, cow-boy insolente»

PASSOS MANUEL

21.45 (18 anos) «Made in U.S.A.»

S. JOÃO
21.30 (14 anos) «O caminho da aventura»

COLISEU

21.30 (17 anos) Davey folgazão»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos) «A Nave dos loucos»

OLÍMPIA

21.30 (14 anos) «Os Incendiários»

CARLOS ALBERTO
21.00 (10 anos) «Matar ou morrer» e «Os libertadores»

BATALHA

21.30 (10 anos) «A Pandilha»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos) «Guerra secreta»

CINEMA DO TERÇO

21.30 (14 anos) «Corrida contra o destino»

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoreiro Tina Ferreira Fernando Mauricio Fina de Coimbra por Loubet Bravo Os Arazutos Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Tipico de Vila Franca de Xira

LUSO Grande elenco de folclore, lado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; lado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA Cantam Fernanda Pinto, Natália Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60\$00 Encerra ao domingo Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 329307.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26451, 26452, 26459, 26461 e 264946.

FORCADO

Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Marinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa 221. Telefone 368579

CASEBRE Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam Carvalhinho e Julio Gomes Os Arazutos Folclore pelos Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira Encerra às 2.ªs feiras Rua da Barroca, 133 Tel. 369760

ARREDA Fado amador, orga e canto e fado no Arruda Elenco José Pracana José Manuel Osório D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo 62\$00 (taxa incl.) Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Tel. 263864

FRAGATA REAL Elenco: Maria João em fado Lisboa João Queirós em fado Coimbra, o Acorn Quemamento de António Pereira e Francisco Gonçalves Folclore os 5 de Vila-Franca. Artista convidado Joaquim Campos. Travessa de S. Miguel 22, Alfama Tel. 868552.

FANTASMA

Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

NINA Dancing com atracções Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34850/380197

TOSCO Dancing com Variedades. Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 831582

TAMILA Marão e s/conjunto. Malinees todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Loule, 69. Tel. 534117

D. QUIXOTE Com Carlos Villaret, Virgilio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua da Trindade, 9 Tel. 327109 Encerra aos domingos

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Tel. 48384

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri Av. Duque de Loule, 73 Tel. 530171.

À VENDA

SEMANÁRIO motor



3 HORAS NO TEJO

todos os domingos
das 15h às 18h
HABELOS NO TEJO
uma iniciativa da
Comuna Municipal de Lisboa
para a promoção
de uma das modalidades
desportivas mais
populares do país
horário
estabil do Tejo e do rio Paço
entre as 15h e 18h
desembarque 18 horas
bilhetes a venda
nas estações de Lisboa



Caminhos de Ferro Portugueses

DL /ULTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

MAIS COMBOIOS PARA O PORTO

A partir de Agosto o comboio que faz o percurso Lisboa-Viana do Castelo levará uma carruagem-cama e, a partir de Outubro, haverá mais dois comboios no percurso Lisboa-Porto, segundo revelou o eng.º Simões Rosário, chefe dos serviços de promoção e tráfego durante a viagem do comboio histórico entre Livração e Amarante.

Os novos comboios para o Porto terão os seguintes horários: partidas de Lisboa às 7 e 30 e 18 horas e do Porto às 15 horas e 19 e 30. Qualquer das composições fará a viagem em quatro horas. O comboio que sai do Porto para Lisboa às 7 horas passará a ser directo deixando, portanto, de ter transbordo em Coimbra, o mesmo sucedendo com o comboio que parte de Lisboa para o Porto às 15 horas.

Está em estudo a possibilidade de os rápidos para e de Lisboa passarem a ter S. Bento como estação de partida e de chegada, em vez de Campanhã, como agora.

Também a partir de Outubro os «Fogueteiros» passam a parar no Entroncamento, o que facilitará as ligações com as linhas das Beiras Alta e Baixa.

GRATIFICAÇÕES NA G.N.R. E NA P.S.P.

Foi estabelecida, por decreto-lei, pelo Ministério do Interior, considerando «a justiça de remunerar o trabalho nocturno e o risco próprio das missões dos agentes das forças de segurança pública», uma gratificação especial de serviço nas seguintes importâncias: primeiros e segundos cabos da G.N.R., 500\$00, mensais; soldados de 1.ª e 2.ª classes da mesma corporação, 400\$00; guardas de 1.ª e 2.ª classes da P.S.P., 400\$00.

A Investidura do Almirante Américo Thomaz

A cerimónia de investidura do Almirante Américo Thomaz como Chefe do Estado para o período 1972-1979, efectuar-se-á na sala de sessões da Assembleia Nacional no palácio de S. Bento. Ao acto assistirão o Governo, membros do Corpo Diplomático, deputados e procuradores à Câmara Corporativa. O almirante Américo Thomaz lerá, então, uma mensagem dirigida a todos os portugueses.

A REELEIÇÃO DE AMÉRICO THOMAZ

Calma e normalidade foram a nota dominante da eleição do Chefe do Estado pelo colégio restrito reunido esta manhã no Palácio de São Bento. O único candidato era o almirante Américo Thomaz, que se apresenta a terceiro mandato na Presidência da República. Eleito pela primeira vez em 1958 — numa votação em sufrágio universal a que também se apresentou como candidato oposicionista o general Humberto Delgado, — o segundo mandato iniciou-se em 1965 e termina agora.

O almirante Américo Thomaz tem 77 anos e iniciou a sua carreira governativa como ministro da Marinha no gabinete de Salazar. O colégio eleitoral restrito reunido esta manhã, nos termos do decreto-lei 43 548, de 21 de Março de 1961 era constituído pelos deputados à Assembleia Nacional, procuradores à Câmara Corporativa, representantes municipais do continente, ilhas adjacentes e ultramar, e

representantes dos conselhos legislativos ultramarinos, no total de 665 individualidades. A mesa da presidência — que tem direito de voto — compunha-se de cinco elementos, o que eleva o total de votantes possíveis para 670.

Faltaram à votação 24 membros do colégio eleitoral, sendo três dos ausentes (José Vaz Alves de Carvalho), José Marques dos Santos e Manuel de Sousa (Neves) representantes municipais ou dos conselhos legislativos das províncias ultramarinas; da Câmara Corporativa, faltaram 16 procuradores: Samwell Dinis, Afonso, Queiró, Alvaro Ramos Pereira, Aníbal da Cunha Belo, escultor António Duarte, António Rogério Gonzaga, Agostinho Pereira Gouveia, António Miranda Velloso, Fernando Carvalho Seixas, Francisco Vieira Machado, J. D. Kruss Abecassis, José Gabriel Pinto Coelho, Luís Augusto Ribeiro da Silva, Mário Fernandes Secca, Mário Bruxelas e Mário Pedro Gonçalves.

Os seguintes deputados faltaram também à votação: António Pereira Rocha Lacerda, Francisco Pinto Balsemão, Francisco Sá Carneiro José Guilherme Melo e Castro e Manuel Marques da Silva Soares.



Momento de votações

PELA PRIMEIRA VEZ

"Propriedade horizontal" em Cabo Verde

S.VICENTE, 25 (L) — Pela primeira vez na história de Cabo Verde foi elaborada uma escritura de constituição de propriedade horizontal, em que um moderno imóvel de seis moradias e uma loja situado, na avenida marginal desta cidade e pertencente ao eng. Big-ham da Silva, foi «retalhado» e vendido a outros tantos senhorios.

UM RISCO DE APOCALIPSE

Continuação da pág. 1

equilíbrio subsiste. Não nos apercebemos de que as forças irracionais nos movimentos sociais são ainda de tal ordem que este equilíbrio tem todas as probabilidades de culminar no apocalipse. Será necessário recordar que a guerra nuclear total aniquilaria, no espaço de algumas horas, dois terços da humanidade e que os sobreviventes estariam irremediavelmente condenados a uma degenerescência genética pela infecção radioactiva da atmosfera e da superfície terrestre?

O exemplo que a França continua a dar às outras nações é detestável. Constitui para elas a tentação permanente de quererem imitá-lo. Grande número de nações possui hoje em dia capacidade técnica para o fazer: na Europa, a Suécia, a Itália, as duas Alemanhas, a Benelux e a Suíça; na África, Israel; na Ásia, a Índia e o Japão. O alargamento do clube nuclear tornaria mais difícil a conclusão de um acordo sobre a interrupção do armamento atómico, acordo que permitiria dar início ao processo

de desarmamento progressivo e controlado, único luar de esperança na noite do túnel que atravessamos.

O argumento que levou o Governo francês a decidir a construção de armas nucleares é o do seu valor de dissuasão, a ideia de que a posse de tais armas dissuadiria um eventual agressor de se voltar contra a França. Qual a validade deste argumento? Deve ser submetido a uma análise crítica. Sabemos que o potencial francês é e continuará a ser insignificante em relação ao potencial americano ou russo.

Supomos que a França se encontra efectivamente ameaçada de invasão por um adversário muito superior em armamento convencional e armamento nuclear, mas que não utilizaria o seu arsenal para fins de agressão. O que decidiriam, em semelhante situação, os responsáveis pela nossa segurança? A utilização da bomba? Todo o valor da ideia de dissuasão reside na incerteza em que crêem deixar o agressor acerca desta utilização. Porém, o agressor sabe, e os responsáveis franceses também não o ignoram, que o emprego efec-

tivo da arma nuclear francesa teria como resultado, num lapso de tempo inferior a uma hora, a completa destruição das nossas cidades, o aniquilamento da totalidade do potencial industrial do nosso país e a morte de nove décimos dos habitantes da França. Nenhum responsável francês seria tão demente que consentisse neste risco, de que seria aliás persuadido o agressor. A fé no valor de dissuasão da nossa força de ataque baseia-se num raciocínio falaz, num erro psicológico. Continuar neste caminho é puro desperdício e os fundos assim dissipados poderiam ser utilizados em benefício da nação, da Europa, do mundo.

Sob o ponto de vista moral, a insistência nesta política provoca nos outros povos uma reprovção que não cessa de aumentar. Como o nosso país sairia moralmente prestigiado se mudasse resolutamente de rumo a fim de consagrar os fundos assim economizados à promoção dos países anteriormente colonizados e que continuam a esperar em vão uma mudança de atitude das nações industrializadas a seu respeito!

A TRANSPIRAÇÃO DOS PÉS DESAPARECERA COM O USO DAS PALMILHAS DEZODORISANTES



odosorb com um novo e poderoso deodorizante seco que absorve todos os odores dos pés e do calçado, dispensando o uso de pós e de outros produtos para o efeito.



A venda nas farmácias em 3 tamanhos - 7 - 8 - 9

Proprietário: S. J. L. Portugal
CREFAR, Representações, Lda. LISBOA
BARROT COSTA — PORTO

SINUSITES
Vias respiratórias obstruídas
GOTAS NASAIS BRONE
A VENDA NAS FARMÁCIAS
Pedidos de Literatura:
PESTANA & FERNANDES, LDA.
LISBOA — Rua da Prata, 153, 2.º

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luiz Pinto, «Café Sena» CEIA

TEATRO MONUMENTAL
VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
IRENE ISIDRO
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
ANA ROSMANINHO
JULIO CESAR VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
HOJE: 2 SESSÕES 20.45 e 23 HORAS
Domingo à tarde às 16 h. Grupo D — M/ 18 anos



TOIROS
Pinto Barreiros
FORCADOS
Amadores do Montijo

CAMPO PEQUENO

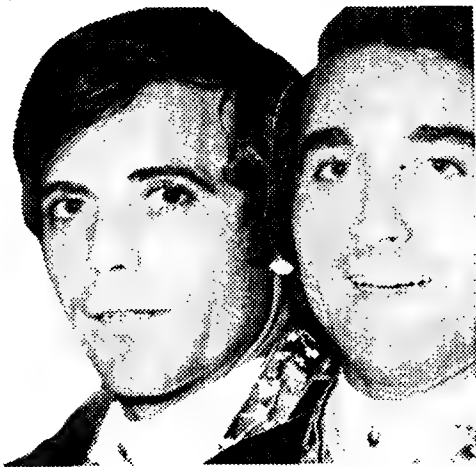
Quinta-feira, 27 de Julho, às 22 horas

DUAS FIGURAS-DOIS ESTILOS
DOIS GRANDES CAVALEIROS
MESTRE BAPTISTA
ANDRADE SALGUEIRO

DAMASO GONZALEZ

ESPADAS

MÁRIO COELHO





DOSSIER DO MÊS

PORTUGAL E O MERCADO COMUM

JULHO



O dossier do mês de Julho termina com este DL/Economia.

No último sábado foi assinado o acordo comercial entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia, e foi criada, ao que se afirmou, uma «zona de comércio livre» na dimensão da Europa Ocidental, com a excepção da Espanha. Com muitas e várias reservas. Entre elas, e dizendo-nos directamente respeito, a reserva de ser um «arranjo» só relativo a produtos industriais, com a enorme agravante de se considerar como agrícola o que até este momento era considerado como industrial, ao nível da E.F.T.A., e, portanto, dos países que eram e já não são, porque passaram a ser Mercado Comum. E, entre eles, o Reino Unido...

No caso do concentrado do tomate o problema é particularmente grave. Já se escreveu que a indústria(?), que nasceu com a E.F.T.A., corre o risco de morrer com a E.F.T.A. Por isso, o depoimento e o trabalho que publicamos. Tratamento largo que bem nos parece justificar-se pela importância do problema, de certo modo alargando o dossier para além do espaço normalmente utilizado. Assim se pensa enriquecer o conjunto de peças para este dossier. Que, como todos os outros, não se fecha e poderá voltar a estas páginas.

DEPOIMENTO DE UM INDUSTRIAL DO CONCENTRADO DE TOMATE

Começo por dizer que, sendo de todos os industriais o que menos experiência tem, visto ter começado a trabalhar neste ramo apenas há 2 anos, e com uma Empresa que passou — e podemos mesmo dizer que ainda passa — por enormes dificuldades, não me julgo de forma alguma competente para fazer críticas ou sugerir remédios para situações que certamente foram já exaustivamente estudadas por outros muito mais competentes.

Assim, e seguindo o esquema que me parece mais conveniente, para não alongar demasiado a exposição que me proponho fazer, começarei por dar a minha opinião particular sobre a situação actual da industria de concentrado de tomate em globo.

Esta indústria que até 1966 pôde ser considerada como rica, passou a partir de 1967 a sofrer uma crise que me parece determinada por, principalmente, a concessão de alvarás, a todo aquele que os pediu, ainda que não tenha sido feita prova de viabilidade económico-financeira e de capacidade de planeamento industrial.

Com efeito, trata-se de uma indústria de país em vias de desenvolvimento, que embora capaz de apresentar um produto de alta qualidade, depende, para que os seus preços possam ser competitivos, do vector, em vias de desaparecimento, de uma mão-de-obra barata e abundante.

Assim, a situação actual não se apresenta brilhante, pois o desaparecimento da mão-de-obra no campo, aliado à instalação de indústrias congêneres em países cujo desenvolvimento é ainda inferior ao nosso, põe os industriais de concentrado de tomate perante um problema que parece ser a breve prazo de muito difícil solução, visto que esses países, na busca de divisas estrangeiras, subsidiam fortemente a exportação, política que não penso que seja seguida pelo nosso Governo.

A propósito do alargamento do Mercado Comum Europeu (CEE), pela entrada de quatro novos membros, entre os quais a Inglaterra, refiro que é esta indústria quase que exclusivamente destinada à exportação. (Uma única fábrica das 32 actualmente em laboração poderia com facilidade abastecer o mercado nacional).

Os nossos melhores mercados actuais foram principalmente ganhos sobre a antiga produção italiana e constam, por ordem de exigência de qualidade, dos seguintes países:

Estados Unidos da América, Canadá, América Central, Inglaterra, países nórdicos, Suíça, Áustria, Japão e países do actual Mercado Comum.

Estes últimos, exigindo um mínimo de qualidade, importam geralmente a produção dos seus associados, isto é, da Itália e daqueles que têm acordos com o Mercado Comum, tais como a Grécia, Turquia, Marrocos, Bulgária, etc..

Só depois de esgotada essa produção se dirigem a nós,



visto que, não dispondo dos subsídios que os nossos concorrentes desses países têm, os nossos preços são ligeiramente mais altos e, assim, o cliente evita o pagamento de direitos de entrada

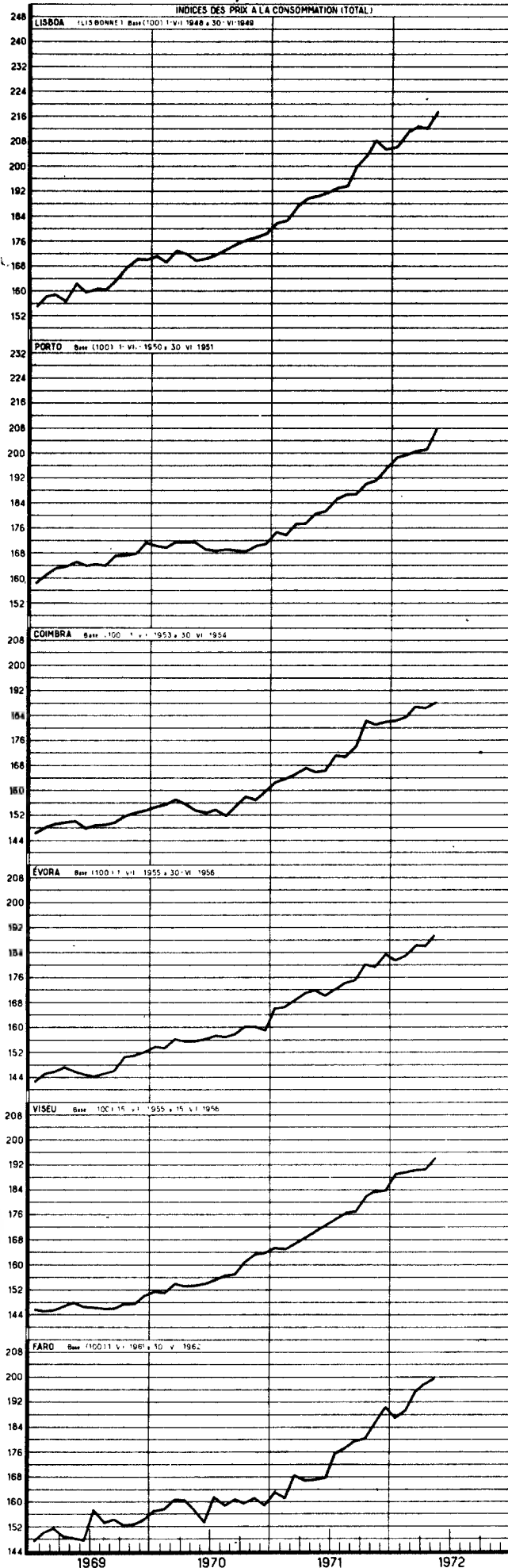
Continua na página quatro e cinco

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES
CONTINENT ET ÎLES ADJACENTES

Nº 5 - MAIO DE 1972

ÍNDICES DE PREÇOS NO CONSUMIDOR (TOTAL)



Na página oito

CUSTO DE VIDA
E ÍNDICE DE PREÇOS



Economia

"MISS" ZANGADA



A bela Jenny McAdam, «Miss» Inglaterra, resolveu jogar bilhar num momento de ócio. Resultado: falhou a carambola, zangou-se e ameaçou quebrar o taco tal a sua raivinha. Oxalá que, se por acaso perder o concurso, não seja tão agressiva. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»).

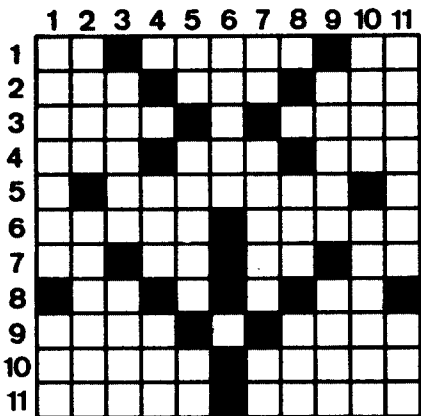


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10 147

HORIZONTAIS:

- 1 Pretíxo de privação. A que lugar. Cabelo branco.
- 2 A parte mais larga dos membros dianteiros das reses (pl). Produz som. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 3 Cidade da Arábia. Nome de fruto.
- 4 Chefe etíope. Oceano. Contracção de maior.
- 5 Vagar.
- 6 Completos. Grande árvore da Núbia, espécie de mimosa.
- 7 Abreviatura que se usa em música. Artigo definido. Césio (sq.). Preposição.
- 8 Artigo definido (ant). Cloro (sq.).
- 9 Verbal. Abres.
- 10 Retribuem. Oprime.
- 11 Mentira (fig). Bacilar.



VERTICAIS:

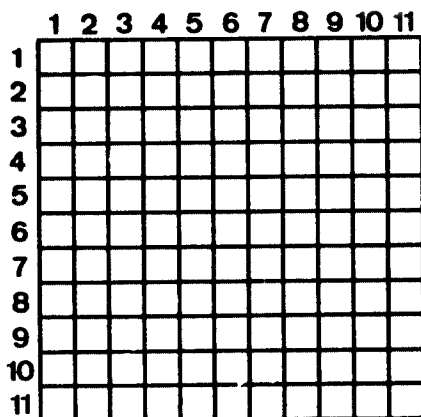
- 1 Adorno (prov.). Bebedeira.
- 2 Boia. Sujetar a uma operação cirúrgica.
- 3 Porção de medicamento que se deve tomar de cada vez (inv.º e pl). Represa de água em ribeiro, onde se mete o linho a curar (prov. trasm).
- 4 Filtra. Família.
- 5 Artigo definido. Cidade de Itália. Tumor, o mesmo que arrieira.
- 6 Comentários. Tempo do verbo ser.
- 7 Oferece. Perigo. Rio da Rússia.
- 8 Duna na Suécia. Espécie de bananeira do Brasil.
- 9 Cidade de França. Acredita.
- 10 De preço elevado. Aparelha (o cavalo).
- 11 Guardaríamos de asas. Rio do distrito de Goa (Índia).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6305

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade arruinada da Turquia da Ásia, antiga sede dos reis da Arménia. Espécie de palmeira de S. Tomé. Quadrado de tela que constitui a parte principal do vestido das mulheres indígenas do Perú.
- 2 Título de soberano da Pérsia. Ferito com propriedade. Sufixo que designa estado.
- 3 Impedira.
- 4 Nome de homem. Duna na Suécia. Por baixo de.
- 5 A Pérsia. Ave palmípede.
- 6 Instrumento para atirar setas. Cantiga.
- 7 Esbeltas.
- 8 Item. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Alteza Real.
- 9 Vala. Meta.
- 10 Género de rosáceas da Guiana, também chamada açosa. Sabido.
- 11 Velhaca. Planeta telescópico n.º 2, descoberto por Olbers.



VERTICAIS:

- 1 Moeda de prata que circulava na Índia Portuguesa. Sorteias.
- 2 Em a. Larva das feridas dos animais. Vassoura já muito gasta.
- 3 Manada (prov). Prefixo que designa união.
- 4 Atmosfera. Inúteis.
- 5 Azedume do estômago. Cidade da Argélia.
- 6 Destinavam. Artigo definido.
- 7 Passadas. Agarrar.
- 8 Letra grega (inv.º). Espécie de terra verde de que se servem os pintores.
- 9 Guardaríamos de asas. Nome de astro.
- 10 Interjeição que serve para enxotar galinhas e outras aves. Freguesia do concelho de Alenquer. Registro do que se tratou numa sessão ou assembleia.
- 11 Cidade do estado de Pernambuco. Glóbulos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10146

HORIZONTAIS:

- 1 TOMAR. Açoca
- 2 Sala. Rame.
- 3 Riscado. A.
- 4 Um. Acabe. If.
- 5 Viúva. Ileso.
- 6 Erra. Agag.
- 7 Mad. Ter. Ura.
- 8 Riso. Ajáa.
- 9 Rei. Sus!
- 10 Op. Ir. An. In.
- 11 Russo. Morte

VERTICAIS:

- 1 NUVE. POR.
- 2 Os. Mirar. Pu.
- 3 Mar. Urdir.
- 4 Aliava. Seis.
- 5 Rasca. Toiro.
- 6 Ca. Ne.
- 7 Arabi. Rasam.
- 8 Cadela. JUNO.
- 9 Omo. Éguas.
- 10 Ce. Isara. It.
- 11 Afoga. Ane.

Provérbo: TOMAR A NUVE POR JUNO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6304

HORIZONTAIS:

- 1 Fiães. Moero.
- 2 Olano. Almos.
- 3 Romãs. Moela.
- 4 Orrar.
- 5 Oca. Aer. Biá.
- 6 Ela. Ara.
- 7 Implora.
- 8 Lásio. Moçar.
- 9 Alto. Saca.
- 10 Ria. Per. Ion.
- 11 Amida. Amaro

VERTICAIS:

- 1 Forno. Alara.
- 2 Ilo. Ce. Alim.
- 3 Aam. Alistar.
- 4 Enão. Amio.
- 5 Sósia. Pó. Pá.
- 6 Real. Te.
- 7 Mamar. Om. Ra.
- 8 Olor. Aros.
- 9 Eme. Bracaia.
- 10 Rol. Ia. Açor.
- 11 Osaca. Urano

SEM PALAVRAS



QUANTO PARA O TRABALHO ?

A distribuição de rendimentos é um dos pontos quentes de qualquer discussão que se desencadeie sobre questões de economia ou sociologia. Há, até, o que se chama uma «política de distribuição de rendimentos», definem-se, até, objectivos de «mais equilibrada distribuição de rendimentos» no planeamento económico global. Por outro lado, ao falar-se de tal tema, pode estar-se a fazer a denúncia de uma situação e pode estar-se a provocar, da parte de alguns sectores «políticos», o sorriso tão desenhado pelos incapazes que pretende traduzir menos (ou desprezo por posições que são (todas!...) «tecnocráticas», «reformistas», etc.

O que é facto que a distribuição do rendimento nacional corresponde a elemento do maior interesse para o entendimento quantificado de uma situação e para, daí, se provocar um esforço de informação, de consciencialização, de mobilização. Esforço que deve ser todos os momentos e oportunidades.

Acontece que acaba de ser distribuída uma «folha de divulgação» do Instituto Nacional de Estatística, relativa à Contabilidade Nacional, em que o mapa 6 é precisamente, sobre a «distribuição do rendimento nacional ao custo dos factores».

É esse mapa que reproduzimos, e que acompanhamos com umas pequenas notas para ajudar à leitura.

— a remuneração do trabalho passou de 47,0 por cento do total em 1968, para 48,1 por cento em 1969, 50,0 por cento em 1970 e 50,9 por cento em 1971, primeiro ano em que, portan-

to, a Contabilidade Nacional revela ter-se ultrapassado a fronteira dos 50,0 por cento que, sendo muito modesta e estando muito longe das proporções conhecidas dos países capitalistas estrangeiros, poderia dar uma relativa esperança de se estar concretizando uma evolução em termos seguros.

— o peso das remunerações das forças armadas parece ter estabilizado nos 4,0 por cento do rendimento nacional, acompanhando, desde 1968, a evolução dos valores do rendimento nacional global.

— a alínea que maior progressão revela é a das «contribuições patronais para a Previdência Social», que a Contabilidade Nacional inclui nas «remunerações do trabalho»; os valores dessas contribuições passaram por percentagens de 3,4/3,7/4,0/4,4, evolução efectivamente muito significativa mas em relação à qual se podem levantar dúvidas quanto à justeza da sua integral inclusão nas «remunerações ao trabalho», pois nem mesmo como indirectas ou colectivas essas verbas da Previdência são dispendidas no mesmo sentido das remunerações que o trabalhador recebe e com que procura fazer face às suas necessidades, conhecida como é a diferença entre as receitas e despesas, e a «capitalização» que daí resulta, em detrimento de uma imediata, directa, necessária, efectiva previdência social, equiparável a «remuneração do trabalho».

S.R.

6. — Distribuição do rendimento nacional ao custo dos factores

Preços correntes		Unidade: 1 000 000 ESC			
		1968	1969	1970	1971(1)
		1	2	3	4
1. Remunerações do trabalho		60 335	65 997	76 656	84 729
a) Ordenados e salários		44 871	49 085	55 923	62 059
b) Remunerações das forças armadas		5 324	5 315	6 162	6 477
c) Remunerações do pessoal civil do Sector Público		5 818	6 584	8 368	8 929
d) Contribuições patronais para a Previdência Social		4 322	5 013	6 203	7 264
2. Rendimento de empresa e de propriedade dos particulares		56 742	58 793	62 536	66 624
dos quais: rendas (2)		3 915	4 519	4 530	4 763
3. Transferências das sociedades para os particulares(3)		454	644	846	1 135
4. Poupança das sociedades		6 650	6 367	7 378	7 632
a) Públicas		1 337	1 018	1 336	1 401
b) Privadas		5 313	5 349	6 042	6 231
5. Impostos directos sobre sociedades		3 334	4 542	4 753	5 224
6. Rendimento de propriedade e de empresa do Estado		1 745	1 734	1 984	2 043
7. Menos: Juros da dívida pública		896	891	975	1 001
8. Menos: Juros da dívida dos consumidores		x	x	x	x
9. Rendimento Nacional		128 364	137 186	153 178	166 386

O calendário da E.F.T.A.

JULHO

24-26 — grupo de trabalho sobre o ferro e o aço português.

SETEMBRO

4-6 — grupo de trabalho sobre o ferro e o aço português.

12-15 — comité aduaneiro.

19-21 — grupo de técnicos em equipamentos de navios.

26-29 — comité de técnicos comerciais.

Novos estaleiros navais

Por decisão ministerial de 5-7-1972 o requerente **dr. Miguel Gentil Quina** obteve autorização para em seu nome, ou de uma sociedade a constituir, instalar um estaleiro naval para reparação de todos os tipos de grandes navios, sob a condição do estaleiro não poder ser localizado na área de Lisboa. A localização definitiva fica dependente de aprovação do secretário de Estado da Indústria. Existe ainda a condição da sociedade ter de se constituir por forma a que o

capital social realizado seja, antes do arranque, no mínimo de 400 mil contos, e nunca inferior a 1/3 do imobilizado. Um mínimo de 20 por cento do capital terá que ser oferecido à subscrição pública.

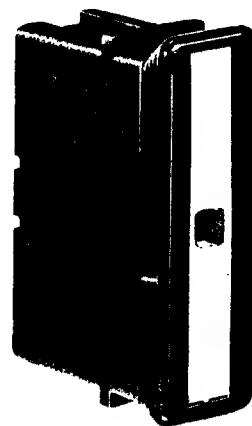
A **Setenave — Estaleiros Navais de Setúbal, SARL** também tem autorização para exercer, além da construção de navios, a actividade de reparação naval. A autorização está ligada a uma série de condições.

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

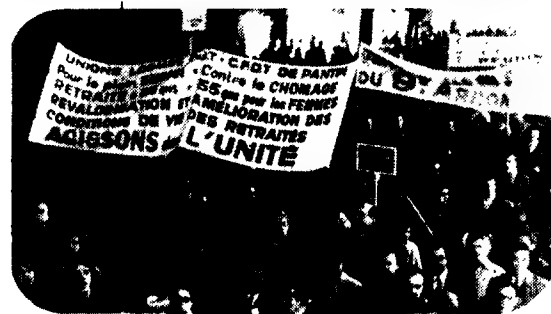
FUSÍVEIS

BASES PARA FUSÍVEIS
NORMA INGLESA



J.F.
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C., Lda

TEL. 654165 LISBOA



ÚLCERAS

DO ESTÔMAGO E DO DUODENO
DE-NOL

Sem dieta — Sem alcalinos — Sem repouso obrigatório
Sem abandono da vida profissional

PEDIDO DE LITERATURA:

PESTANA & FERNANDES, LDA.

R. da Prata, 153-2.º, Lisboa—R. do Almada, 82-2.º F., Porto

ASSEGURO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA



SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º Esq — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

QUEIRAM ENVIAR-ME SEM COMPROMISSO
INFORMAÇÕES DETALHADAS

Nome

Morada

Telef.

D L



DOSSIER DO MÊS

PORTUGAL E O MERCADO COMUM

JULHO



Depoimento de um industrial do concentrado de tomate

Continuação da página um

no Mercado Comum, que se elevam a 18 por cento. A entrada da Inglaterra e de mais países nórdicos para a CEE, obriga, portanto, o cliente inglês e os outros nas mesmas condições a pagar pelo nosso concentrado de tomate 18 por cento mais caro que a produção dos nossos concorrentes, pois a CEE fixou preços mínimos de importação, abaixo dos quais não é permitido comprar.

Não sabemos mais, sobre as negociações em curso para o acordo entre Portugal e a CEE, do que aquilo que a Imprensa diária nos informa, além dos boatos contraditórios que todos os dias nos chegam sobre o assunto.

Em todo o caso, é certo que se a Inglaterra deixar de comprar em Portugal isso representará, para nós uma gravíssima perda, visto ser aquele país o nosso segundo comprador.

Não parece ser devida a razões de produção agrícola interna a oposição feita pela Itália a um acordo, no campo do concentrado de tomate, entre Portugal e a CEE, explico: o Governo italiano, que pelos acordos de Roma está impedido de conceder subsídios a exportações para os seus associados da CEE, fá-lo subsidiando em mais de 40 por cento a exportação para países terceiros. Sem esse subsídio não teria a produção italiana possibilidade de concorrer com a portuguesa em preços.

Ora, dado que os nossos preços se aproximam muito dos preços mínimos de importação do Mercado Comum e, visto que a protecção aduaneira neste, se cifra apenas em 18 por cento, nota-se que esta é manifestamente insuficiente para tornar competitivos os preços italianos.

Atrevo-me a pensar que a posição italiana foi tomada principalmente para proteger os interesses de duas entidades:

As indústrias de montagem de maquinaria destinada ao fabrico de concentrado de tomate, que sabendo ser-lhes impossível continuar a vender em Portugal, dada a superlotação do País em instalações deste ramo, têm procurado novos mercados, principalmente em países associados à CEE.

—A grande maioria dos agentes intermediários do nosso melhor mercado, Estados Unidos da América e Canadá, que é de origem italo-americano, e o mercado é possível devido a hábitos instalados naquele país por uma enorme percentagem de cidadãos de origem italiana.

Não será atrevimento, pensar que esse facto deverá ter pesado na decisão do Governo italiano, pois é fácil concluir que ficando Portugal privado de um ou mais dos seus melhores clientes tentará encaminhar para outros clientes habituais a produção que deixou de poder colocar.

Dado que a lei que rege os negócios deste tipo é muito principalmente a da oferta e da procura, esse excesso de produção, a aparecer agora no mercado já abastecido possibilitará inevitavelmente maiores meios para que o cliente italo-americano especule connosco.

Permito-me ainda fazer alguns comentários no que toca à situação interna da indústria.

Não desejaria que o que atrás disse sobre subsídios concedidos pelos respectivos governos a concorrentes de outros países se traduzisse na afirmação de que esta indústria se encontra em crise por abandono do nosso Governo.

Ao contrário, o Governo tem, ainda que mantendo a sua política de não concessão de subsídios, feito tudo o que lhe é possível para ajudar a solucionar os problemas que nos são levantados.

Entre as medidas tomadas nesse sentido, estão as facilidades de crédito, a juros algo inferiores aos da banca particular, concedidas através do desconto de «warrants» pela Junta Nacional das Frutas e, posteriormente pelo pré-financiamento de campanha, apenas sendo convocação das entidades governamentais ao assunto ligadas de que os males de que sofremos se devem em parte à dispersão desordenada da oferta, principalmente; sendo esta feita por entidades de fraco poder financeiro, as medidas tomadas deram condições de preferência a empresas que se agruparam voluntária ou forçadamente.

Penso que quase todos nós estamos convencidos das vantagens dos agrupamentos de exportação. No que diferimos bastante é no modo de pensar sobre as condições em que esses agrupamentos devem ser feitos.

Pessoalmente, já tentei dar os primeiros passos para a formação de um agrupamento e, se não obtive a totalidade

de respostas positivas, as que o foram dão-me esperanças de que isto se conseguirá mais tarde ou mais cedo.

Outros dirigentes de empresas estão na mesma situação, o que vem reforçar essas esperanças.

Mas, não esqueçamos que os problemas com que se debate a nossa indústria não são apenas de ordem comercial. Julgo mesmo que as maiores dificuldades a resolver são de origem agrícola, havendo também alguns pontos tipicamente industriais.

Assim, a concorrência para obtenção de matéria-prima tem sido feita de forma a que, sem nada ajudar a resolver os problemas agrícolas de que a produção depende, se baseia quase que unicamente na concessão de subsídios, dados, contra o previamente combinado no Grémio Nacional dos Industriais de Tomate, de forma directa ou indirecta.

A grande maioria das empresas não dispõe nem se interessa por problemas de produção agrícola que, a serem resolvidos, ajudarão muitíssimo a melhorar custos de matéria-prima, o que pesará extraordinariamente no custo industrial do produto, visto



PEDRO BOTELHO NEVES

que nesta industria a matéria-prima, nela incluindo a embalagem, pesa em cerca de 80 por cento do custo final.

Sob o ponto de vista industrial, esta indústria sofre, a meu ver, o grave defeito de fabricar um produto final embalado tradicionalmente — numa embalagem, cujo custo é cerca de 20 por cento do custo final — e que se destina a servir de matéria-prima a outros industriais, no estrangeiro, que reembalam e modificam as condições de origem, de forma a que o produto apresentado ao público possua características que correspondam a hábitos de consumo de marcas já estabelecidas.

Este facto limita necessariamente o número dos nossos clientes e expõe-nos a especulações que poderiam ser evitadas se o nosso produto fosse exportado já em marcas, cujas características fossem preferidas pelo público consumidor.

No que se refere a um elevado custo da embalagem, sei que pelo menos duas empresas, além daquela em que actualmente trabalho, estão a fazer tentativas de, cada uma a seu modo, solucionar o problema. Veremos, certamente, a breve prazo, quais os resultados a que se chegará, e daí certamente que todos beneficiaremos.

Concluindo:

Resta-me falar um pouco sobre qual a grandeza da indústria de concentrado de tomate em Portugal, pois julgo que o cidadão comum não conhece, normalmente, os números com que lidamos.

Assim:

A) A indústria de concentrado de tomate já trouxe, em anos que não se podem considerar longínquos, cerca de 900 mil contos de divisas estrangeiras, provenientes de exportação

de matérias-primas trabalhadas. Isto num país que tradicionalmente, ainda há poucos anos, exportava principalmente matérias-primas em bruto.

Ainda hoje não vemos mais do que meia dúzia de industriais portugueses com estas características.

B) A cultura do tomate ocupa actualmente cerca de 20 mil hectares de terra regada e constitui uma das poucas soluções dadas ao problema do aproveitamento dos novos regadios posto à disposição do País, pelo programa de construção de barragem que, a custo elevadíssimo e ao abrigo dos sucessivos Planos de Fomento, o nosso Governo tem construído.

C) A indústria do tomate ocupa hoje cerca de 40 mil trabalhadores agrícolas e 10 mil trabalhadores industriais, não contando com o elevado número de técnicos que nela se empregam e também com todas as pessoas que para ela trabalham indirectamente através dos fornecimentos de toda a ordem de que necessita. Pagando preços comparativamente elevados aos pagos em actividades tradicionais, podemos considerar que ter fortemente contribuído para o aumento de nível de vida que actualmente já se começa a notar na população trabalhadora do País.

Em face das conclusões acima expostas, posso-me orgulhar de trabalhar num sector que merece, certamente, ser considerado útil aos cidadãos e julgo que nada será de mais da nossa parte para tentar manter em actividade uma indústria que apresenta os resultados de ordem social que esta parece ter dado.

Não será de mais também pedir ao Governo que intensifique os seus esforços de forma a facilitar a nossa tarefa por todos os meios ao seu alcance.

Prestei-me a esta colaboração por considerar que não só os cidadãos comuns tem o direito a conhecer aquilo que os responsáveis pelos diversos sectores industriais pensam, como também por julgar que esse conhecimento terá grande utilidade para o nosso ramo, e isto mau grado as deficiências que me traz, certamente, a minha limitada experiência no assunto.



OS PRODUTOS IN

CONCENTRADO DE TOMATE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Uma análise mais detalhada dos dois últimos mapas permite-nos algumas ilações que a seguir se apresentam.

A tendência crescente do volume global das exportações de concentrado de tomate que se vinha registando até 1968 foi contrariada no ano de 1969 e a recuperação registada em 1970 não teve continuidade no ano seguinte onde se verificaram valores inferiores aos de 1967. Note-se, aliás, que em 1971 a tonelagem é superior à de 1967 o que traduz uma degradação do nível geral dos preços.

O ano de 1967 marca uma viragem na tendência global de rápido crescimento das exportações, situação que coexiste com o aumento do número de unidades fabris a laborar (como atrás se indicou), pelo que não são de estranha as crescentes dificuldades com que este sector desde então se debate.

Outro aspecto a assinalar é a dependência desta indústria de um número restrito de mercados. Na realidade, o Reino Unido, os EUA e o Canadá, representam só por si uma quota que oscilou, nos últimos 3 anos, entre 66,4 % e 73,9 % do total exportado.

O aumento da posição relativa destes 3 países corresponde a uma quebra significativa das vendas para a CEE (Mercado Comum); segundo Corregedor da Fonseca e Francisco Cabral, estudo já referido, «...a CEE tem-se abastecido, em primeiro lugar, da Itália; depois de concentrado proveniente dos países de Leste... e, só em último lugar, de Portugal». Note-se ainda que o nível de preços por tonelada exportada para a CEE é o mais baixo dos praticados para as áreas geográficas referidas no mapa IV.

Com o alargamento da CEE e a persistirem os obstáculos à colocação do concentrado de tomate português naquela área económica, e, dado o número restrito de países compradores em quantidades significativas, parece não haver outra alternativa senão o aumento das vendas para os EUA e Canadá. No entanto, não se trata de um mercado fácil, como afirma um industrial português do ramo: «...o mercado americano em relação ao concentrado de tomate já não é novo para nós. É um bom mercado, quantitativamente. Mas os americanos exigem qualidade e método...» e ainda segundo o mesmo industrial «...arriscamo-nos a perder os 18 % que exportávamos para a CEE e com a entrada da Inglaterra e da Dinamarca essa percentagem poderá subir para 55-60 por cento. Ora eu pergunto, o que vai fazer esta indústria? Existem estudos vários, fala-se de reestruturação. Mas nada se fez...» («República», 11-7-72).

As dificuldades que se levantam ao comércio internacional destes produtos são reconhecidas no «Relatório sobre tendências da produção e comércio mundiais do tomate», Conferência da FAO, Roma, Outubro de 1969, onde se prevê que as possibilidades de exportação poderão atingir um nível superior ao das solicitações do mercado importador tradicional, de que poderá resultar uma compressão dos preços e uma concorrência feroz entre exportadores para mercados limitados.

* * *

Portugal ocupa a terceira posição no comércio mundial de produtos industriais de transformação do tomate e o segundo na bacia mediterrânica (Conferência da FAO, relatório citado).

As formas de industrialização do tomate assentam na mão-de-obra barata e, no caso português, segundo o mesmo relatório da Conferência da FAO, acresce o facto de se basearem também no baixo preço por que a indústria paga a matéria-prima básica — o tomate.

Importa sublinhar que as indústrias muito dependentes da mão-de-obra barata e pouco especializada abrangem vários sectores da economia portuguesa nomeadamente os têxteis,

o vestuário, as conservas de peixe e tomate e as manufacturas de madeira e cortiça. Estes sectores são determinantes das exportações portuguesas, assumindo um peso relativo superior a 40 % do total.

Mas que problemas poderá levantar uma estrutura deste tipo?

Não resistimos à tentação de sintetizar, em relação a esta questão, o pensamento do dr. Silva Lopes, estudo citado, pág. 84 e segs.

«Em primeiro lugar, os efeitos de arrastamento sobre outros sectores e a influência na modernização tecnológica na actividade industrial tendem a ser muito reduzidos...

Em segundo lugar, as exportações derivadas da mão-de-obra barata estão muito sujeitas aos riscos da concorrência com os países subdesenvolvidos...

Em terceiro lugar, não podem desconhecer-se as ameaças de políticas proteccionistas nos países industrializados contra as manufacturas fabricadas à base de mão-de-obra barata...

Um quarto aspecto a considerar é o da possibilidade de inovações técnicas que destruam a capacidade de competir internacionalmente com manufacturas fabricadas à base de salários baixos...

Por último é de apontar que, até agora, muitas das iniciativas no sentido do desenvolvimento de manufacturas fabricadas à base de mão-de-obra barata têm partido de empresas estrangeiras...

Fonte: Estatísticas Industriais, I. N. E.
NOTA: Valores em milhares de contos.

* * *

Estamos em presença de uma indústria que «vive» para a exportação. Na verdade, segundo os dados das Estatísticas Industriais e do Comércio Externo, em 1970 a exportação absorveu toda a produção deste ano. (Total da produção 839,2 milhares de contos, total da exportação 900,4 milhares de contos).

MAPA III — Evolução da exportação do concentrado de tomate na década de 60

Mostra-nos o Mapa III um crescimento vertiginoso em toneladas e em valor das vendas ao estrangeiro no período 1962-1967, para nos anos seguintes abandonar esta tendência registando-se mesmo uma descida de 1968 para 1969.

Segundo o Dr. Silva Lopes, director do Gabinete de Planeamento do Ministério de Economia e Finanças, no grupo de produtos alimentares e bebidas foi de longe o concentrado de tomate aquele que obteve maiores vantagens com a entrada de Portugal para a EFTA. O aumento espectacular atrás referido foi «...conseguido em grande parte graças à preferência no mercado britânico em relação ao concentrado de tomate da Itália e de outras origens e explica só por si metade da subida registada nas exportações de produtos alimentares e bebidas e 10 % da subida nas exportações totais para a EFTA». (Colóquio ao Serviço da Exportação, F. F. E., pág. 228, I volume).

De passagem, registre-se que em 1971 o total das exportações da Metrópole atingiu 30248 milhares de contos, cabendo ao grupo de produtos alimentares e bebidas 4361 milhares de contos (14,4 %); dentro deste grupo as vendas de concentrado de tomate ao estrangeiro ascenderam a 811 milhares de contos (18,6 %).

U por
FERNANDO MATOS

MAPA II — Distribuição geográfica da produção de concentrado de tomate

Anos	Conti-nente	Lisboa	Porta-legre	Santarém	Setúbal
1969	947,2	116,7	120,6	373,1	197,0
1970	839,2	78,0	142,9	312,2	184,1

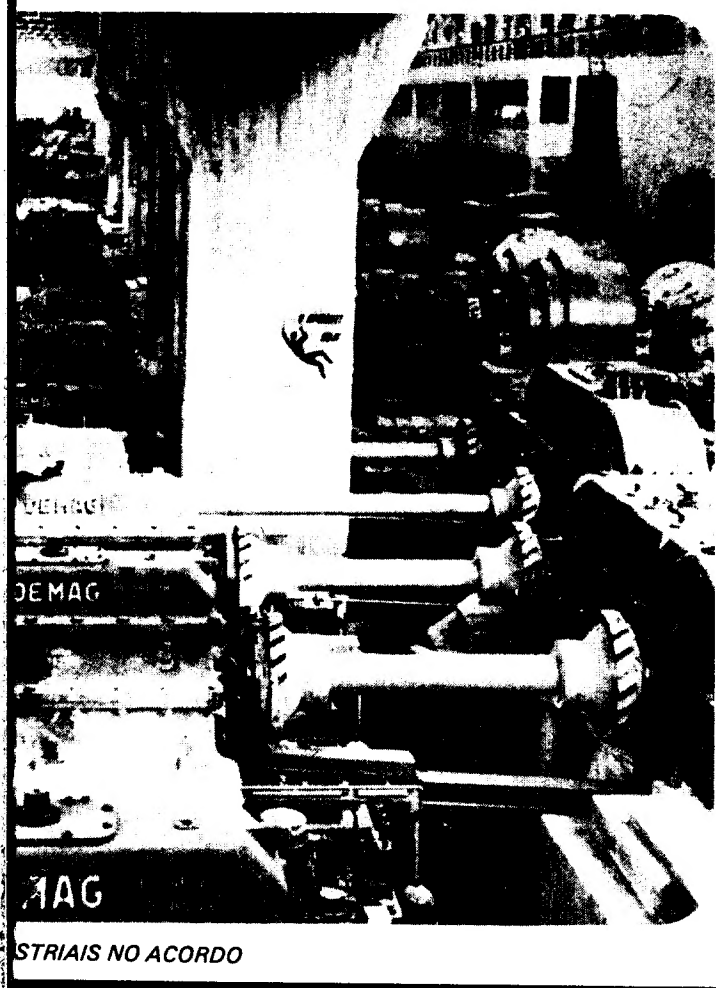
	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970
Tonelagem	11 865	28 762	36 474	57 137	73 692	106 922	117 290	113 232	131 227
Valor em milhares contos	76,1	184,6	239,8	401,4	532,9	812,0	908,4	809,1	900,3

Fonte: Comércio Externo, I. N. E.

MAPA IV — Evolução recente das exportações de concentrado de tomate por áreas geográficas.

Áreas geográficas	1969				1970				1971			
	Ton.	Esc. 1000	%	Esc. Ton.	Ton.	Esc. 1000	%	Esc. Ton.	Ton.	Esc. 1000	%	Esc. Ton.
Ultramar	554	3 871	0,4	69875	689	4 918	0,5	71425	760	5 739	0,7	75485
E.F.T.A.	45 205	315 146	38,9	69705	56 503	387 230	43,0	68535	45 975	327 497	40,3	71235
R. Unido	36 478	252 502	31,2	69225	44 410	304 526	33,8	68575	35 483	254 257	31,3	71655
C.E.E.	22 165	140 792	17,4	63515	28 227	165 223	18,3	58535	12 591	81 965	10,1	65095
E.U.A. e Canadá	39 879	310 540	38,3	77875	137 960	294 003	32,6	77455	44 611	345 988	42,6	77555
Total	113 454	809 145	100	71315	131 227	900 356	100	68615	111 325	811 642	100	72905

Fonte: Comércio Externo, I. N. E.



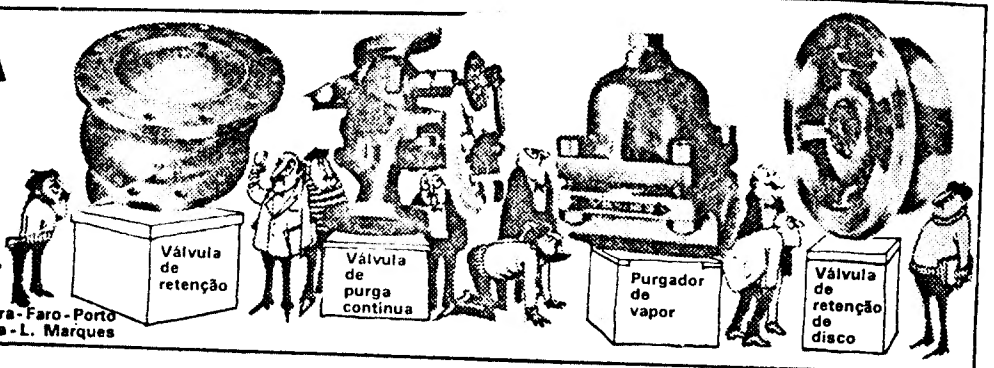
GESTRA

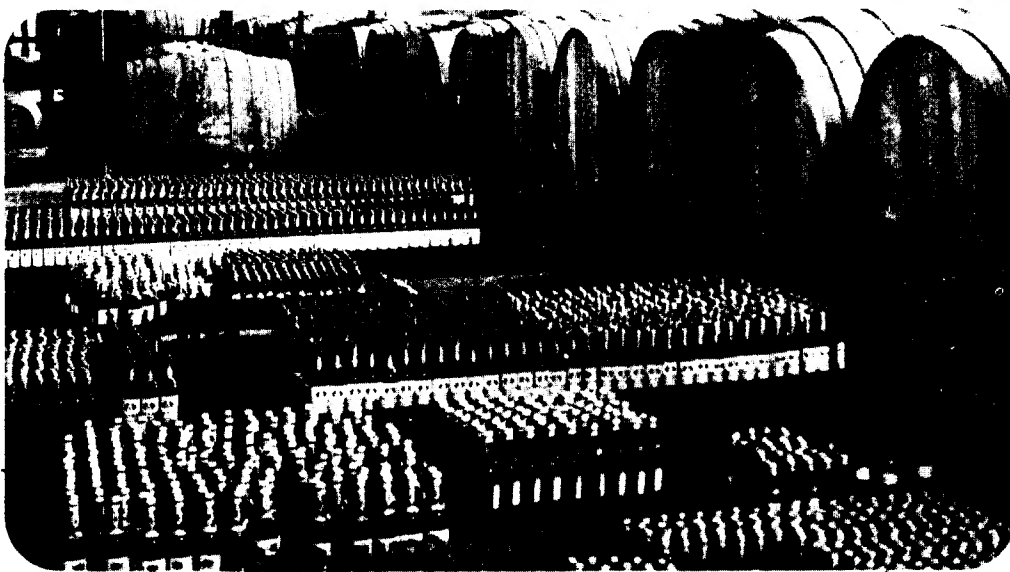
orgulha-se de apresentar algumas válvulas, da sua extensa gama, que poderão resolver o seu problema

Peça folheto ilustrado VALADAS 31 13

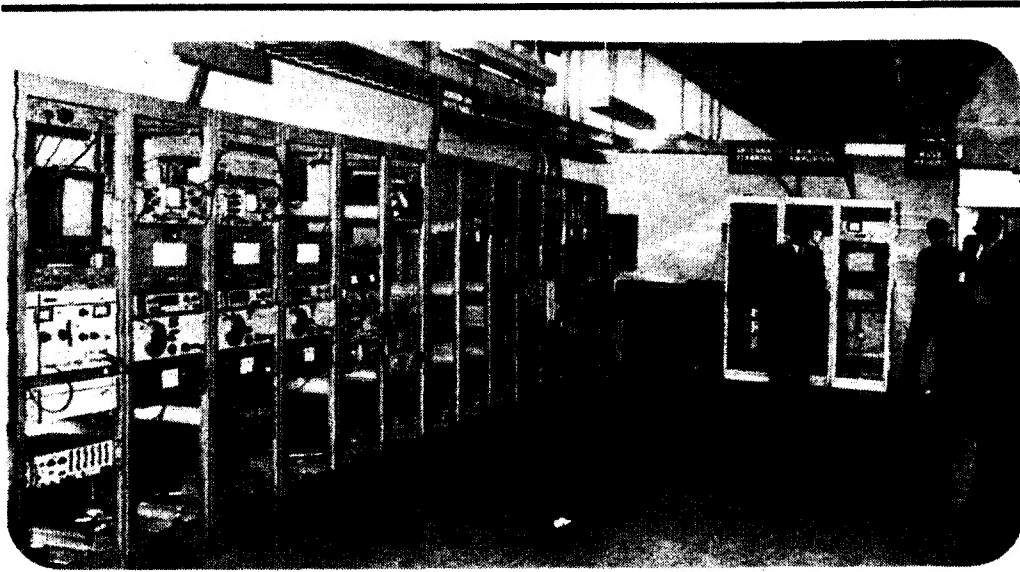


Av. D. Carlos I - Cavilhã - Évora - Faro - Porto
LISBOA - V. Vedras - Luanda - L. Marques
Algarve





Os produtos agrícolas fora do acordo



AS RELAÇÕES COMERCIAIS DA COMUNIDADE ECONÓMICA COM A EUROPA DE LESTE

A Comunidade constitui a maior potência comercial do mundo. As suas permutas com o resto do mundo (importações mais exportações) elevaram-se de 32 mil milhões em 1958 a 91 mil milhões em 1970.

1. A SITUAÇÃO DO COMÉRCIO ESTE-OESTE

O comércio da Comunidade com a Europa de Leste progrediu muito mais rapidamente do que as suas permutas com os restantes países. As permutas da Comunidade com os Estados associados da COMECON ascenderam de 1,7 mil milhões de dólares em 1968 a 6,8 mil milhões de dólares em 1970. De 1958 a 1970 as importações da Comunidade originárias dos países da Europa de Leste aumentaram numa percentagem de 300% em comparação com

os 180% provenientes de outros países. No decurso do mesmo período, as exportações da Comunidade para a Europa de Leste aumentaram em 385% e o conjunto das exportações da Comunidade sòmente em 181%.

Desde então a parte referente aos países da Europa de Leste no comércio externo das Comunidades passou dos 4% de 1958 para 6,4% em 1970. Em si, esta percentagem não parece elevada. Demonstra todavia que o comércio com os países de Leste cessou de ser marginal. Podem-se citar dois casos exemplificativos. Em 1958 a Suécia comprava mais 46% à C. E. E. do que os países da Europa de Leste. Em 1970 as importações dos países da Europa Oriental pertencentes à Comunidade ultrapassavam em 34% as da Suécia. Em 1958 a América Latina comprava três

vezes mais à Comunidade do que a Europa Oriental. Em 1970, a Comunidade vendeu primeiramente aos países da Europa Oriental do que à América Latina.

Os ritmos de crescimento são ainda mais rápidos se se examinar separadamente as permutas com certos países de Leste. Assim, de 1958 a 1970, as permutas da Comunidade com a Roménia sofreram um acréscimo de 620%.

ESTRUTURADAS PERMUTAS ENTRE A COMUNIDADE E A EUROPA ORIENTAL

A maior parte das exportações dos países da Europa Oriental com destino à Comuni-

dade compõe-se de produtos do sector primário, contrariamente às exportações dos países industrializados do Ocidente. As importações de produtos alimentares, carvão e madeira da Comunidade originárias dos países da Europa Oriental elevaram-se de 152 milhões de dólares em 1958 a 606 milhões em 1969. Expressa em percentagens a parte ocupada pelas matérias-primas nas importações totais de Comunidade elevou-se de 24 para 30%. Os produtos prontos para consumo representam 30% nas exportações totais dos países da Europa Oriental com destino à Comunidade. Em 1958 a proporção era de 28%.

Em contrapartida a parte referente aos produtos agrícolas nas exportações dos países da Europa Oriental para a Comunidade elevou-se de 22 para 28%. Esta situação é contrária à orientação dada às permutas da Comunidade com os outros países. Não se justificou a desconfiança dos países de Leste relativamente às consequências da política agrícola comum.

No sector da energia as importações de carvão da Comunidade provenientes da Europa Oriental não apresentaram modificações significativas, verificando-se no entanto um desenvolvimento relativo aos produtos petrolíferos originários da União Soviética.

No conjunto as importações de produtos químicos provenientes da Europa Oriental não apresentaram alterações.

A proporção das máquinas importadas apenas engloba 5% das importações totais da Comunidade provenientes dos países da Europa Oriental.

A estrutura das importações da Comunidade provenientes da Europa Oriental caracteriza-se por uma grande concentração num número limitado de produtos (carnes, madeira, petróleo e desde há alguns anos o carvão). Esta concentração torna as vendas da Europa Oriental extremamente sensíveis às flutuações da conjuntura na Comunidade.

As estruturas comerciais dos diferentes países de Leste são muito diferentes. A União Soviética vende matérias-primas e produtos energéticos. As importações da Comunidade originárias da Polónia, Bulgária e da Hungria compõem-se quase exclusivamente de produtos agrícolas. Os romenos vendem matérias-primas e produtos petrolíferos. A Comunidade importa produtos manufacturados da Checoslováquia.

As exportações da Comunidade para a Europa Oriental

desenvolveram-se muito rapidamente. Ascenderam a 2,7 mil milhões de dólares em 1969 e a 3,6 mil milhões de dólares em 1970. A parte dos produtos agrícolas é importante em comparação com as exportações para os países industrializados. As exportações de bens de consumo são relativamente pouco importantes.

Os países da Europa Oriental constituem um mercado importante para certos sectores específicos (construções navais, têxteis, máquinas eléctricas). O Leste representa uma localização de particular interesse para instalações completas de fábricas. A Fiat e a Renault assinaram já contratos deste tipo. Desde 1959 que a quantidade de entregas de equipamentos industriais dos Estados membros da Comunidade aos países do Leste é enorme: cerca de 95%.

PROBLEMAS LEVANTADOS PELAS PERMUTAS LESTE-OESTE

A procura potencial da Europa Oriental aumenta. O desenvolvimento deve-se às reformas económicas, elevação do nível de vida e à expansão industrial.

O balanço comercial destes países indica no entanto que não estão a desenvolver ao mesmo ritmo as exportações e as compras.

De 1950 a 1967 com excepção dos anos de 1960 e 1961 o balanço comercial da Comunidade com os países da Europa Oriental apresentou «déficit». A partir de 1968 o balanço foi positivo graças à diminuição do saldo negativo com a U.R.S.S. e ao aumento de saldo positivo com os outros países associados ao COMECON. Esta situação pode prejudicar o desenvolvimento ulterior das permutas se corresponder a um nível de saturação relativamente às exportações da Europa Oriental com destino à Comunidade.

As divisas de monta são além disso raras e as reservas de ouro soviético disponíveis para financiar as compras do Ocidente, são limitadas. Em 1960 e 1961 a União Soviética comprou grandes quantidades de cereais aos Estados Unidos e ao Canadá. Assistiu-se então a uma diminuição marcada nas compras de bens de equipamentos feitas pela Europa Oriental à Ocidental. Os «stocks» de ouro da União Soviética não parecem suficientes para manter simultaneamente as importações de bens de equipamentos e de outros produtos.

A ausência de livre-câmbio

das divisas dos países da Europa Oriental pode constituir um entrave técnico às permutas. Em 1973 os Estados associados do COMECON aplicar-se-ão conjuntamente no sentido de criar as condições necessárias destinadas à conversão do rublo e também numa conversão das moedas dos Estados associados entre si. Julga-se que as diversas medidas tomadas poderão levar a uma uniformidade em 1980. Até que tal processo esteja terminado utilizar-se-ão duas taxas uma para as permutas e outra para as operações não comerciais.

O problema real e imediato é no entanto ao que parece de ordem estrutural. As exportações dos países de Leste não se ajustam suficientemente às necessidades da Comunidade. Seria preciso modificar a estrutura das permutas Leste-Oeste. Este processo necessitará de numerosos anos para entrar em vigor.

Nos termos de uma decisão de 16 de Dezembro de 1969 o Conselho dos Ministros reconheceu que a conclusão dos acordos comerciais com os países do Terceiro Mundo cabia à Comunidade. Até 1 de Janeiro de 1973 o Conselho pode no entanto, a título excepcional, autorizar os países associados a negociar bilateralmente com os países da Europa Oriental. Quando um Estado associado tencionar negociar um acordo com um país do Terceiro Mundo informa a Comissão e os outros Estados associados enquadrados num processo de consultas. Sob proposta da Comissão o Conselho concede autorização para início das negociações. A Comissão verifica seguidamente o acordo assinado e se estiver de acordo com o esquema elaborado quando das consultas, a Comissão propõe ao Conselho autorizar o Estado associado às negociações finais. No dia 4 de Novembro de 1971 o Conselho propôs uma decisão definindo certas medidas transitórias tendentes a uma uniformização progressiva dos regimes de importação dos Estados associados, no que se refere aos países com comércio de estado.

A partir de 1 de Janeiro de 1973, a serem negociados acordos com os países da Europa Oriental, a Comissão apresenta o assunto ao Conselho que autoriza a iniciar negociações necessárias e pode fixar directivas. Estas negociações são conduzidas pela Comissão que se reúne com um comité especial nomeado pelo Conselho. O Conselho informa a maioria qualificada sobre a conclusão dos acordos.

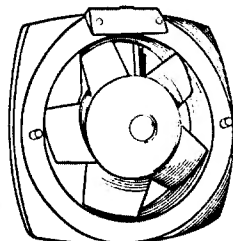
Os processos comerciais do



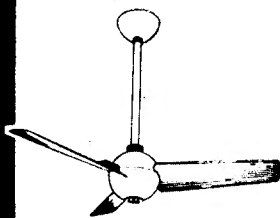
VENTOÍNSHA DE MESA



MINI-HOTTE



EXAUSTOR



VENTILADOR DE TECTO

TUDO EM VENTILACÃO



IMPORTADOR
ELMA, L. Porto - Lisboa



EUROPEIA

países associados da Comunidade modificaram-se. Os direitos alfandegários e os contingentes foram-se tornando cada vez menos significativos. Já não têm a mesma importância de há quinze anos quando se negociava os Tratados. As tarifas foram substancialmente reduzidas no decurso do Dillon Round e do Kennedy Round. As restrições quantitativas diminuíram consideravelmente. Até mesmo com a Europa Oriental as permutas cada vez se efectuam mais independentemente de contingentes no quadro dos mecanismos de vigilância de preços. E considerável a quantidade de isenções decididas no que se refere aos países da Europa Oriental. A República Federal da Alemanha ficou isenta em 77 por cento, a França em 90 por cento, a Itália em 81 por cento e Benelux em 92 por cento.

Em 1963 a fim de impedir as perturbações de mercado consecutivas referentes à isenção sobre as importações agrícolas sujeitas previamente a um sistema de controle das importações originárias da Europa Oriental. Este regulamento nunca foi aplicado. A sua existência terá impedido no entanto os exportadores da Europa Oriental de aproveitar deslealmente a isenção relativa aos produtos agrícolas e terá desencorajado toda a acção susceptível de prejudicar a Comunidade. Demonstrou pragmatismo e «souplesse» na sua política referente à Europa Oriental.

3. OS NOVOS INSTRUMENTOS DA POLÍTICA COMERCIAL

Os acordos comerciais já não são unicamente tratados de comércio. Sob o vocábulo cooperação cada vez adquirem maior relevo o auxílio técnico e financeiro e as disposições relativas à exportação de alvarás. Estes acordos tendem a tornar-se «acordos mistos» e o recente acordo entre a França e a U.R.S.S. «relativo à cooperação

comercial e económica de 1970 a 1974» constitui um exemplo típico.

Nota-se nova evolução no que se refere à conclusão de acordos prevendo o equipamento e instalação de fábricas que serão pagas pela exportação dos produtos que fabricam. Os países da Europa de Leste encontram-se pois em condições de equilibrar o seu balanço comercial.

No domínio de investimentos e créditos a Comunidade teria necessidade de uma base financeira semelhante ao Banco Americano de Importações e Exportações. O Banco Europeu de Investimentos poderia eventualmente desempenhar essa acção. Pertencer-lhe-ia tornar realidade de os meios mais apropriados para a cooperação das firmas privadas na procura de novos mercados.

Quanto ao sistema de crédito, foi proposto um projecto de regulamentação à Comissão do Conselho em 1970. Trata-se de um conjunto de regras referentes à duração dos créditos concedidos (cinco anos no máximo), ao montante dos pagamentos a exigir na encomenda e entrega bem como às taxas de interesse mínimo que os Estados associados deveriam respeitar como regra geral. Seria de toda a conveniência que a Comunidade previesse um sistema de derrogações no que se refere a equipamentos de excepcional importância (navios, aviões, conjuntos de fábricas, grandes equipamentos).

Existe actualmente um «gentleman's agreement» que fixa uma duração máxima de cinco anos para os créditos referentes às exportações para os países com comércio de estado. O assunto será retomado ainda este mês.

4. EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES DA COMUNIDADE COM OS PAÍSES DE LESTE

Os acordos técnicos
A Comunidade assinou acordos tecno-agrícolas com a Bul-



A exigência da prática de uma coexistência

gária, Hungria, a Polónia e Roménia. Se estes países garantirem um preço para os produtos agrícolas que exportam para a Comunidade, esta não cobrará montantes suplementares sobre estes produtos.

Os primeiros regulamentos agrícolas datam de 1965 e os últimos de 1971.

A Polónia e os textos de algodão

Em Fevereiro de 1972 a Polónia associada da Comunidade no acordo sobre os textos de algodão, manifestou a sua intenção de negociar um acordo do tipo dos que foram assinados pela Comunidade com os principais países fornecedores (auto-limitação das exportações e suspensão pela Comunidade das restrições quantitativas à importação).

Antes de negociar, certos países membros consideram oportuno que a Polónia confirme oficialmente a sua intenção de concluir o acordo com a Comunidade enquanto tal.

A Roménia e as preferências generalizadas

No dia 31 de Janeiro de 1972, o Ministro do Comércio Exterior da Roménia dirigiu uma carta ao presidente do Conselho das Comunidades solicitando a inclusão da Roménia entre os países beneficiários do sistema das preferências generalizadas da Comunidade. Trata-se da primeira carta oficial dirigida por um governo da Europa Oriental a uma instituição europeia.

As declarações de L. Brejnev sobre a Comunidade

No dia 20 de Março de 1972, ante o 15º Congresso dos sindicatos soviéticos o Secretário Geral do P.C. da U.R.S.S. reconheceu que o «Mercado Comum faz parte da situação real na Europa Ocidental».

O propósito de realização da conferência europeia para a segurança, cooperação e política da União Soviética na Europa de forma alguma se dirige contra o Mercado Comum.

As relações da U.R.S.S. com os membros do Mercado Comum dependerão da medida em que reconhecerem as realidades existentes na parte socialista da Europa, especialmente os interesses dos países que fazem parte do Comecon. A U.R.S.S. é a favor de relações económicas num pé de igualdade e é contra a discriminação.

Em Agosto de 1962 Krouchtchev pusera a questão da possibilidade de uma cooperação eco-

nómica não só entre os Estados com regimes sociais diferentes, mas igualmente entre as uniões económicas de que uns e outros fazem parte. As Trinta e Duas Teses sobre o Mercado Comum publicados pelo Pravda de 26 de Agosto de 1962 reconheciam a realidade da Comunidade.

5. AS RELAÇÕES DA COMUNIDADE COM OS PAÍSES DE ECONOMIA PLANIFICADA QUE NÃO FAZEM PARTE DA EUROPA ORIENTAL

A Jugoslávia

A Comunidade assinou em 16 de Março de 1970 um acordo comercial não preferencial com a Jugoslávia. Este país é considerado como um país da Bacia do Mediterrâneo. O acordo expira a 30 de Abril de 1973.

No plano de tarifas os dois partidos decidiram a entrada em vigor imediata das taxas resultantes do Kennedy Round.

No que se refere a certas espécies de carne bovina de fina qualidade — «baby beef» — a Comunidade regulamenta dentro do enquadramento de uma cooperação permanente entre os dois países. Por este motivo há a tendência de concessão à Jugoslávia de uma vantagem de ordem financeira mas não comercial.

A Comunidade definiu pela primeira vez num acordo comercial o alargamento da isenção de que beneficiarão as importações originárias de um país do Terceiro Mundo.

Cuba e as preferências generalizadas

O governo cubano pediu no começo de Fevereiro de 1972 para beneficiar do sistema das preferências generalizadas da Comunidade.

6. AS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS: PONTES ENTRE LESTE E OESTE

Dantes os países da Europa Oriental pouco se preocupavam com as regras do comércio internacional. Um só de entre eles, a Checoslováquia, era membro do GATT. Seguidamente ao acordo Kennedy a Polónia aderiu a este organismo e a Roménia tornou-se o octogésimo membro desde Novembro passado. A Hungria apresentou a sua candidatura e estão em curso as negociações referentes à sua admissão. A Bulgária desempenha o papel de observador.

A OCDE, a GATT e a Comissão Económica para a Europa da ONU desempenharam um

papel importante no melhoramento das relações Este-Oeste. Actualmente a ECE é o único cenário em que os contactos entre representantes da Comissão e os países de Leste se tornam possíveis.

7. PERSPECTIVAS

A Comunidade em alargamento tem que definir a sua política no que se refere à Europa Oriental. Torna-se-nos indispensável convencer os vizinhos das vantagens que lhes traz uma comunidade alargada acentuou o Presidente Malfatti ante o Parlamento Europeu no dia

8 de Junho de 1971. Os anos 70 deveriam marcar a consolidação de um novo clima com os países de Leste.

Quando da apresentação do programa de actividade da Comissão para 72 em Estrasburgo no dia 11 de Fevereiro, o Presidente Malfatti declarou que a Comissão, ao contribuir para a preparação da conferência sobre a segurança europeia, tem em vista novas formas comunitárias de colaboração e de permutas comerciais com a Europa de Leste.

VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA

UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS — A AUSTRIA Esc. 7.440\$00
Lisboa, Zurique, Salzburgo, Viena, Spittal, Cortina d'Ampezzo, Innsbruck, Zurique, Lisboa.

14 DIAS — TRIÂNGULO TURÍSTICO ESCANDINAVO Esc. 17.600\$00
Lisboa, Copenhaga, Jönköping, Nyköping, Estocolmo, Karlstad, Oslo, Gotemburgo, Lisboa.

8 DIAS — INGLATERRA, ESCÓCIA E OS LAGOS Esc. 7.470\$00

Lisboa, Londres, Chesser, Windermere, Carlisle, Edimburgo, Trossachs, Lago Lomond e outros lagos da Escócia, Newcastle, York, Londres, Lisboa.

25 DIAS — FASCINANTE ORIENTE Esc. 37.150\$00
Lisboa, Banguecoque, Manila, Tokio, Kamakura, Hakone, Atami, Nagoya, Toba, Ilha das Pérolas, Kyoto, Nara, Hong-Kong, Macau, Teerão, Lisboa.

8 DIAS — MARROCOS Esc. 8.100\$00

Lisboa, Casablanca, Rabat, Meknes, Fez, Marrakech, Casablanca, Lisboa.

15 DIAS — BRASIL E ARGENTINA Esc. 24.770\$00
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Buenos Aires, Lisboa.

16 DIAS — ESTADOS UNIDOS E CANADA Esc. 17.500\$00

Lisboa, New York, Filadélfia, Washington, Detroit, Cataratas do Niagara, Toronto, Montreal, Lisboa.

25 DIAS — O CONTINENTE AMERICANO Esc. 45.300\$00

Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Montevideo, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, México, New York, Lisboa.

13 DIAS — GRÉCIA E MÉDIO ORIENTE Esc. 17.740\$00
Lisboa, Istambul, Beirute, Cairo, Atenas, Lisboa.

28 DIAS — VOLTA AO MUNDO Esc. 48.155\$00
Lisboa, Beirute, Teerão, Banguecoque, Hong-Kong, Taipé, Osaka, Kyoto, Tokyo, Honolulu, S. Francisco, Washington, New York, Lisboa.

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:
Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro-Tel. 23291
Evora-Rua da República-Tel. 24254

PERSPECTIVA

A entrada da Inglaterra e de três outros países no Mercado Comum e a conferência cimeira dos dez chefes de Estado prevista para Outubro e que se prepara, não sem entraves, irão, para os trabalhadores, alterar qualquer coisa na Europa tal como ela é neste momento?

Para já, um certo número de actos mostra que a entrada da Inglaterra no Mercado Comum irá traduzir-se, e é previsível, por um recrudescimento da concorrência entre os gigantes da indústria e da finança tal como a corrida britânica sobre os valores da Bolsa de Paris.

Ora sempre que assim acontece, o patronato aumenta a compressão no plano social em nome da competição para se colocar em posição de força.

CUSTO DE VIDA E ÍNDICES DE PREÇOS

Os preços sobem incessantemente. As consequentes dificuldades de vida das populações é uma das preocupações mais prementes.

Segundo um trabalho publicado no «Financial Times», dedicado à evolução do custo da vida no mundo, em 1971, os aumentos de mais acentuada amplitude verificam-se nas cidades de Madrid e de Lisboa.

Não espanta, por isso, que no Anexo ao Boletim Mensal de Estatística, referente a Maio de 1973, e acabado de sair, na secção «Estudos e comentários», se publique um estudo que se chama «Custo de vida e índices de preços» que, pelo seu interesse pedagógico e motivador de reflexão transcreevamos.

1. Não erraremos se dissermos que o «custo de vida» é um dos assuntos mais apaixonantes da actualidade e, possivelmente de todos os tempos. Mas, se em épocas normais tal «custo» se aceita como ónus inevitável hoje a pressão que exerce sobre o bem-estar provoca constantes reclamações.

Propositadamente ao parágrafo acima não foi utilizada a frase «aumento do custo de vida» e figuram entre aspas palavras que se utilizaram como símbolos e que importa, para efeitos estatísticos, definir.

2. Custo de vida: Para que a ideia implícita na expressão tome forma que permita a sua medição ou avaliação e, portanto, evolução, é fundamental definir «vida» e definir «custo».

Neste contexto, por «vida» entender-se-á a soma de satisfações obtidas à custa do consumo ou utilização de um conjunto de bens ou serviços.

Quanto a «custo» poderá aceitar-se o conceito económico, pelo que o «custo de vida» será o valor obtido multiplicando os componentes da «vida» ou menor «padrão de vida» pelos seus preços unitários.

Acceitas estas definições «custo de vida» será o que se paga para se obter um dado conjunto de bens e serviços e dependerá desse conjunto (padrão de vida) e dos preços unitários.

Assim o «custo de vida» poderá variar (valor monetário) sempre que variarem os preços ou o padrão de vida ou os dois simultaneamente. O que não quer dizer que todas as alterações de uns ou de outro produzam necessariamente alterações do custo.

Então se tivermos fixado um padrão e determinado o seu custo numa dada época um índice do «custo de vida» que caracterize uma época subsequente, só pode ser obtido comparando o custo do padrão vigente nessa nova época com o do que vigorava na época de referência.

Esta aritmética do índice de nível elementar tem porém um apoio estatístico bastante oneroso. Com efeito obriga à medição do padrão de vida em cada época e à colheita de um número elevado de preços.

Considera-se em geral que a colheita dos preços é dessas tarefas a menos onerosa e, com um certo optimismo, admite-se que o padrão de vida é de evolução mais lenta.

Convém aqui esclarecer que as evoluções de preços e de padrões não são independentes e que portanto a lentidão de uma dessas séries permite supor a da outra e ainda que, a acceite constância do padrão de vida perde-se, justamente em épocas de rápida evolução dos preços, trocando-a por apreciável mobilidade.

E perante estas permissas, válidas por assim dizer em tempos de paz, que se abdica da possibilidade prática de ter um índice de custo de vida, e nos contentamos com um índice de custo de um padrão constante só influenciado pelas alterações dos preços e que não é portanto mais do que um índice de preços. Ora é justamente quando «a paz» é perturbada que o índice se torna mais procurado e, nessa altura ele não é um indicador capaz do «custo de vida» porque as premissas deixaram de ser válidas.

3. No parágrafo anterior foi sublinhado um índice de preços e isto porque embora as variações que tal índice acuse sejam exclusivamente resultantes das variações dos preços estas podem dar origem a vários índices consoante a maneira como são associados os preços, isto é, consoante o «padrão de vida» que por intermédio deles se valoriza.

Então, um índice assim construído só traduz o efeito das variações de preços quando associados a um esquema de consumo fixo: é pois um índice de preços particular que utilizado fora do âmbito em que é lícito só será válido em condições especiais.

Estas considerações têm em vista, por um lado esclarecer contra o uso indevido de um índice de preços já de si fraco substituto de um índice de custo de vida, por outro lado pôr em destaque o valor limitado de um único índice de preços de âmbito geral. Com efeito um índice deve ser uma peça orientadora de acção. Ora, se o padrão de vida traduzido pela sua estrutura for a média de uma população de padrões diversos, cada um característico, na época base, de um determinado agrupamento humano ele só permitirá dizer que as variações de preços afectam o cidadão médio de determinada forma e, como a acção correctiva não pode ser dirigida ao cidadão médio que constitui uma ficção, tal índice não pode orientar essa acção.

Um caso típico deste aspecto dos índices, embora de âmbito mais geral porque tem efeito mesmo nos índices mais particulares é o das rendas das habitações. Com efeito um grupo, ainda que particularizado ou homogeneizado com referência ao seu padrão de consumo numa dada época, é sempre heterogéneo perante a habitação uma vez que a influência desta no orçamento e o preço por que é paga dependem, não da época observada, mas da época em que foi contratada. Ao definir preço da habitação numa época subsequente poderá optar-se pelo preço global das habitações ocupadas tal como na base e, de acordo com o que o índice indicará agir perante o problema habitacional. Porém se tal se fizer, poderá dizer-se que esse é o reflexo da habitação no cidadão médio mas não no cidadão que procura habitação e é este o real problema habitacional que o índice não permitirá avaliar. O índice da habitação útil será o que reflecte os preços do mercado, e a sua incidência no orçamento não poderá ser avaliada pela sua inclusão num índice geral de preços.

4. Note-se que o aspecto que atrás foi focado está influenciado pela circunstância de se ter admitido, o que de resto é prática corrente, que o índice de preços se apoia num «padrão de vida» observado na época base.

Este procedimento obriga a alguma cautela. De facto, ao observar-se numa dada época o padrão de vida não se procede a nenhum juízo de valor desse padrão, simplesmente se aceita. Então, se o índice não acusar subida conclui-se que tudo vai bem, embora a única conclusão válida devesse ser que, tudo continua na mesma, pois o índice nada diz da evolução do padrão de vida e este, embora observado, pode ser deficiente. Este aspecto

reforça a limitação do uso do índice de preços como índice de custo de vida.

Esta deficiência do índice poderia minorar-se se em vez de recorrer a um padrão de vida observado se utilizasse um padrão de vida desejado de acordo com uma finalidade a alcançar. Se assim se procedesse o índice daria informação da evolução do custo desse «desideratum» e permitiria avaliar em que medida o nível de salários ou de ordenados permitia alcançá-lo.

5. Finalmente algumas referências a «bem-estar». Ao apreço o significado de custo frisou-se que se tratava do seu conceito económico. Acontece, porém, que o que se sente não é só esse custo mas antes a dificuldade, ou mesmo impossibilidade, em obter o que se deseja, dificuldade e impossibilidade estas que podem ter várias origens e que no fim são de facto o «custo» da vida: o que ela custa, o trabalho que ela dá, a incapacidade de alcançar o que se deseja.

Neste aspecto, cada vez que o mercado é enriquecido por novas mercadorias a vida torna-se mais difícil quer essas mercadorias, patentes a todos, possam ou não ser adquiridas e isto mesmo sem entrar em linha de conta com a emulação. Uma nova técnica terapêutica impõe a obrigação ao seu uso se necessária e o não poder recorrer a ela aumenta o «custo» da vida, o custo que se sente, se não o custo efectivo uma vez que não possa utilizar-se.

6. Têm estas considerações uma dupla finalidade. A primeira é de pôr em destaque as limitações de um índice de preços como peça de análise económica e portanto utilizado por especialistas, a outra é a de o apresentar como incapaz de representar o que se sente como «custo de vida» incapacidade de que tantas vezes é acusado sem contudo ter essa pretensão.

Acrescente-se ainda, para finalizar, que a colheita de preços é a operação mais delicada na construção de qualquer índice em que intervenham, e isto tanto pela dificuldade em definir e acompanhar qualidades (ou seja produtos, ou serviços) como pela delicadeza que acompanha a obtenção da informação.

(IN)CONOMIAS

O prédio era de luxo! Não podia dispensar as decorações na entrada com uma assinatura conhecida nem a secretária envernizada do porteiro impecavelmente fardado ou o telefone quase semelhante a um P.B.X., — o prédio era de luxo!

Os elevadores tinham de ser quatro, cheios de botões modernos e luzes indirectas para atender às necessidades dos inquilinos importantes. E as lâmpadas, as passadeiras de cores vivas, as flores e os tapetes antes das passadeiras eram também indispensáveis.

Tudo isto tinha de ser de um luxo tão grande como grande era a situação difícil que o senhorio para si criara ao gastar mais e mais depressa do que os bancos lhe creditavam. Havia que economizar a todo o custo!

O senhorio pensou maduramente no assunto. E, por fim, com um sorriso aberto iluminando-lhe o rosto normalmente ensombrado pelos problemas de luxo dos prédios de luxo, encontrou a solução: a farda impecável do porteiro impecável em vez de dezoito poderia ter apenas oito botões dourados.

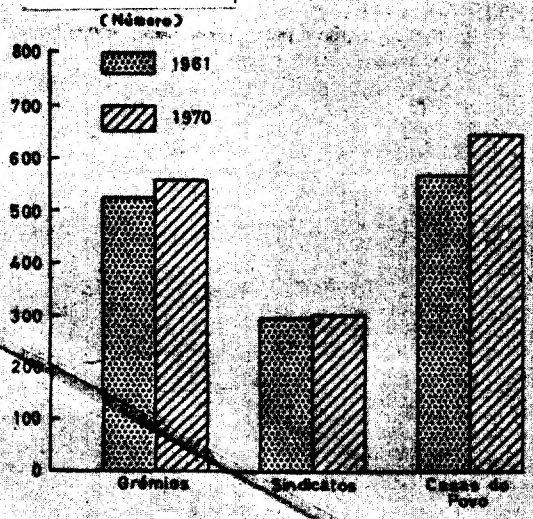
M.E.

7 ORGANIZAÇÃO CORPORATIVA

N.º de org. corp. primários em actividade

Distritos	Grémios		Sindicatos Nacionais		Casas do Povo		Casas dos Pescadores	
	1969	1970	1969	1970	1969	1970	1969	1970
Continente	549	539	295	296	626	645	23	23
Aveiro	21	21	23	23	17	18	1	1
Beja	15	15	3	3	61	61	—	—
Braga	23	23	18	18	94	96	—	—
Bragança	16	16	3	3	40	40	—	—
Castelo Branco	12	12	6	6	30	31	—	—
Coimbra	29	29	17	17	28	28	1	1
Évora	15	15	5	5	44	44	—	—
Faro	23	23	10	10	22	22	5	5
Guarda	17	17	5	5	19	19	—	—
Leiria	26	26	13	13	10	10	2	2
Lisboa	138	147	87	88	17	18	3	3
Portalegre	18	18	5	5	56	56	—	—
Porto	98	99	53	53	22	26	4	4
Santarém	29	29	9	9	47	54	—	—
Setúbal	16	16	18	18	16	16	4	4
Viana do Castelo	13	13	9	9	19	21	3	3
Vila Real	17	17	4	4	42	44	—	—
Viseu	23	23	2	2	42	41	—	—

Org. Corporativa - Continente



Profissionais inscritos em algumas ordens e sindicatos

Continente (n.º)

	1968	1969	1970
Ordem dos Advogados	2 297	2 459	2 485
Ordem dos Engenheiros	6 041	5 973	6 033
Ordem dos Médicos	(a) 8 280	7 831	7 960
Sindicato Nacional dos Ajudantes de Farmácia e Oficinas Correlativas	3 350	3 582	3 791
Sindicato Nacional dos Empregados Bancários	19 131	20 505	22 215
Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem	8 711	9 161	9 561
Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores	2 307	2 382	2 483
Sindicato Nacional dos Farmacêuticos	2 451	2 508	2 578

(a) Os médicos foram contados tantas vezes quantas as especialidades que exerciam.

COELIMA

1.ºS JOGOS FLORAIS NACIONAIS DO

C.A.T. COELIMA

PRAZO DE ENTREGA

31 AGOSTO 1972

Lencois COELIMA — Pevidem

INALTERA

toda uma gama de decorações murais

- papeis pintados
- revestimentos metalizados
- veludos antigos
- panorâmicas

Para descobrir em

DECOMUR

AGÊNCIA DE DESENHO E CRIAÇÃO

AGENTES EM TODA A EUROPA

ONKYO

CANAIS STEREO

SOM CIRCUNDANTE